EX BIBLIOTHECA
ANTONIO CAPUCHO

ALBUM LITTERARIO
E ARTISTICO

FOLHAS D'OURO

ALBUM LITTERARIO
E ARTISTICO

FOLHAS D'OURO

GENTILMENTE COLLABORADO

POR

ESCRIPTORES E ARTISTAS PORTUGUEZES

LISBOA, MCMXVII

TYP. DOS CAMINHOS DE FERRO DO ESTADO

415

Conseguimos realisar esta publicação sem o menor dispendio mercê do altruismo e generosidade de todos que para ella gratuitamente concorreram.

Reverte assim para o Sanatorio dos Empregados Tuberculosos dos Caminhos de Ferro do Estado *o producto total da venda d'este livro.*

Foi offerecido,—o papel por Fabricas, Casas commerciaes e por uma caridosa anonyma, que mais uma vez nos auxiliou; —o trabalho typographico, tintas e materiaes necessarios, pelo pessoal da Typographia dos Caminhos de Ferro do Estado; as zincographias pelo desenhador-gravador dos Caminhos de Ferro do Estado e a brochura pelo encadernador dos mesmos Caminhos de Ferro.

A parte litteraria e artistica é devida aos brilhantes collaboradores que ao nosso appello corresponderam.

A todos significamos os protestos do nosso profundo reconhecimento e prestamos homenagem inscrevendo os seus nomes nas paginas que precedem as Folhas d'Ouro.

Carlos de Vasconcellos Porto

A. d'Azevedo Castello Branco
Adriano Morgado Camêlo
Affonso de Dornellas
Affonso Lopes Vieira
Agostinho de Campos
Alberto Marques Pereira
Alberto Monsaraz (Conde de Monsaraz)
Alberto Pimentel
Alfredo da Cunha
Alfredo Passanha
Alfredo Pimenta
Alfredo Pinto (Sacavem)
Alvaro de Castelões
Alvaro de Paiva
Ana de Castro Osorio
Antonio Candido
Antonio Corrêa d'Oliveira
Antonio da Penha e Costa
Antonio Sardinha
Augusto Gil
Augusto de Lacerda
Augusto de Santa-Rita
Ayres de Ornellas
Ayres de Sá
Bento Carqueja
Bernardo de Passos

Branca de Gonta Colaço
Caïel
Candido de Figueiredo
Candido Guerreiro
Carneiro de Moura
Cesar de Frias
Christovam Ayres
Conde de Sabugosa
Cruz Magalhães
Cruz Moreira (Caracoles)
Cunha e Costa
Domitilla de Carvalho
E. Severim de Azevedo (Crispim)
Eduardo Garrido
Eduardo Schwalbach Lucci
Ernesto de Vasconcellos
Eugenio de Castro
F. Gomes Teixeira
F. de Macedo Lopes
F. Rangel de Lima
Fernandes Costa
Francisco de Queiroz
Francisco dos Santos-Viegas
Garcia Pulido
Gomes de Brito
Guerra Junqueiro

Henrique Lopes de Mendonça
Hippolyto Raposo
Hygino Mendonça
J. A. Moreira d'Almeida
J. C. Rodrigues da Costa
J. Leite de Vasconcellos
J. de Oliveira Simões
Jaime de Magalhães Lima
João do Amaral
João Costa
João de Deus Ramos
João da Rocha
João Saraiva
Joaquim Leitão
José Antonio de Freitas
José Caldas
José Coelho da Cunha
José Victorino Ribeiro
Julio Brandão
Julio de Castilho
Julio Dantas
Lourenço Cayolla
Luciano Pereira da Silva
Luís de Almeida Braga
Luiz de Magalhães
Luthgarda de Caires

Manoel d'Arriaga
Maria Amalia Vaz de Carvalho
Maria Candida Parreira
Maria de Carvalho
Maria José de Azeredo Teixeira de Aguilar
Maria Magdalena de Martel Patricio
Maria O'Neil
Mario Beirão
Martinho da Fonseca
Mayer Garção
Mécia Mousinho de Albuquerque
Pinto de Carvalho (Tinop)
Ricardo Jorge
Ruben de Lara
Santos Farinha
Silva Campos
Sousa Costa
Teixeira de Paschoaes
Teixeira de Queiroz
Vicente Almeida d'Eça
Vicente Arnoso
Virginia de Castro e Almeida
Visconde de Villa-Moura
Xavier de Magalhães (Gamalhães)

Affonso de Dornellas
Alfredo Guedes
Carlos Reis
Emilia Santos Braga
Felix da Costa
Helena Gameiro
J. V. Salgado
João Vaz
Jorge Colaço
José Albino Armando
José Campas
José Malhôa
Luiz Costa
Luiz de Freitas Branco
Maria Alexandrina Ferreira Chaves
Maria da Conceição de Lemos Magalhães
Roque Gameiro
Teixeira Lopes
Visconde de Moraes Sarmento
Visconde de Sacavem (José)

Casa Portugueza
Carlos Correia da Silva
Companhia do Papel do Prado
Domingos & Lavadinho
Escola Naval
Fabrica Matrena
Fabrica de Papel da Abelheira
Jeronymo Martins & Filhos
João Maria Guilhermino da Silva
Manoel Igreja
Paulino Ferreira
Pessoal da Typographia dos Caminhos de Ferro do Estado
Photographia Bobone
Sociedade de Geographia
Viuva Macieira & Filhos

... *Sr. Carlos de Vasconcellos Porto*

Um dia buscou-me V. solicitando o meu laudo sobre qual seria o melhor assento para o sanatorio dos empregados tuberculosos dos caminhos de ferro do Estado, a respeito do qual se haviam suscitado alvitres antagonicos. Embora me não julgasse com a precisa autoridade dirimente, exprimi a opção pelo sitio de S. Braz de Alportel por parecer que essa estancia satisfazia á maioria das indicações clinicas.

Interessou-me a empresa filantropica a cuja organisação V. se via bem devotar-se de corpo e alma, e, como para a sua ajuda material estivesse compondo um album artistico e literário, lembrou-se V. de que fosse eu o prefaciador do volume. Acedi fragilmente á sugestão sem ter em conta que no torvelinho duma vida mais perturbada que nunca, me faltaria ocasião pro-

pria para desempenhar-me do compromisso. E assim sucedeu desastradamente — venho envergonhado demandar um perdão que a sua bondade me concederá, fazendo votos porque a piedosa obra de seus cuidados se desentranhe em bens aos desgraçados a quem a tuberculose tocou.

Vai para vinte anos que o flagelo despertou entre nós uma iniciativa comovida e fecunda, por parte das classes afortunadas, da gente do poder e da gente do saber. Não fomos nós portuguezes dos ultimos, antes a tempo e a horas, nos graduamos na cruzada contra a peste social por excelencia. Ahi estão as instituições da Assistencia Nacional dos Tuberculosos *a proclama-lo para todo o sempre, e entre elas algumas, taes como os dispensarios, que honram o nome do seu creador, o Dr. Antonio de Lencastre.*

Nos anos ultimos este movimento caritativo e profilatico entrou de quebrar; afrouxaram os propositos, enfraqueceu-se a iniciativa, falharam os meios. Como que a tuberculose passara de moda — como se fôra algum mal de ocasião, que, depois de cevado, nos largasse. Tornamo-nos a hipotecar ao monstro adamastoriano que

nos leva as vidas insaciavelmente; pagamos o tributo sem dar conta. Mais alentados foram os nossos maiores, que nos deixaram uma lição viva de higiene radical e obstinada no combate da lepra, luta que durou seculos até á sufocação do mal, cobrindo o país dos vestigios sobreviventes das inumeras gafarias.

Quando semearemos assim os modernos sanatorios por esse Portugal fóra?!

Modestamente e sem ruido lá vai erguer-se na suave região algarvia mais um monumento dessa assistencia social. Reitero-lhe as minhas obscuras saudações á instituição e aos seus instituidores. Que a todos bem haja e bem suceda.

Lisboa, 29-5-17.

De V., etc.

RICARDO JORGE

MANTILHAS DE RENDA

Mantilhas pretas, mantilhas brancas, de *blonde*, de Chantilly, de aplicações em tule, de rendas espanholas pesadas e ricas...

Mantilhas pretas, mantilhas brancas, emoldurando perfis pálidos e finos de fidalgas, descendentes das grandes casas de Portugal, onde houve guerreiros, cardeais, ministros e toureiros. Antepassados dessas fidalgas finas, de cabelos brancos, que vestiram as cotas de malha para combates medievais, os hábitos duros de burel dos monges, os gibões de veludo e arminhos dos vice-reis da India, as casacas de seda com os espadins da côrte, sempre leais, sempre valentes, sempre devotos, como fidalgos portuguezes dignos de o serem!

Subindo a escadaria de azulejos do palacio antigo, espalhando-se pelas salas de damascos vermelhos e amarelos, iluminadas pelos lustres de velas e candelabros de prata, as mantilhas pretas, as mantilhas brancas, enfei-

tadas pela riqueza das joias historicas, misturavam-se, confundiam-se, com as casacas negras dos homens, as gran-cruzes, as comendas de brilhantes, na grande gala daquela noite de Natal!

Meia noite!

Abriu-se a capelinha de azulejos, o orgão cantou dôcemente, no silencio das salas, elevaram-se vozes frescas em cantos gregorianos, curvaram-se de devoção as mantilhas pretas, e as mantilhas brancas, e a missa começou...

A Nossa Senhora linda do altar, que viu na sua capela de campanha a tragica batalha do Ameixial, que viu partir em derrota o pendão azul cheio de estrelas de D. João de Austria, que deu alento e coragem aos valentes companheiros do Conde de Vila Flôr, que deu resignação aos prisioneiros que os portugueses trouxeram de vencidos, que viu mortos, feridos, sangue escorrendo a jorros nessa planicie abrazada do Alemtejo, onde o sol quente de Junho amadurecia os trigais esmaltados de flôres, via agora a seus pés um tapete de rendas, leve, fino e transparente, as rendas historicas, antigas ou modernas, de *blonde*, de tule, portuguesas ou espanholas, das mantilhas brancas, das mantilhas pretas, tapete fino de rendas leves, que se curvava, tremendo na mesma devoção, aos pés da Virgem de sorriso dôce!

O vento lá fóra, do lado do mar, soprava, gemia, enfurecido como um espirito diabolico que ali quizesse entrar naquela sala antiga, interromper a missa, apagar as luzes, levar num turbilhão as rendas das mantilhas, as rendas dos altares, e soprava, gemia, atirava-se com a chuva contra as janelas num esforço, numa furia, por não poder entrar!

Rezava-se e pensava-se, aos gemidos do vento, nos que andavam sobre as aguas do mar...

Seguia a missa nos rituais do estilo; os sons do orgão aveludados, cheios, acompanhavam numa harmonia dôce o *Tantum ergo*. Era o instante supremo e santo do levantar a Deus. Curvaram-se todos no mesmo movimento de humildade, ao erguerem as mãos pálidas do padre a Hostia Consagrada, ao erguerem o calix de ouro, o corpo e sangue do Redemptor, que se oferecia a nós á mesma hora em que ha dois mil anos, humilde e pobresinho, nascia numas palhas para remir o mundo!

As velas da grande sala brilhavam com mais luz, os retratos dos antepassados pareciam animar-se na devoção daquela hora, os olhos brilhavam comovidamente de lagrimas, as mãos erguiam-se numa prece, quando o Bemdito écoou na casa toda, e o tapete de rendas das mantilhas brancas, das mantilhas pretas, emoldurando os perfis pálidos das fi-

dalgas, de olhos baixos, de mãos postas, avançava de vagarinho, cantando sempre, até á toalha de rendas da Sagrada Comunhão!

Lentamente, dôcemente, como sombras, deslisavam e ajoelhavam, e o tapete de rendas movia-se devagarinho, num *frou-frou* leve de sedas! Rezou-se com mais força, pediu-se com mais alma, Nossa Senhora sorria, acolhia, perdoava e abençoava, e por todas as bôcas passou o murmùrio suave das Avè-Marias.

Acabou-se a missa. As mantilhas brancas, as mantilhas pretas, de novo se espalharam pelas salas, emoldurando os perfis menos pálidos agora, com os olhos mais brilhantes, rejuvenescidos por momentos por aquela deliciosa vibração mystica das almas!

Pelas salas de damascos e azulejos, pela casa de jantar, de moveis ricos de pau santo, onde as baixelas da India punham uma nota exotica do Oriente conquistádo, de novo se confundiram as mantilhas pretas, as mantilhas brancas, de *blonde,* de Chantilly, de rendas espanholas, pesadas e ricas, com as casacas negras dos homens, as gran-cruzes, as comendas de brilhantes, na grande gala daquela noite de Natal!...

Do livro *Rendas*, em preparação.

MARIA MAGDALENA DE MARTEL PATRICIO

O LÁBARO REDEMPTOR

A FOGA o sangue a Europa. Os despotas da terra
Agitam sob o ceu os seus pendões de guerra!
E a sciencia que é tambem, como tudo, servil
Os seus recursos pôz, por fórmas mais de mil,
Ao dispôr d'esse abutre a que se chama: MORTE.
Assim do Leste ao Oeste e desde o Sul ao Norte
Não sabe a féra-humana o que mais inventar
N'essa arte complicada, horrivel de matar.
E por isso eu não posso, ante tanta desgraça,
Sem commoção olhar a Redempção que passa,
E d'aqui vos saúdo, ó nobres cidadãos
Que a mais bella bandeira ergueis em vossas mãos!
Esse pendão que diz nas letras rutilantes
D'uma palavra só pensamentos gigantes,
Esse pendão de gloria, esse pendão d'amor
Que em suas dobras tem curado tanta dôr,
Não será vosso só, pois é da Humanidade
Mas sois vós que o ergueis á luz da CARIDADE!

Porto, 8 de Setembro de 1916.

ALVARO DE PAIVA

SOLIDARIEDADE SOCIAL

Não são numerosas, mas são brilhantes, as obras de solidariedade social que se contam em Portugal. Nenhum povo as tem mais belas. As Misericordias são manifestações magnificas da alma dêste povo.

O Sanatório dos ferro-viarios, em S. Braz de Alportel, ha de constituir mais uma estrofe dêsse poema de amor.

Oxalá.

1916.

BENTO CARQUEJA

TROVAS DO LONGE

I

No meu sangue (eu bem n'a sinto)
canta-me uma voz antiga...
O avô Fernão Mendes Pinto
ensinou-me esta cantiga.

II

E ando ouvindo, a sorrir,
a voz que me anda cantando;
mas tenho saudades de ir
e saudades de ir ficando.

III

De longe cantam-me os céus,
pertinho, as ondas a arfar.
«A minha alma é só de Deus
e o corpo da agua do mar.»

IV

Seja da luz ou da treva
a vaga voz vai e vem...
Quem morre, saudades leva,
quem vive, saudades tem.

AFFONSO LOPES VIEIRA

Um torneio

O SONHADOR

Preferi ser sonhador — sonhar sonhos de que o tempo faz verdades.

Escolhe tu para ti, se te seduz, — o assaltar e o ferir, e o combater, — o edificar, e as penas e as fadigas. — Contarás as cidades que fundáste, — quantos homens por ti já foram mortos. — Correrá no mundo inteiro a tua fama, — por ti se ergueram aplausos e clamores. — E, oprimindo, abriste o teu caminho.

Eu sonho!

E posso vêr o que não vês — um exército de homens — diante de mim passando a desfilar, — os que combatem e aqueles que trabalham, — e muitos outros, todos, da frente á retaguarda. — Ei-los, lá vão levando bandeiras e estandartes, — os melhores e os peiores. Mas, ah! são os pobres sonhadores que vão na frente!

Foi assim que eu preferi ser sonhador — sonhar sonhos de que o tempo faz verdades.

Ernest Crosby
(Swords and Plowshares)

Versão portuguesa de
Jaime de Magalhães Lima

CREPUSCULO

Hora das vagas sombras animadas,
Hora crepuscular, de indecisoens,
De poentes a morrer, de madrugadas
Nascendo embriagadas de clarões;

Hora das vagas sombras encantadas,
E das moiras passando em procissoens,
O hora das Princezas desthronadas,
E das minhas doentes emoções;

Ó hora do meo sonho incomprehendido,
Da minha singular melancholia,
Ó hora do meo tedio e meo desdem;

— Ponho em ti, lentamente, o meo sentido,
Á espera de um minuto que sorria
A esta vida em que não ha ninguem!

1916.

Alfredo Pimenta

O MAIOR FLAGELLO

A circular da Direcção do Sul e Sueste, solicitando a collaboração para um livro de impressões sobre a tuberculose, começa por affirmar que «dos muitos flagellos que opprimem a humanidade, este não é com certeza o menor». Eu digo que com certeza é o maior. O caracter endemico do terrivel morbo, a violencia da sua marcha, as enormes difficuldades do seu tratamento, e o perigo de contagio em que colloca as familias, dão bem a medida da sua gravidade, principalmente nos paizes onde os elementos de combate são apoucados.

Não é Portugal a nação mais victimada pela tuberculose. Uma estatistica recentemente publicada por Bento Carqueja, no seu livro *O Povo portuguez*, diz-nos que, por cada 100 mortos de todas as doenças, fallecem 5,71 tuberculosos — percentagem esta que sóbe consideravelmente em todas as outras

nações da Europa. Ao menor coefficiente de mortalidade pela tuberculose corresponde, porém, entre nós, uma deficiencia lamentavel nos meios prophylaticos e curativos. As nossas installações sanatoriaes estão limitadas a um numero restricto de leitos; a hospitalisação de que dispômos é ainda mais pobre; as condições hygienicas geraes da nossa população deixam muito a desejar; em summa: a nossa educação anti-tuberculosa é nulla e os recursos de defeza que deviamos ter em casos averiguados não existem. Por isto, o professor, dr. Antonio de Lencastre, estudando a tuberculose nos ricos, asseverou que só nas classes elevadas deve contar-se em Portugal uma media de 30:000 tuberculosos por anno.

Esta affirmativa de tão auctorisada capacidade scientifica devia ser affixada em todas as paredes das nossas grandes cidades; devia fazer-se com ella uma propaganda intensa e ininterrupta, de modo a incutir-se no animo das pessoas, cujos bens de fortuna lhes permittam uma justa contribuição para o combate do mal. O risco gravissimo que pelo alastramento da tuberculose nas classes infimas, correm as pessoas bem tratadas, é de todos os argumentos o mais eloquente para as convencer da necessidade de se defenderem, concorrendo para a intensificação da campanha. E esse risco é tanto mais terrivel

quanto o desventurado que no nosso paiz o mal ataca não tem, se é desprotegido da sorte, um asylo que o recolha.

Eu digo como me encontrei embaraçado e afflicto quando, no meu modesto lar, se produziu um caso de tuberculose.

Pobre, vivendo do meu trabalho quotidiano, sem grande conforto, embora prestando vassallagem ás prescripções communs da hygiene, vi um dia um de meus filhos tornar-se pallido, fraco, regeitando o alimento, tossindo e entristecendo. Estava na idade perigosa dos vinte annos, e trabalhava de cinzelador de prata n'uma officina do Porto. Correndo frio e chuvoso o mez de Janeiro, a conjectura que logo formei foi a de que o rapaz se tivesse constipado. Tornaram-se, porém, inuteis todos os cuidados. Ao cabo de algumas semanas, o dr. Ferreira de Castro, illustre clinico e grande coração amigo, tomando-me de parte, fez-me sentir a necessidade de presumir em meu filho um ataque de tuberculose pulmonar. Que consultasse um especialista.

O dr. Antonio Ramalho, insigne auscultador, gloria da nossa medicina anti-tuberculosa, foi o escolhido, e por seu conselho, o dr. Sousa Junior, notavel bacteorologista, e, ao tempo, professor da Escola Medico-Cirurgica do Porto, fez a analyse da expectoração,

affirmando ter encontrado o bacillo de Koch. Não restava a menor duvida. Era forçoso retirar o doente de casa. Para onde?

A hypothese do Sanatorio Sousa Martins não tardou a ser posta de parte. Os logares para indigentes todos estavam tomados, e a pensão estipulada para os logares pagos, mesmo as despesas e encargos d'uma cautelosa viagem do Porto para a Serra da Estrella, iam muito além dos magros recursos de um jornalista. Em Manteigas, onde a differença dos gastos não era consideravel, desenvolvera-se uma epidemia de typhos. No Porto não havia meio de hospitalisar o doente, e os suburbios da cidade não offereciam as condições de temperatura e altitude requeridas para a cura. Que fazer?

Os dias que passei na impossibilidade da resolução do problema, foram de lancinante tortura.. A doença avançava, repetia-se a hemoptise assustadoramente, redobravam os suores, e, nas longas noites de insomnia, a tosse de meu filho trazia-me aos ouvidos os seus golpes seccos e violentos, como martelladas n'um ataúde que se préga. Senti-me em presença do maior flagello. Um filho na flôr da mocidade a anemisar-se e a extinguir-se, seus irmãos expostos ao contagio, sua mãe debulhada em lagrimas, a minha mente desvairada, o meu trabalho suspenso,

a remoção do doente — um enygma. Dias tristes de ameaça, de perigo, de desalento, de lagrimas, de desespero!

Resolvi-me então a percorrer a linha do Douro, em busca de um sitio na montanha, onde acaso houvesse uma cabana devoluta, a distancia que me facultasse uma visita semanal, e pelo menos a 400 metros acima do nivel do mar. Encontrei-a, por fortuna, nas alturas de Baião. Na encosta de um monte, onde rebanhos de cabras pastavam, os ventos eram quebrados pelas collinas circumjacentes, a luz solar cahia a jorros, o ar embalsamava-se nas moitas virgens do montado. Era esplendido.

Outras embaraçosas difficuldades, porém, se me depararam: as reparações da casota, a mobilia, a cosinha, os fornecimentos, um medico assistente, uma enfermeira, um criado, todos os serviços de que o doente necessitasse n'aquella solidão, não seriam cousas faceis de obter, se a grande alma do dr. Antonio Ramalho me não ajudasse a alcançal-as com a mesma sollicitude e o mesmo desinteresse que a sua proficiencia de medico, auxiliada pelo dr. Monteiro, do Juncal, salvou meu filho, libertando-o de todo o perigo, ao fim de quatro mezes de retiro e de repouso.

Os dispendios, os sacrificios, os desarranjos de vida que este improvisado sanatorio

me impôz, não são materia que se exponha nos limites d'este escripto. Adivinhe os lances de supplicio que soffri, quem tenha tido a desgraça de ser alvejado pelo maior dos flagellos; e áquelles que por favor do destino ainda o não foram, logrando em suas casas, a vida, a alegria, o amor, a descuidada ventura que nenhuma sombra perturbe, fique a dura lembrança de que, n'um momento, todos esses bens podem perder. Basta que o morbo traiçoeiro entre em casa de um visinho, ou se desprenda a qualquer canto da rua, do muco viscoso expectorado por algum infeliz.

Porto, 1916.

José Victorino Ribeiro

MARIA YOLANDA

I

Passou por nós como a alegria passa,
Que ainda mal passou, não mais se sente;
Só quinze anos floriu a sua graça,
Aurora no crepusculo do poente.

Percebo anjos assim que Deus os faça:
Rosto de imagem, voz e olhar ardente,
Na belesa suavissima da Raça,
Toda a alma febril da minha gente!

Via meu Pae fitar-me nesses olhos;
Talvez por isso a mão de Deus fechou-lhos,
Ver quem está morto é contra a sua lei.

Já dorme sob a humilde campa raza,
Vae-se um por um extinguindo a nossa casa,
Deus quer que eu seja o ultimo... Serei.

II

Deus quer que eu seja o ultimo de tantos
Que já foram dos meus antes de mim;
Ao cabo desta vida sem encantos,
O sangue do meu sangue tenha fim.

Chorando os mortos, a chorá-los, canto-os,
Ninguem me chorará, Deus quer assim:
Neste vale de lagrimas e prantos,
Só para ser o ultimo é que eu vim!

Aos que adormecem fico de vigilia...
Tu que eras a mais linda da familia,
Nos ceus, se a Graça alguma graça obtem,

Pede á virgem e aos santos medianeiros
Que eu lá seja, onde os meus são dos primeiros,
O ultimo dos ultimos tambem.

Setembro, 1916

Alberto Monsaraz
Conde de Monsaraz

BEIJO DE AMOR

Um beijo de amor é a symphonia do mais bello sonho, a graça da vida, como que o limite da esperança no início da posse. É a confissão do desejo, a promessa de um fructo expressa no aroma de uma fiôr, um desmaio da resistencia. Tem a frescura da fonte e o fogo do vulcão. Refrigera e queima; consome e edifica. Ao contacto de labios com labios, a natureza denuncia-se e um sol divino torna-a creadora.

Eduardo Schwalbach Lucci

ESTUDO DE CREANÇA

TEIXEIRA LOPES

ÁS PORTAS DE FEZ

I

A' hora da azalá de azohbi.

—«Allah Akbar!... Allah Akbar!...»—E o claro grito
Canta ao vago luar da antemanhan
As altas glorias immortaes do Islam,
E sóbe, e vae perder-se no infinito...

—«Allah!...»—Só elle é grande, e está escripto
Que a vida humana é transitoria e van...
E ha desmaios na verde Aldebaran,
E incendios d'oiro elevam-se do Egypto...

Dorme ainda o aduar. Uma palmeira,
Junto ás muralhas da cidade santa,
Inclina-se e abençôa uma cisterna...

Num minarête sangra uma bandeira...
E a voz do muezzin de novo canta,
E sonha, e esvae-se Além, na Sombra eterna...

II

A' hora da aẓalá de adoha.

Dromedarios em fila, e as espingardas
Reluzindo aos fulgores matutinos,
Em longas carabanas, beduinos
Semeiam na paysagem manchas pardas...

Nos altos torreões perpassam, finos,
Os vultos dos guerreiros. Graves, tardas,
Rendem-se ás portas da cidade as guardas;
Sons de trombeta vibram, argentinos...

Emerge, altiva, a despedir scentelhas,
Uma cúpula d'oiro, onde o sol bate...
(Allah seja bemdito!) É Muley-Driss...

E, perto e longe, anémonas vermelhas
— Oh! o explendido campo de combate! —
Flamejam, ensanguentam a planicie...

III

A' hora da aẓalá de al-magrib.

Altos muros de Fez, altas ameias,
Mordendo as nuvens d'oiro, em ameaça,
Guardando o somno antigo duma raça
Cujo sangue palpita em minhas veias...

Por sobre Karuin e as açotéas
Um vôo de cegonha alveja e passa...
Uma névoa de rosas esvoaça
Do mar até ás lybicas areias...

A hora do Moghreb, a hora santa...
—«Allah Akbar!... Allah Akbar!...»—Cravos vermelhos
Morrem, longinquos, em festões, na serra...

E a voz do muezzin de novo canta...
De joelhos os crentes! De joelhos
A propria noite vem rezar na terra...

IV

A' hora da azalá de alatema.

Começa o ramadan. A lua neva,
Esfolha lirios e desdobra rendas
Nos bastiões decrépitos, em fendas,
E um som longinquo de guitarra enleva...

Abrem-se ogivas, boqueirões de treva,
Para beber esse luar de lendas...
Cessa o rumor no circulo das tendas:
A voz do muezzin inda se eleva...

—«Allah Akbar!... Allah Akbar!.. »—De cada torre
Sae esse canto, e num murmurio morre...
Orar: dizer á fé:—Oh! aguia abala!

E que a tua aza ardente nos transporte
Além da vida!—Orar: dizer á Morte:
—Escuridão, sê luz; silencio, fala!

(Do livro *Sonetos*, 2.ª edição, recem-publicado).

Candido Guerreiro

CAMINHOS DE FERRO

As experiencias de transportes pelas vias ferreas nas campanhas precedentes, mesmo as de 1870 e da guerra anglo-boer, parecem hoje triviais comparadas com as que tem dado a guerra actual. Não só a cifra colossal dos efectivos empenhados, obrigou no período das mobilisações a um exforço superior a tudo quanto era conhecido, mas durante a lucta é a golpes de caminhos de ferro que se tem alimentado o espantoso consumo das frentes de combate em homens e abastecimentos.

E ainda o transporte dos reforços e reservas tem dado ao papel estrategico das vias ferreas um desenvolvimento que se não supunha possivel. A batalha do Yser foi ganha pelo superior aproveitamento da rêde ferroviaria franceza, e a maneira como Hindenburgo se serviu da admiravel rêde da Silesia, está por muito no successo da sua offensiva.

Pela sua posse se tem empenhado opera-

ções de largo alcance; póde dizer-se que toda a acção allemã nos Balkans e as operações contra a Servia tinham por objectivo conquistar a via ferrea Nisch-Sofia, para abrir o caminho directo Berlim-Constantinopla.

Até aos campos de batalha, as vias ferreas são prolongadas para acarretar os canhões gigantes, hoje essenciaes na artilharia de campanha.

Em todo o immenso organismo dos povos em armas, que se degladiam pelo mundo inteiro, a rêde ferro-viaria desempenha o papel importante e essencial do systema arterio-venoso no corpo humano: indispensavel á vida, meio unico de a aguentar, razão de ser da victoria.

AYRES DE ORNELLAS

EU E ELLA

Nos annos juvenis amei-a tanto
Que estive até nas raias da loucura,
Pois não via no mundo formosura
Que podesse egualar o seu encanto.

Ás musas recorri: compuz um canto
De lyricos aromas e candura,
Como flôr virginal d'uma alma pura
Ou poema hieratico de um santo.

Porem foi-nos o tempo transformando
No decorrer de prolongada ausencia;
Ella, ao ver-me d'aspecto venerando,

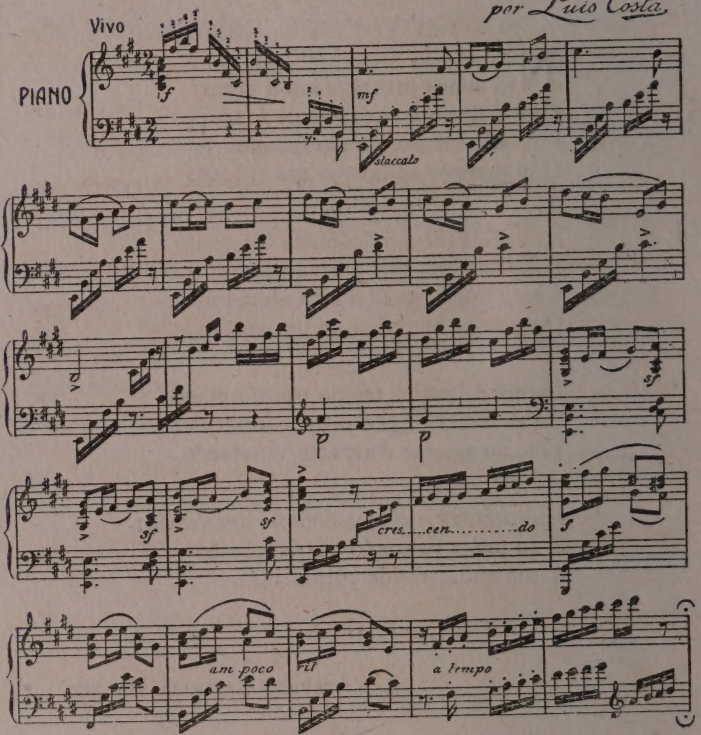
Muito grave e cortez deu-me *excelencia;*
E eu ficára pasmado contemplando
A sua entumescida corpulencia.

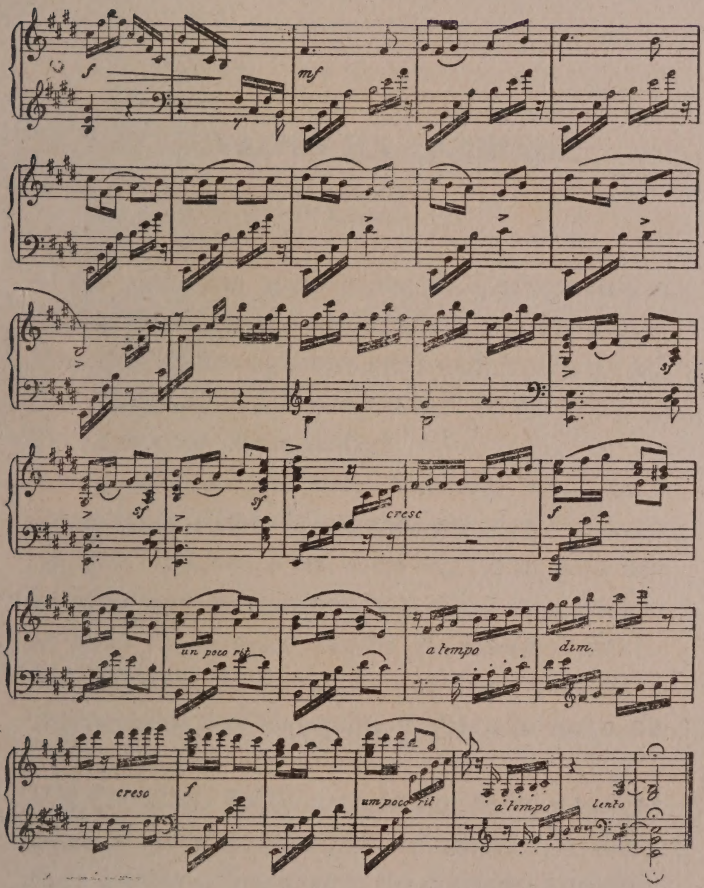
1913.

A. d'Azevedo Castello Branco

FOLHA D'ALBUM

por Luis Costa




f
mf
sf
sf
cresc
f
un poco rit
a tempo
dim.
cresc
f
um poco rit
a tempo
tenuto

O ORVALHO DA CARIDADE

Duas palavras aureoladas de doçura tem a lingua portugueza—a *Saudade* e a *Caridade*. Mas que differença nas suas vidas psychicas!

A *Saudade* é um poema intimo de Dôr, de Tristeza e de Melancolia!

São minutos da vida humana em que a nossa alma vibra de emoção perante a distancia que se alonga em uma vertigem sem fim do ente que estimamos, da alma que poisou no altar do nosso coração. A *Saudade* mortifica, estióla, acabrunha, opprime, possue a imponencia dos abysmos, a sagrada força da purificação.

A *Caridade* foi destinada por Deus a lançar sobre a terra um orvalho de alegria. A *Caridade* é toda a linguagem do coração humano, é a nossa razão de existir em constante vibração na pratica do Bem. Sem ella nunca poderia o homem conhecer o amor do proximo; nunca a escála da mizeria poderia florir com os perfumes mais subtis do contentamento.

Meditarmos na *Caridade* é um dever de todos nós. Que seria o mundo sem a *Caridade?* Um arido deserto sem o menor oasis.

Pensarmos nos que soffrem, é já elevarmo-nos em uma ascenção lenta pela senda ideal que nos conduz ás regiões da Bemaventurança; mas se praticamos a *Caridade* é transformarmos os tristes lares, os desgraçados, em canteiros floridos de felicidade e de amor bemdito.

Comprehender toda a luz da *Caridade*, é o melhor dom que Deus deu ao genero humano, pois podemos desvendar horizontes que não são mais que eternas symphonias dedilhadas nas lyras dos archanjos celestiaes.

Alfredo Pinto (Sacavem)

A EGREJA DAS CHAGAS

A frente á Barra, e ao Tejo sobranceira,
Isolada e gracil se debruçava
A capellinha em que Natercia orava,
Quando o Poeta a viu a vez primeira.

Adro das Chagas, de onde a vista inteira
Pelo vasto horisonte se alongava,
Viste partir Camões com a alma escrava,
E as náos do Gama em gloriosa esteira!

Afogam-te hoje em triste casaria;
Levantam-te um biombo dia a dia;
Dão-te um scenario réles cada Nôa,

São: — chaminés, gazometro, um mercado —
E todo o Portugal modernisado,
Que suja esta lindissima Lisbôa!

CONDE DE SABUGOSA

UMA CARTA

Meu querido Amigo:

Pedisteme collaboração no livro que destinas a uma obra de caridade. Tratando-se de fim piedoso, não devo dizer que não.

Comtudo o meu nome anda de ha muito afastado das letras, com o que ellas nada perdem, seja dito entre parenthesis. Melhor fôra até, conserva-lo na densa obscuridade em que tem vivido.

Morder-me-hia, porém, o remorso se recusasse o obulo, sem valor, da minha intelligencia. Para mais, a pobresinha ultimamente, só produz, embora com variantes, um unico pensamento. Escravisou-a uma ideia fixa.

Olha, por exemplo, esta prova. O titulo que me acode á memoria, que se me escapa dos bicos da penna, sem que eu os possa sopear, para o quadrosito que tento desenhar, é este: *Filha unica!*

E por mais voltas que dê para achar o entrecho, apenas isto imagino:

Morreu.

Morreu e o pae vive. Vive, sim. Vive ainda.

O viuvo! Viuvo de duas paixões que eram o seu maior sentir, viuvo de duas vidas que eram a sua razão de viver.

Perdeu a esposa que amava, perdeu a filha que adorava. Filha unica!

Pobre pae! Fugiram os seus encantos, os seus encantos fugiram todos.

O lar, as creanças, as flôres, os livros, as viagens, a côr, o som, quanto elle amava, se dissipou num momento, porque o fogo sagrado que animava esses encantos era a vida de sua filha. Filha unica!

Que lhe importava envelhecer, não passava um dia que o não dissesse, se vivia a vida de sua filha.

Morreu!

E o pae para ahi anda, a afogar-se em saudades, triste, sempre triste, muito triste!

*
* *

Queres um conselho? Desiste da minha collaboração. De que serve orvalhar-te o livro de lagrimas? A segunda parte do conto afina no mesmo tom. Ora escuta.

Passaram tempos.

Havia um amigo que o visitava de quando em quando.

Uma vez — que surpreza! — foi encontra-lo

jubiloso e feliz como outr'ora. Como no dia do seu casamento, como no dia do nascimento de sua filha, como no dia da primeira communhão do seu anjo adorado, como, em dias de sol, passeiando pelo braço do seu maior amor, dôce fructo de outro grande amor, tambem seu.

Mas essa subita felicidade apenas translúzia no olhar, apenas se esboçava no sorrir, que o rosto empallidecia e as mãos faziam-se côr de cêra.

Assustado de o vêr assim, o amigo interrogou-o:

—Que te succedeu?

Sorriu tristemente o pobre pae e respondeu tão baixo, que mal se ouviu:

—É hoje...

—É hoje o quê?

—Que... vou ter com ellas!...

E morreu.

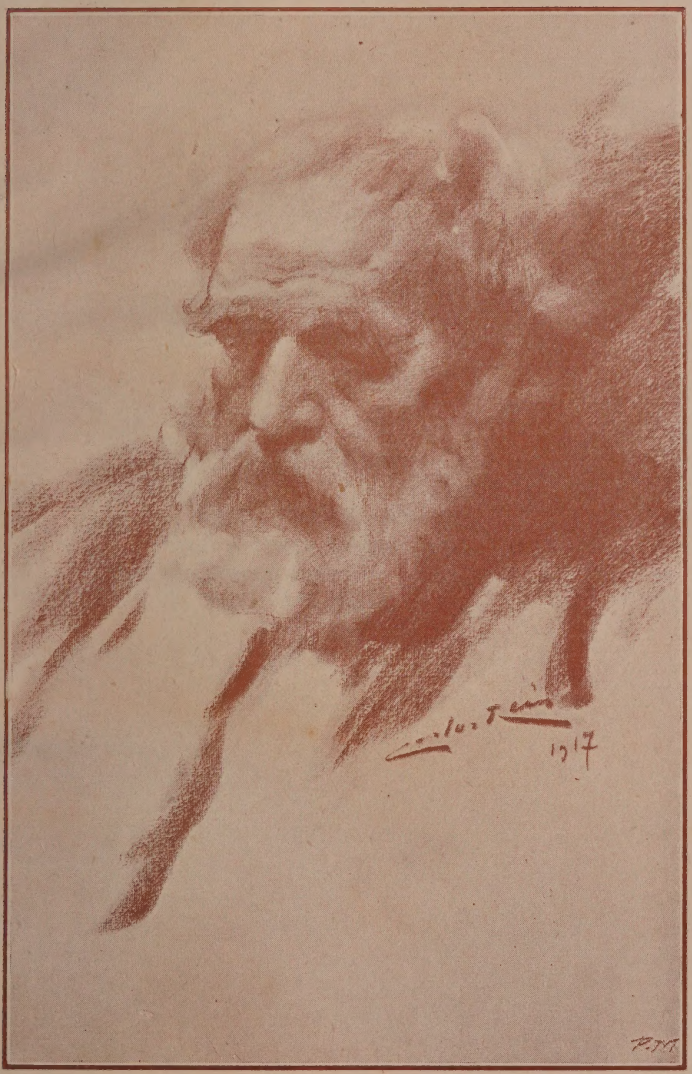
Bem te avisei. Não sei escrever outra cousa.

O meu pensamento gravita constantemente em volta do Sol que se apagou e que era a luz da minha existencia.

Se não gostares da historieta deita-a no cesto dos teus papeis velhos. Crê que não diminuirá, por isso, a gratidão que te devo.

Amigo a valer

F. Rangel de Lima

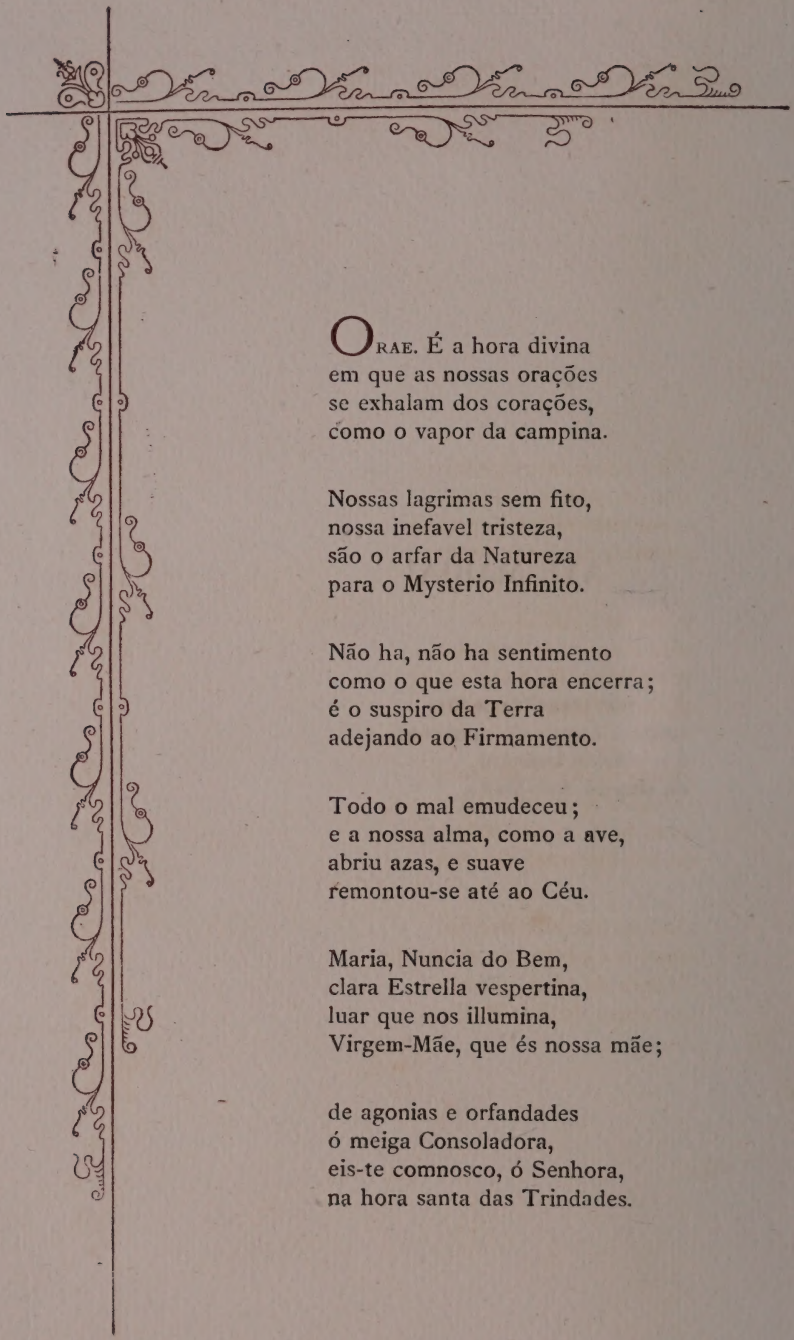


CABEÇA DE ESTUDO

CARLOS REIS

AVÈ-MARIA!

Lá por traz da penedia
tange a campa do convento;
é o plácido lamento
da singela Avè-Maria.



Orae. É a hora divina
em que as nossas orações
se exhalam dos corações,
como o vapor da campina.

Nossas lagrimas sem fito,
nossa inefavel tristeza,
são o arfar da Natureza
para o Mysterio Infinito.

Não ha, não ha sentimento
como o que esta hora encerra;
é o suspiro da Terra
adejando ao Firmamento.

Todo o mal emudeceu;
e a nossa alma, como a ave,
abriu azas, e suave
remontou-se até ao Céu.

Maria, Nuncia do Bem,
clara Estrella vespertina,
luar que nos illumina,
Virgem-Mãe, que és nossa mãe;

de agonias e orfandades
ó meiga Consoladora,
eis-te comnosco, ó Senhora,
na hora santa das Trindades.

Ás horas do entardecer,
saes dos áditos celestes,
e, por tuas mãos, já prestes
a esmola nos vens trazer:

ás mentes atribuladas
uma aragem de bonança;
aos tíbios a fé, a esp'rança;
alívio ás forças cançadas;

penugem macía ao ninho;
socego á opressa consciencia;
e em tudo a casta influencia
do teu maternal carinho.

Que de intensas alegrias
sente o espirito um momento,
ao som do triste lamento
do tanger de Avè-Marias!...

Do enfermo, do solitario,
te vaes, subtil, acercar;
e ouvimos o teu chamar
no vibrar do campanario.

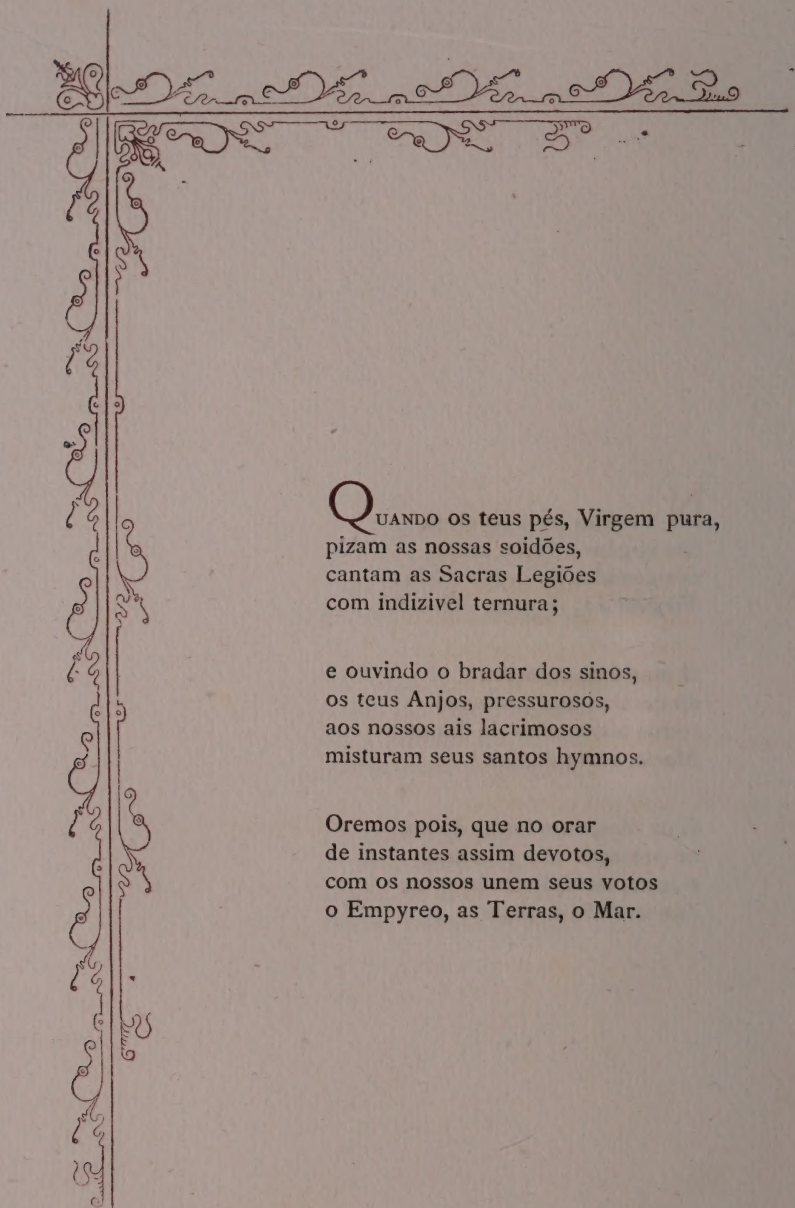
Por onde quer que Tu passas,
ó Flôr dos castos amores,
diz o perfume das flôres:
Maria, cheia de graças!...

Das aves o papear,
e dos anhos o balido,
saúda, em terno vagido,
Maria, Estrella do mar!...

Na antiga nave sombria,
das virgens a turba santa
aos gemidos do orgão canta:
Virgem das virgens, Maria!...

O marítimo escarcéu
do cerúleo mar profundo
retrôa aos confins do Mundo:
Maria, porta do Céu!...

E os sóes, com letras de luz,
ao presentir-te a presença,
traçam, na abóbada imensa:
Maria, Mãe de Jesus!...



Quando os teus pés, Virgem pura,
pizam as nossas soidões,
cantam as Sacras Legiões
com indizivel ternura;

e ouvindo o bradar dos sinos,
os teus Anjos, pressurosos,
aos nossos ais lacrimosos
misturam seus santos hymnos.

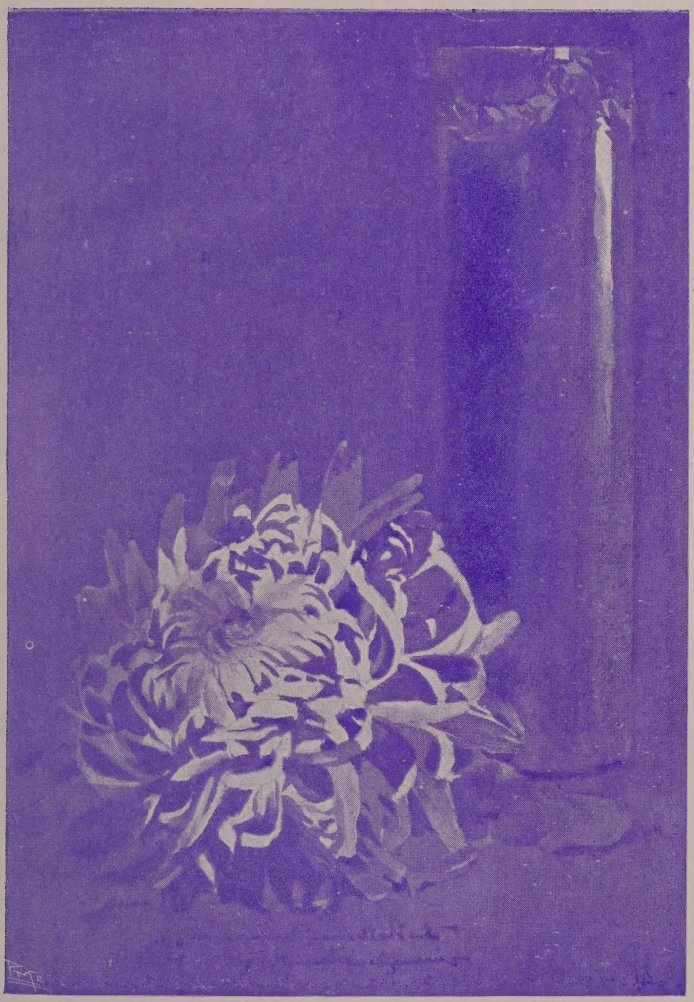
Oremos pois, que no orar
de instantes assim devotos,
com os nossos unem seus votos
o Empyreo, as Terras, o Mar.

Não ha, não ha poesia
que restaure almas penadas,
como as longas badaladas
da solemne Avè-Maria!...

Olivaes — Agosto de 1889.

(Da collecção de versos *Manuelinas*).

JULIO DE CASTILHO



Chrysantemos

Aguarella de D Helena Gameiro

AS LOCOMOTIVAS DE STEPHENSON

Quem visita, em Londres, o rico e interessantissimo Museu das Sciencias, annexo technologico da Universidade, divisa logo, ao entrar na sala da viação a vapor, essas duas venerandas locomotivas, matriarchas illustres das já incontaveis gerações de machinas que, ha quasi um seculo, rodam por todas as vias ferreas do mundo.

Ao vêl-as, essas locomotoras historicas, reaes e verdadeiras, entre os pequenos modelos de todas as que lhes succederam até ás poderosas e rapidas *Compounds* dos nossos dias — fez-se no meu espirito a subita evocação d'uma hora feliz da minha infancia: aquella em que, n'uma Arvore do Natal, a sorte propicia me mimoseou com um lindo comboio de lata pintada, composto da machina, do tender e d'uma longa fila de carroagens de todas as classes. Ora, justamente, a *minha* primeira machina era uma exacta re-

producção das locomotivas de Stephenson, com a caldeira curta e a chaminé muito alta, terminada por um remate de folhas de acantho.

Foi, pois, com uma ponta de ternura que eu longamente as contemplei e observei, a essas iniciadoras da viação accelerada, que alli repousavam dos seus longos annos de honesto e fecundo labor, na glorificação d'essa especie de panthéon das industrias. Eram as mesmas que, em 1829, percorreram o primeiro estadio ferro-viario do mundo, entre Liverpool e Manchester, arrastando algumas centenas de toneladas com uma velocidade de vinte e tantas milhas á hora! Pequenas, negras, grosseiramente construidas, montadas sobre um tosco *chassis* de fortes vigas de madeira — ellas pareciam, realmente, infantis, em face dos poderosos e gigantescos tipos das grandes locomotivas que arrastam os expressos europeus ou galopam nas linhas transcontinentaes da America do Norte.

Junto d'uma d'ellas, estava — reliquia delicada e tocante — um velho sacco de chita de ramagens, que era como a humilde *trousse* de viagem do seu famoso inventor e onde se viam ainda as suas escovas, o seu pente, o seu estojo de barba e, se não me engano, algumas peças de vestuario.

Essas primitivas locomotoras ainda servi-

ram cerca de vinte annos, depois do dia em que Jorge Stephenson, já então engenheiro notavel, as pilotou na sua primeira e triumphal viagem. E, em logar de as venderem como sucata, alli as recolheram respeitosamente, n'esse museu de artes technicas, ao lado d'outras originarias creações do engenho mechanico do homem: a primeira machina de costura, a primeira machina de escrever, a primeira machina de calcular, o primeiro velocipede, o primeiro *brougham*, o primeiro automovel a vapor...

Não sei bem se, em Inglaterra, onde as estatuas abundam, Stephenson tem o seu monumento. Deve ter. É possivel mesmo que tenha mais do que um — porque a memoria civica do inglez e a gratidão que tributa ás grandes individualidades da sua raça, são das suas mais nobres virtudes. Mas tenha as que tiver, para mim, nenhuma poderá ser mais expressiva, mais emocionante, mais evocadora d'essa bella e superior figura de homem de trabalho — operario filho de operario, verdadeiro *self made man*, que tudo deveu ao seu genio, ao seu exforço, á sua energia moral, auto-didacta que se instruiu e educou a si proprio e para comprar livros, em horas roubadas ao somno, remendava a roupa e concertava os sapatos dos seus camaradas — nenhum, digo, valerá o monumento formado por esses rudi-

mentares engenhos, que dizem toda a grandeza do seu espirito inventivo, e por essa pobre sacca de chita, que attesta a modestia gloriosa da sua origem e a simplicidade puritana dos seus costumes.

LUIZ DE MAGALHÃES

PESTE, FOME E GUERRA

A Peste, a Fome e a Guerra!
A Trindade fatal
Que tudo assola e aterra
Sem que haja prece ou dor que a enterneça ou espante!
Filhas gemeas as três dum conúbio infamante
— Do incesto, que as gerou, da Desgraça e do Mal!

15 Setembro, 1916.

ALFREDO DA CUNHA

A LITA

Julita... ou antes a Lita, como lhe chamavam lá, era a rapariga mais bonita do Valle.

Tambem não havia outra mais orgulhosa!

Todos os moços da aldeia lhe faziam a côrte. Quando ella se apresentava, ao Domingo, na Missa, com a sua saia de barra vermelha e o seu lenço de muitas côres fluctuando graciosamente sobre a nuca, um sussurro de admiração percorria a linha dos apaixonados, que gentilmente abriam alas para a deixar passar.

A Lita, todavia, soberba como uma rainha, atravessava distraida o adro da Egreja, sem voltar sequer a cabeça aos lisonjeiros encomios do rapazio da terra!...

É que ella tinha uns traços na palma da mão, que lhe prediziam altos destinos, lançando as aspirações do seu coraçãosinho ambicioso muito para alem das homenagens da pequena aldeia!...

Por isso a viam, todas as tardes, á porta da sua cazinha branca, horas e horas esquecidas — o ouvido á escuta, o olhar perdido pela estrada em fóra, á espera d'alguem que devia chegar por ali!

Mas esse alguem tardava em apparecer, e todas as noites a Lita recolhia tristemente da sua infructifera espera; o que não obstava a que, na manhã seguinte, tornasse a esperar — mais animada, mais risonha, mais linda que na vespora!

Ora um dia que ella assim devaneava, com os olhos fitos na alvejante estrada, por onde alguma vez havia de surgir o noivo predestinado, abeirou-se-lhe o Fernando, seu companheiro da infancia — unico rapaz da aldeia que nunca lhe dirigia galanteios.

«Lita — disse — perdôa se venho enfadar-te como os outros... é só d'esta vez. Vou-me embora... não posso partir sem te dizer adeus»!

A Lita não respondeu. Absorta na sua vaga contemplação, nem deu pela falta do Fernando, que desappareceu, vagaroso e triste, por essa mesma estrada para onde ella olhava sempre!

Mas á noite entrou em casa mais preoccupada que do costume, pensando n'aquelle pobre rapaz que não pudera partir sem lhe dizer adeus! — Porque abandonava a querida aldeia?... Aonde iria?...

A Lita arrependeu-se de não lhe o ter perguntado.

Lembrou-se do tempo em que brincava com o Fernando, ora correndo na planicie florescente atraz das borboletas brancas, ora mettidos na sombra dos salgueiros, á pesca das bogas no regato murmurante. E d'uma vez que elle lhe dissera, ao passarem pela Egreja, d'onde saia um noivado: — «Olha, Lita!... um dia tambem nós lá havemos de ir...» — E ella respondera que não, porque a sua sina era de casar com um homem rico, que a cobriria de joias e a vestiria de veludo.

Desde então o Fernando, arredado e esquivo, não tornára a approximar-se d'ella.

A recordar esse passado longicuo, que não voltaria mais, a Lita adormeceu. Mas o seu somno foi curto e agitado. Por muitas vezes acordou sobresaltada, julgando ver o Fernando ao pé de si, ao passo que as suas ultimas palavras «não posso partir sem te dizer adeus» lhe resoavam ao ouvido, como um echo mais e mais distante!... comtudo, no dia seguinte, ella lá estava outra vez... álerta... febril... na sua longa espera, que não acabava nunca!...

E os dias passavam, uns iguaes aos outros, depois os mezes, e os annos depois!.....

.....

.....

A Lita agora já não era bonita! A saia vermelha amarfanhada e gasta, enrollava-se-lhe como um trapo nas pernas emmagrecidas. Desbotado, o lenço multicolor pendia merencoriamente da sua cabeça de velha. E a casinha branca, batida pelos invernos, desmoronava em ruinas, denegrida e triste!

A Lita já não esperava! Mas, como d'antes, olhava sempre, sempre, para a alvejante estrada — unica coisa que o tempo não tinha deteriorado. Ás vezes cerrava-se a noite, e ella — os olhos fitos na obscuridade, deixava-se adormecer, assentada no degráo da porta, com os braços cruzados sobre os joelhos, a cabeça encostada á parede fria!

E ninguem amigo!... nada que fosse alegre em redor d'ella — a não ser, de quando em quando, as risadas sarcasticas... os epigrammas crueis das que haviam desposado aquelles que ella regeitára!...

Uma vez — era noite — a Lita, meio adormecida, revia em sonhos as visões phantasticas que d'antes lhe povoavam a mente de allucinada. Todas as chimeras doiradas dos seus delirios d'outrora lhe reappareciam no espirito, indefinidas, confusas, como a prophecia que as criára. E do meio d'essas sombras, em que fluctuava perdida a sua imaginação dormente, surgia, de cada vez mais nitida, uma figura conhecida, que se affas-

tava, vagarosa e triste, caminhando sempre, sempre, sem olhar para traz!

Simultaneamente a Lita sentia-se invadir por uma melancholia profunda, cheia de remorso e de saudade, que lhe arrazava os olhos de lagrimas arrependidas!

De repente estremeceu — alguem que vinha! áquella hora... quem podia ser na aldeia solitaria?...

Abriu os olhos... atravez da escuridão viu, bem distinctamente — não era sonho! — alguem que a olhava com amor, que lhe apertava as mãos, que a chamava pelo seu nome e lhe dizia ternamente:

— Lita!... sou rico... muíto rico! Trabalhei por lá... soffri! mas trago uma fortuna. Se quizeres, agora, cobrir-te-hei de joias... vestir-te-hei de veludo!

Mécia Mouzinho de Albuquerque

Carvão de Emilia Santos Braga

A CARIDADE

Ao canto d'uma porta aconchegados,
Supportando os rigores da tempestade,
Dois corpos em rodilhas embrulhados,
Esp'ravam já sem esp'rança... — a Caridade! —

Que differença tão grande em sua edade!
Que tragedia acompanha os desgraçados!
A velhice amparando a mocidade,
Quando sem forças cae, feita em bocados!

Que vida a d'essas almas desvalidas!
O frio, a fome, a dôr sempre em peleja...
É a morte a fingir ter duas vidas!

Té que um dia, em canções bellas... sentidas...
A desgraça sorri... Bemdita seja!
Passou a Caridade bemfazeja!

HYGINO MENDONÇA

PATRIOTISMO

. . . . . .

Admittindo que na sociedade existem homens tão extraordinarios, que em si possam condensar as aspirações nobres d'um povo, n'um dado momento historico, Affonso Henriques, foi um d'elles; pois que tendo com o seu poderoso esforço fundado uma nacionalidade, nos deixou o grande exemplo da sua vontade invencivel, que até hoje respeitamos, porfiando em ser *portugueses*, atravez de todas as contingencias da vida social. Para intensificar em qualquer nação a ideia do patriotismo, o meio sério é o estudo da sua historia escripta com lealdade, sem adulações descabidas e emollientes do caracter. Aos menos lidos, devem ser levados esses estudos em resumos de informação exacta, clara, mostrando os grandes feitos e os grandes erros do passado, e o modo como estes poderiam

ser emendados, para que da licção resulte o erguerem a alma e o coração, ao sacrificio do trabalho pela Patria. É este patriotismo sem mentiras que merece o culto de todos nós, que nascemos n'este torrão chamado Portugal.

Lisboa, 14 de Outubro de 1916.

Teixeira de Queiroz

MÉRIDA

Domina a Cruz a águila romana.
E só, com meu bordão de caminheiro,
fui aprender ao pé do Guadiana
que eu era cidadão do mundo inteiro.

É Mérida, cabeça lusitana,
traçando ao largo o seu perfil trigueiro.
Medalha velha a quem a idade empana,
decifram-lhe meus olhos o letreiro.

Augusta-Emérita, esplendor do Imperio,
tu és no céu dulcíssimo de outubro
uma visão de espanto repentino!

Andei-te como se anda um cemiterio.
Mas é lembrando-te que em mim descubro
a dignidade antiga do Latino!

COLINA INSPIRADA

Em Elvas, junto ao padrão da batalha.

Eu sou visinho dum outeiro estranho,
aonde o sangue antigo vai falar.
E em que doçura mística me banho
sempre que o banha a luz crepuscular!

Impõe-se a todos não p'lo seu tamanho.
Tem p'ra se impôr uma feição de altar.
Ainda um dia hei-de immolar um anho
e a Deus no alto dêle o consagrar.

Lá subo ás vezes a scismar comigo
quando virá salvar-nos o Encoberto
da hora má que sobre nós avança...

A noite desce. Acorda o sangue antigo.
E então no escuro, com o céu mais perto,
na voz da Terra passa a voz da Esperança.

ANTONIO SARDINHA

O respeito, mesmo supersticioso, do Passado é a primeira virtude dos povos.

26-10-1916.

PINTO DE CARVALHO (TINOP)

CONVERSÃO

MARIA, dôce Mãe, e sempre pura,
Tão formosa e cheia de bondade,
Que os Anjos, falando-te a verdade,
Dizem: cheia de graça e formosura!

É tão dôce a luz do teu olhar,
Que Deus por um Anjo te dizia:
Que essa luz bemdita bastaria
P'ra que a dôr podesse descançar!

E logo, surrindo, agradecida
Ao dom que te dava a mão de Deus,
Fitavas os teus olhos sobre os meus,
Que, sem esp'rança, se abriam n'esta vida!

E tão grande era o bem que me fazia
Esse olhar tão dôce que eu fitei,
Que a minha bôca triste já se abria

N'um surriso, que andava a procurar,
E que só agora oh! Mãe! eu encontrei
No infinito amor do teu olhar!

NOITE TENEBROSA

Não sei que vento é este de loucura
Que passa como sôpro de tufão,
Crestando toda a Terra, e a expressão
A dar-lhe de dôr e de secura!

Vae-se-lh'a luz e perfume, e a *Flôr*
Que a perfumava e nos trazia
Um sorriso d'esp'rança cada dia,
Cae, na haste pendida, já sem côr!

Passam no ar lamentos e gemidos
De vozes que cantavam n'outro tempo,
E nos deixavam risonhos, esquecidos,
Das nossas amarguras, por momentos.

E nesta aridez e noite escura,
Vazio o Templo, o Céo sem Divindade,
Vejo a cercar-me, na jornada dura,

Monstros, que me arrastam e devoram,
Fitando-me com olhos que não choram,
A rir dos meus prantos de saudade!

ALFREDO PASSANHA

UMA CARTA DE BRAZÃO INEDITA

CLEMENTE CORREA

Tem nos ultimos tempos tomado um grande desenvolvimento em Portugal, o estudo da heraldica, havendo hoje bastantes pessoas que se interessam extraordinariamente pelo assumpto.

Ha porém uma grande falta de elementos, que esclareçam innumeros pontos que constituem perfeitas charadas, tornando-se muitas vezes difficil a sua decifração e muito principalmente a sua definição.

É de esperar porém que com as bases existentes e com desejo de saber, os amadores d'esta interessante arte, publiquem trabalhos que ilucidem e incitem a novos estudos.

A maioria das Cartas de Brazão eram registadas em livros especiaes, dos quaes uma grande parte está actualmente no archivo da Torre do Tombo. Este registo não é com-

pleto, ha livros extraviados e outros naturalmente perdidos para sempre.

Do existente no Archivo da Torre do Tombo, publicou em 1872 o Visconde de Sanches de Baena uma preciosa obra intitulada:= «Archivo Heraldico-Genealogico contendo noticias historico-heraldicas, genealogicas e duas mil quatrocentas cincoenta e duas cartas de brazão d'armas, das familias que em portugal as requereram e obtiveram e a explicação das mesmas familias em um indice heraldico, com um apendice de cartas de brazão passadas no brazil depois do acto da independencia do imperio»=

Em 1906 o distincto heraldista José de Sousa Machado, publicou uma obra intitulada «Brazões ineditos», que é constituida pela referencia ás cartas de brazão registadas em tres volumes manuscriptos que o mesmo senhor adquiriu em 1897 e que faziam parte dos livros extraviados a que acima me refiro. Inclue esta obra quatrocentas e oitenta e oito cartas que, com as publicadas pelo Visconde de Sanches de Baena forma uma colleção de duas mil novecentas e quarenta cartas de brazão.

Todas as cartas de brazão que não estejam incluidas n'estas duas obras são denominadas ineditas e ou foram registadas em livros que desappareceram ou de que se

Brazão iluminado
na carta de Clemente Correa

(Tamanho natural)

ignora o paradeiro, ou não chegaram talvez mesmo a ser registadas, o que tambem podia succeder.

Eventualmente tenho em meu poder um pergaminho concedendo brazão d'armas a Clemente Correa, é inedito, portanto redobra o seu valor.

D'essa carta reproduso o brazão illuminado sobre fundo verde e emoldurado a ouro.

O escudo, um pouco inclinado, tem em campo vermelho uma aguia preta estendida, armada de prata, d'uma só cabeça, tendo sobre o peito um escudo d'ouro com dez correas vermelhas em banda e contra banda repassadas umas pelas outras. Tem por differença um crescente d'ouro. O escudo está suspenso d'um elmo a tres quartos encimado pelo timbre, que consiste na mesma aguia nascente, tendo uma correa no bico.

O paquife é de preto, vermelho, prata e ouro. É o brazão dos Correas Aguiares.

O theor da carta é o seguinte:

=Portvgal Principal/Rey darmas do muy alto E muito poderoso Rey dõ Felipe nosso sñor, destes Reynos/de Portugal, E caualleiro professo da ordẽ de Santiago, faço saber a quãtos esta minha/carta de brazão darmas de nobresa digna de fee E creença virẽ, que Clemẽte correa, ca/ualleiro da casa do dito

sñor, estãte nas partes da india, me mãdo pedir E requerer, que/por quãto elle descẽdia por linha direita legitima mascolina E sem bastardia por parte de seu pay/Jeronimo Correa, E de seu auõ Miguel Correa, E de seu bisauõ Gonçalo Correa, da geração E/linhagẽ dos Correas Correaẽs, q̃ nestes Reynos são fidalgos de cota darmas, como constaua do/estromẽto E mais papeis tudo intificado em forma deuida por autoridade de justiça q̃ apresẽtaua,/q̃ lhe desse hũ escudo cõ as armas q̃ a dita linhagẽ pertencẽ, E as elle de direito por lhe pertẽce/rem deuia trazer, pera dellas vsar, E gozar das hõras E liberdades q̃ por bẽ da nobreza dellas, gosa/rão seus antepassados, pelo que, prouẽdo a seu requerimẽto por virtude do que cõstaua dos ditos/papeis E estromẽto, cõ o poder E autoridade q̃ de meu officio pera isso tenho, busquei os liuros/da nobreza da nobre fidalguia do reyno que em meu poder estão, E acho nelles as armas q̃ dita/linhagẽ pertencẽ, serẽ estas q̃ em esta lhe dou inluminadas. s. (a saber) o cãpo vermelho E hũa aguea/preta estendida armada de prata, E sobre os peitos hũ escudinho das armas dos Correas, Elmo/de prata aberto guarnido douro, paquife douro E vermelho, E prata E preto antrecãbado, E por/timbre hũa mea aguea preta armada de prata cõ hũa correa vermelha no bico, E por deferẽça hũ/

crecẽte de lũa douro, que cõ ellas pois lhe pertencẽ pella dita maneira segũdo regimẽto darmaria/deue trazer, E por assy deuer dellas vsar, requeiro as justiças da parte do dito sñor, E por bẽ do officio da nobreza, guardẽ ao so/pricãte Clemẽte Correa, as honras E liberdades E mais preminẽcias cõcedidas as ditas armas, e lhas deixẽ trazer E possuir E/ dellas vsar, nos autos em q̃ a nobreza dellas lhe da lugar, E por verdade lhe passei esta certidão de brasão em Lixboa por my assi/ nada, aos oito dias do mes de nouẽbro, Diogo de sanromão a fez, ãno do nascimẽto de nosso sño Jesu chrito, de mil E quinhẽtos E nouẽta/ portugal pp (principal)/Rey darmas.=

Este pergaminho alguma coisa deteriorado, mede $0,^{m}44 \times 0,^{m}33$.

Interessante seria que se organisasse uma obra que incluindo os trabalhos referidos dos snrs. Visconde de Sanches de Baena e José de Sousa Machado, juntamente com a innumera quantidade de cartas de brazão ineditas de que hoje se conhece a existencia, para facilitar a consulta, augmentando assim esta preciosa base de estudos Heraldicos-Genealogicos.

Lisboa—Setembro, 1916.

AFFONSO DE DORNELLAS

RAÇA DOENTE

I

Nós somos como a luz que bruxoleia
E uma lufada ha de extinguir... Olhae-a!
Um passo mais na vida, — e é logo a raia
Da morte, a infinda noite em maré cheia.

Que foi a Patria? Uma onda de epopeia;
Rompeu ao largo mar, voltou à praia:
E aqui se despedaça, aqui desmaia
E morre, em contorsões, por sôbre a areia.

O céu, é um frio tumulo de soes;
Tornou-se em cinza a chama dos heroes:
O esfôrço, o amor, a fé dos nossos Paes...

O clara raça antiga dos gigantes!
Eram castellos que se erguiam, dantes;
Agora, Senhor Deus! são hospitaes.

II

Tristes enfermos somos! pobres loucos,
Nesta miseria e dôr que nos castiga;
Dez seculos de sonho e de fadiga,
De rastos, sôbre o pó, morrendo aos poucos...

Tristes enfermos somos, pobres loucos!
Resar? — Perdeu-se a fé ingénua e antiga. —
Cantar? — A heroica e lucida cantiga
Esvae-se em chôro vão, soluços roucos. —

O corpo, consumiu-o a fome e a orgia;
Fugindo a Deus, nossa alma de algum dia
Já não crê em si propria: é fumo e é tedio...

Onde a Saude? Onde a encontrar agora?
— Na vida simples e christã de outrora;
No Pão e na Oração... Eis o remedio!

Antonio Corrêa d'Oliveira

O FADO

A Inglaterra tem o seu canto nacional. É o *God save the King,* hymno amplo, grave, de uma inspiração mais profunda do que brilhante, que não aquece senão gradualmente, mas que vae aquecendo á medida que se desenvolve, e resoa em acentos de uma magnificencia religiosa e penetrante. Tal qual a alma ingleza, que avança pacientemente, mas sempre, — é vêl-a agora no Somme — e que se desenvolve sem se desprender.

E Portugal?

A indole aventureira de seus filhos, o amor immenso e inextinguivel ás viagens longinquas em demanda de regiões desconhecidas, produzio a grandeza definitiva e immorredoura de Portugal. Mas essas longas viagens, a temeridade dos planos, com que levantavam ancora e abandonavam o Tejo as frotas do Gama e de Cabral, cravavam no peito dos que partiam e no coração dos que ficavam

um espinho, que pungia deliciosamente, porque a cada pungimento transportava-se «a alma do vago amante á amada inconsolavel, do amigo ausente ao solitario amigo.» A palavra que exprime esse, como definio Garrett, gosto amargo de infelizes, é *saudade,* o instrumento que o soluça é a guitarra, a unica toada que lhe quadra é o fado. E tanto a musica, como o instrumento, como a palavra ha só um paiz que os conhece: é Portugal. Só ao portuguez é dado commover-se até aos seios d'alma, cantando e ouvindo cantar:

A ausencia tem uma filha,
Que tem por nome saudade.
Eu sustento mãe e filha,
Bem contra minha vontade.

Só a palavra com que se denomina a flôr mais pallida; só o magico instrumento, que tanto se parece na fórma, quanto nos gemidos differe da viola e do bandolim; só a musica do *fado,* mas do *fado corrido,* exprime a indole aventureira, o caracter scismador e poetico do povo portuguez. É pois o *fado* para Portugal o que o *God save the King* é para a Inglaterra. É o seu canto nacional.

José Antonio de Freitas

INTROITO

Quizera que este livro, ó minha amiga,
Pensado n'um momento d'alvoroço,
Tivesse um ritmo brando de cantiga
Fôsse mais simples do que um Padre-Nosso.

Tranquillo, sem um laivo da fadiga
Que já ensombra o meu olhar de moço
Como se fosse duma tela antiga
As tintas vagas dum perdido esboço.

Singelo cõmo o aroma dos maninhos
Com a harmonia ritmica dos ninhos
Fôsse cheio de paz e de saudade;

E a minha alma nos versos enlaçada
Nêle brotasse trepadeira alada
Dando ás ogivas tons de mocidade...

A VIDA

Não ambiciono pompas e riqueza,
A vida deixo ao seu incerto rumo
Subindo á tôa como o vago fumo
Que ás vezes sai do canto da represa.

Quero a doçura musical da reza,
De luz doirando a magua que resumo
Tendo no mundo aonde a luz consumo
A gloria duma vida de tristeza.

De toda a parte a dôr aventa gritos,
P'ra que nos livrem de nós mesmo, aflitos
Uns aos outros pedimos vão resgate.

Pedir á vida que nos dê ventura
É pedirmos á morte a sepultura,
É pedirmos á vida que nos mate...

MARIA

Cabe num beijo o seu corpinho estreito,
Mais delicado que um perfume vago,
E enternecido um grande sonho afago,
Olhando-a na brancura do seu leito.

Toda a minha alma de bondade enfeito,
Na minha vida a sua vida trago,
Como na paz sonambula dum lago
A branda sombra dum amor-perfeito.

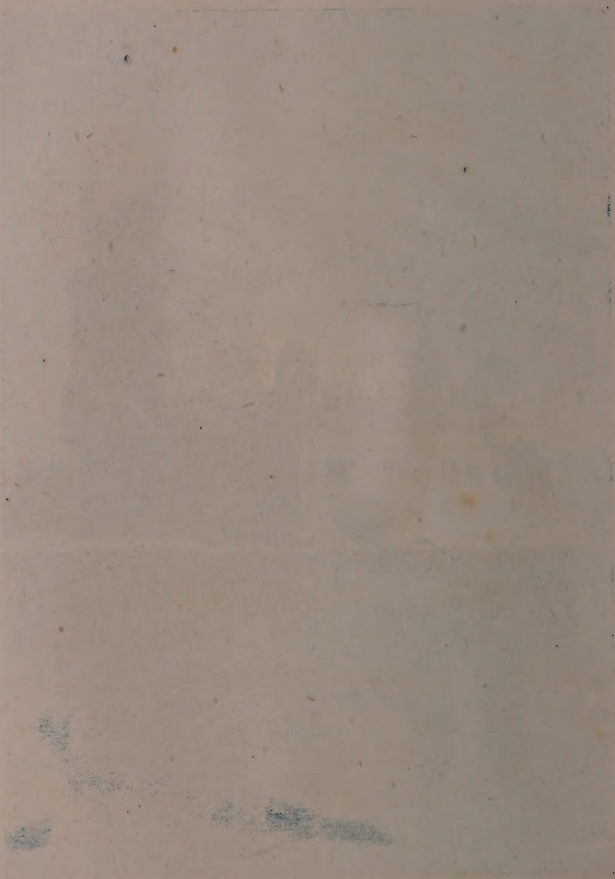
Que Deus lhe dê a luminosa graça
Que tem a curva musical da palma
Na tarde religiosa com levesa

Recortada na luz serena e calma.
E quando a morte o seu olhar desfaça
—Inda contemple terra portuguêsa!...—

Garcia Pulido

TORRE DE BELEM

DESENHO Á PENA DE AFFONSO DE DORNELLAS



UMA PAGINA DA GUERRA

O tenente Bagnolet foi um dos prisioneiros francezes internados no campo de concentração de Henberg, em junho ultimo. E ao ser concentrado, como antes, atravez do caminho percorrido até ao deposito, todos notavam a sua altivez, o seu desdem pelo inimigo, manifestado nas atitudes, no olhar e nas palavras. Filho do departamento do Nord, ali vivêra sempre. E em Lille, dominada pelo invasor, tinha ainda, ou devia ter a sua familia,—a sua mãe, velhinha corcovada e doente; a sua mulher, companheira enternecida e amoravel; e um filho de mezes, uma certeza e uma esperança que mesmo no inferno dos combates lhe sorriam com a doçura inefavel de duas estrêlas no céo. Haviam ficado na cidade tomada pelo alemão. De maneira que, o seu odio ao invasor, era o odio duplo, do instincto e da educação, contra o inimigo que lhe sangrava a Patria e contra o carcereiro que lhe sequestrava a familia.

Quando entrou na secretaria do deposito, para dar o seu nome e naturalidade, entre os oficiaes alemães e austriacos presentes notou um, puro tipo germanico, que o observava com curiosidade. Encarou-o sobranceiramente. Reconheceu-o. Baixou os olhos.

Era o capitão Harteman, das suas velhas relações, seu amigo antes da guerra, por mais duma vez seu hospede no perdido conforto da sua casa. Pertencia a um dos regimentos que primeiro entraram na terra conquistada, porque pertencia à guarnição da fronteira. Vira talvez sua mãe, sua mulher, seu filho, porque devia ter estado em Lille, porque não deixaria de os procurar. Ter-lho-ia perguntado, num forte alvoroço, se o capitão Harteman, que considerára sempre um homem de largo e sensivel coração, não fosse um dos instrumentos de opressão da maldita Alemanha contra a sua querida França.

Ergueu os olhos, agora numa expressão quasi suave—como se se dispozesse a interrogal-o pelo olhar. O capitão falava com os camaradas, que o ouviam, que sorriam, que fitavam o prisioneiro. E percebendo que o tenente Bagnolet o olhava, intrigado, sorriu tambem, acenou-lhe com dois dedos, declamou alto:

—Estive, ha dias, com a bela M.me Bagnolet.

Madame Bagnolet era sua mulher — bela na verdade, mais bela ainda pelo encanto da expressão do seu rosto e do seu gesto, do que pela nobreza das suas fórmas.

Esteve com ela — e reparou outra vez no sorriso do capitão e dos camaradas, com quem aquele continuava a falar, como se falasse a seu respeito e a respeito de sua mulher, pois que os outros continuavam a fita-lo.

O clarão duma suspeita envolveu-o, sacudiu-o, desvairou-o — suspeita logo confirmada por novo sorriso, que os companheiros de Harteman sublinharam, a maioria com gestos de repugnancia orgulhosa, alguns com aprovativa cenceremonia. Ia atirar-se a ele, para o matar. Mas o serviço de inscrição estava completo. As baionetas que os escoltavam ergueram-se. E á ordem do comandante os prisioneiros seguiram para o deposito.

Ah, não havia duvida! Harteman não sairia dali sem se servir a eguaria rara de contar uma vez mais, na sua presença, a todos os oficiais da guarnição, o duplo crime, a dupla traição — a traição ao francez, a quem convencêra de amisade para melhor lhe expiar a Patria, a traição ao homem, a quem conquistára a confiança para mais tarde lhe prostituir a mulher!

Que ingenuidade e que imbecilidade a sua! Como se convencêra da bondade dessa crea-

tura monstruosa! da sinceridade dum alemão, dum barbaro, dum *boche!* E no desespero que o desvairou, ter-se ia suicidado, ter-se ia mordido e esfacelado com o ferro duma cama, de que fez um punhal, tosco e sem cabo, se não jurasse vingar-se primeiro.

Decorreram tres dias. O capitão não tornára a aparecer. E por acaso, conversando com prisioneiros dum sector que não era o seu, soube que ele proprio comandára a força que os conduzira a Henberg, que os havia tratado com excepcional humanidade, e que, ao despedir-se dum desses prisioneiros, na vespera, falára no seu regimento, no regresso a Metz, depois a Lille.

—Em Lille! Voltava para o sector de Lille!

Bagnolet por pouco não endoideceu. O desespero ora o enchia de febre, ora o estrangulava de soluços. O criminoso escapára á acção da sua justiça. E voltava para o crime, para a terra assolada e martir, para a mulher prostituida e cumplice! Cumplice—sem a menor duvida. Se o não fôsse, teria morrido antes de se entregar. Se o não fôsse, preferiria morrer espostejada pela soldadesca do invasor, a pertencer ao homem que se disséra amigo do seu homem, que se fingira amigo da sua Patria, para mais facilmente lhe atraiçoar o homem, para mais seguramente lhe brutalizar a Patria.

Os cuidados dos companheiros socegaram-lhe os nervos. Tornou-se pacifico e grave. A idêa da vingança ficou, porém, dia e noite, como uma traça, a corroer-lhe a alma, a devorar-lhe o coração. E agora a vingança mirava dois alvos—o capitão e a mulher. O odio ao capitão, a figura do capitão diluia-se mesmo, pouco a pouco, na maré crescente do odio contra a mulher. Era a ela, a quem tanto amára, a quem mais odiava. Ainda quatro dias antes se sentia capaz de tudo para a vêr um momento—para roçar a sua face, branca e macia como um fruto, para tocar a sua cabeleira, crespa e clara como o sol, com um beijo e uma caricia. E nesse dia desejava vê-la, sim, um momento tambem, mas para lhe cravar no peito o ferro da reabilitação—matando-o em seguida a ele, completando o justo castigo.

O desejo da vingança e do castigo implicava um outro—o da fuga. Só fugindo poderia realisar essa obra de justiça e de desgravo. A ideia da fuga dominou-o, converteu-se em obstinação. Deixou de falar, de sorrir. Passeava muito, quasi sempre só, e sempre com o ar indeciso de quem espia, de quem espreita. Em certa noite, de chuva, e vento, e trovoada, conseguiu fugir. E num bom disfarce, conseguiu chegar a Lille. Um parente, apesar do disfarce, reconheceu-o á saída da *gare*.

—Cala-te!—ordenou, contrariado.

O outro, loquaz, comovido, de olhos humedecidos e mão fremente a apertar a sua, perguntou-lhe como podéra chegar até ali. Á sua resposta vaga, impaciente, quiz saber se viéra por causa do desaparecimento do filho.

—De qual filho?

—Ah, não sabes?! O teu filho desapareceu...

O tenente Bagnolet estacou, como fulminado. O parente, pedindo-lhe que socegasse, informou-o. Com a invasão da cidade tudo fugira, alucinado de terror. Sua mulher, ao chegar á rua, na vertigem do tumulto, caíra com uma sincope. Quando recuperou os sentidos, deu por falta da ama, que tinha saído comsigo, que lhe levava o filho ao cólo.

—E depois?—inquiriu, ansioso.

—Depois, ela e a sogra, procuraram, gritaram, andaram dias e noites gritando e procurando atravez da massa errante dos fugitivos. Tornaram para a cidade e para casa ao reconhecerem a inutilidade dos seus esforços—e que os alemães não eram menos barbaros nos campos, à chuva e à neve, do que no triste conforto da casa e da cidade. Ela vinha entre a morte e a vida. A sogra entre a loucura e a idiotía. Lançaram inculcas. Prometeram recompensas. Toda a familia—ele proprio que lho contava—se poz em acção. Nisto surge,

numa tarde, delicadamente, o capitão Harteman. Recordava-se de Harteman, não era verdade? Fôra a providencia. Protegera-as contra as violencias dos soldados. Declarara-lhes que ia esforçar-se por lhes restituir o pequeno —por certo internado, com a ama, em qualquer ponto da Alemanha. Mas como não desse mais sinal de si, julgaram que se esquecera da promessa, ou que tivesse morrido em combate. Reaparecera na semana anterior, afirmara-lhes que o pequeno ia ser-lhes restituido e saíra de Lille.

—E como ha tres dias não posso ir a tua casa, ámanhã lá irei saber novidades...

O tenente Bagnolet despediu-se. Tinha anoitecido. Seguiu para casa a passos incertos— levando na alma a desordem de mil sensações desencontradas. E o sorriso do capitão Harteman, em Henberg? E o sorriso dos camaradas, na secretaria?

A porta estava aberta—em obediencia ás ordens militares. Subiu pé ante pé—a respiração suspensa, a mão no bolso, as unhas cravadas no punhal.

Ao espreitar para o interior descobriu luz na alcôva do filho. Avançou para lá, mais leve do que um hálito. Ficou de bôca escancarada e os olhos a escorrerem lagrimas—ao vêr, junto do berço, sua mulher e sua mãe, de joelhos, a rezarem. Por cima do berço o seu

retrato, envolto em flôres. E dentro, no conchego tepido da roupa, a dormir, a sorrir, o filho pequenino que o capitão Harteman restituira ao seu berço e à adoração da familia.

Lisboa—Outubro, 1916.

Sousa Costa

NA ASSISTENCIA AOS TUBERCULOSOS

I

AS TISICAS

Vejo-as perto de mim, febris, curvadas
Ao pêso dessa cruz que as vai minando
Como tristes, funéreas badaladas
Vão as horas tristissimas contando.

Pela visão do Além apavoradas,
Começam a sentir, de quando em quando,
Sobre as suas pupilas abrasadas
Negras sombras a morte anunciando.

Numa luta gigante, impiedosa,
Grande orquestra de tosse cavernosa
Se eleva ao meu ouvido contrafeito.

E tristemente, e doloridamente
Na agonia de um fim que se pressente
Dobra a finados dentro do meu peito.

(Inedito)

II

A TUBERCULOSA

Vem doente, caminha de vagar,
Que a tosse, que não tarda, vem por certo
Despedaçar-lhe o peito. E o fim é perto
E ela não tem pressa de chegar...

Umas olheiras roxas, na açucena
Tão branca, do seu rosto descorado,
Dão-lhe um aspecto triste e macerado
Duma tristeza funda que faz pena...

O nariz a aguçar-se lentamente,
Mais cavadas as faces. A macia
E linda pele que as cobre, dia a dia
Nos parece mais fina e transparente.

E que fraquito o seu corpinho exangue!
Mal pode já lutar a pobrezinha
Contra a morte que dela se avizinha
A desfazer os seus pulmões em sangue.

Os labios entreabre numa prece,
E volve para nós os olhos puros,
— Uns olhos que se tornam mais escuros
Na palidez da face que emagrece —.

«Não sei o que isto é. Esta canceira,
Uma tosse maldita, muito frio,
E depois muita febre. E um fastio..
Nada posso comer por mais que o queira.

Um grande pêso, aqui dentro do peito
Que nem posso tomar respiração..
Certamente é qualquer constipação!»
E esboçou um sorriso contrafeito.

Numa anciedade cheia de agonias
Ela espera a mentira piedosa
Que leve alguma luz cariciosa
Áquelas primaveras tão sombrias.

Mas vendo a hesitação, o tom magoado
De quem lhe fala triste e comovido
Arrisca uma pergunta num gemido
«Senhor doutor é coisa de cuidado?!»

III

O PEQUENO TISICO

Muito franzino, os olhos encovados,
Uma côr macilenta, doentia,
E gravada no rosto essa agonia
De quem tem os seus dias já contados.

O pae morreu nem sabe quando. Um dia,
Ao soluçar dos sinos a finados,
Vestiram-no de crepes carregados
Quando a terra de galas se despia.

Com seus bracinhos débeis de criança
Já tem de sustentar — piedoso herdeiro —
A mãe que lhe ficou por sua herança.

E o grande herói, o pobre pequenino
Trabalha sem descanso o dia inteiro
Resignado cumprindo o seu destino.

Lisboa.

Domitilla de Carvalho

SANATORIO
EM S. BRAZ DE ALPORTEL

As nossas instituições d'assistencia são uma documentação preciosa das qualidades affectivas d'este grande-pequeno povo, que, mais que qualquer outro, concorreu com as suas navegações, descobertas e conquistas, para o engrandecimento da civilisação actual.

Poucas nações podem disputar-nos primasias em exemplos de abnegação e altruismo a favor dos desventurados da sorte, designadamente dos desvalidos da infancia.

Nas muitas festas a que officialmente assistimos, como presidente da Republica, as que mais edificaram a nossa alma foram as de assistencia, e até ás vezes recorremos as suas gratas memorias para suavisarmos, um pouco, o travor que nos deixaram as violentas paixões sectaristas da politica actual!...

Louvamos, pois, e muito, a ideia humanitaria do snr. Carlos Vasconcellos Porto de fundar um sanatorio para os enfermos de tu-

berculose que forem empregados nos caminhos de ferro do Sul e Sueste e do Minho e Douro e é digno de registo e de applauso que esta sympathica iniciativa partisse d'um dos superiores da Administração, por serem, em geral, os das *élites* das classes dirigentes os mais habilitados para cooperarem com os que soffrem, e em nome d'estes, e com o auxilio d'estes, na cura das miserias sociaes, reduzindo o mal e ampliando o Bem...

Fazemos, pois, votos sinceros para que este pensamento altruista penetre no coração do povo, ahi crie raizes, se desenvolva e fructifique, sob *a acção omnipotente da vida collectiva,* fóra da qual todas as instituições são improductivas e ephemeras...

O preceito, muito simples, muito popular, muito *terra a terra, d'um por todos e todos por um,* traduz fielmente a lei maravilhosa e suprema da *solidariedade,* a que tudo obedece no Universo, por cujas virtudes triumpham as bellesas do mundo physico e os esplendores do nosso mundo moral...

Lisboa, 19 d'Outubro de 1916.

MANOEL D'ARRIAGA

ALÉM?...

De muralhas cercado, o Pensamento humano
Em vão procura, sempre, o carcere deixar,
E nesta aspiração, e neste batalhar,
Perseguindo a Illusão, encontra o Desengano.

De longe em longe, alguem, num golpe sobrehumano,
Ao de leve consegue a pedra, emfim, riscar:
— Resalta uma faisca, e vem alimentar
Esta esperança eterna, este perpetuo engano!

Depois, tudo regressa á antiga escuridão:
Uns, proseguem luctando — a mira na amplidão —
Outros, cahem por terra, exhaustos de soffrer...

Ai, quem pudéra, emfim, uma sétteira abrir!
Que nova luz de sonho iría descobrir,
Que noss'alma presénte e não consegue vêr!...

F. de Macedo Lopes

SOLIDARIEDADE HUMANA

A proposição especulativa de Pythagoras, reduzida ao theorêma que considéra todas as coisas como *numeros,* ou que por *numeros* se pódem resolver, torna-se num claro enunciado de philosophia politica, desde que ao equivalente geometrico *numeros* contraposermos a representação synthetica de *palavras*. Λόγος = Αριθμός. E deste modo temos:—que assim como no theorêma de Pythagoras os *numeros* são o principio fundamental das *coisas,* da mesma maneira toda a machina social assenta em *palavras*. Tomêmos para escólio esta expressão verbal agora muito em voga: *solidariedade humana*. Ha quantos séculos andam os homens, com maior ou menór sinceridade, com mais ou menos hypocrisia — santos, heroes, embusteiros — porfiando á roda das ideias de que, a final, se formou modernamente esta palavra? Ha quantos? Confissões religiosas em formação, propagandistas poli-

ticos sem clientela, philosophos sem publico, todos, á uma, a comprehendem nas suas promessas. Todos. E depois? Depois, se são verdadeiros crentes nas doutrinas de Jesus, respondem-nos, que todos os deveres que levam ao sacrificio, sómente se impõem aos que buscam trilhar o caminho da perfeição:—*Si vis perfectus esse*... Se são philosophos repetem-nos as palavras de Cujas:—*Nihil hoc ad edictum prœtoris*. Se são charlatães triumphantes, calam-se ou sorriem cordealmente.

Quando se desfará o fatal equivoco?

José Caldas

A IMPRECAÇÃO DE CINÉSIAS

(Da *Lysistrata*, de Aristophanes.)

Transformae-vos em vento, ó deuses imortaes,
E varrei a Mulher, como uma poeira ruim!
Fazei-a voltear, ondular e dançar,
Tornae-a um turbilhão, uma pluma, — e, emfim,
Que ela volte, e revolte, e trasvolte no ar,
E caia ao pé de mim!

Julio Dantas

Estudo para um quadro

José malhôa

A DAMA DO LAGO
NAS LINHAS DE TORRES VEDRAS

Em fins de outubro de 1810, dentro das linhas famosas de Torres Vedras, havia um effectivo militar de uns cento e trinta mil homens, admiravelmente dispostos de ânimo para se oppôrem a todo o projecto de aggressão, por parte dos exercitos francezes invasores, sob o commando superior de Masséna. Eram cêrca de trinta mil inglezes, vinte e cinco mil portuguezes, e os cinco mil hespanhoes de La Romana, na frente de combate, protegidos pela artilharia dos fortes; eram mais, um luzido e avultado corpo de marinheiros inglezes, recemvindos; as nossas milicias da Extremadura e de Lisboa, e os regimentos portuguezes de artilharia pesada; constituindo todos um conjuncto de mais sessenta mil combatentes addicionaes, de grande valor na defeza das posições fortificadas e no guarnecimento dos numerosos reductos, espalhados por toda a extensão das linhas.

E como os recursos ali accumulados para a manutenção das tropas eram em tal abundancia que d'elles participava, á farta, a grande turba pacifica que—fugindo dos seus campos e dos seus lares, por ordem superior, com o fim de evitar a sanha inimiga e de lançar as forças invasoras no maior desprovimento,—se acolhêra sob a protecção d'aquellas formidaveis posições, havia, geralmente, uma boa disposição nos espiritos.

A numerosa população da capital tinha egualmente assegurada a subsistencia, e, no Tejo, poderosas forças maritimas, e mais de cem grandes navios de transporte, mantinham as communicações com o mar e com a Inglaterra, recebendo-se d'esta, a salvo, toda a especie de mercadorias, ao mesmo tempo que os nossos alliados haviam garantido, por essa forma, a sua retirada segura, no caso pouco provavel de desastre.

Então, como agora, a maior parte dos officiaes do exercito britannico pertenciam á mais alta e mais culta camada social do seu paiz, e só, em absoluta extremidade, se dispensavam dos confortos materiaes e intellectuaes, condição necessaria e funcção integrante do seu habitual viver. Por isso, na segura installação que as linhas de Torres lhes haviam facultado, impondo aos seus adversarios uma barreira, talvez de impossivel transposição,

elles tinham não só o necessario, o indispensavel, mas ainda muito do que, para outros, seria tido como superfluo; pois, da patria, incessantemente o recebiam. Não lhes faltavam os vinhos, as cervejas, as conservas, os bons fructos da região, os finos tabacos; mas não lhes faltavam, tambem, as gazetas semanaes ou quotidianas, as revistas mensaes, as obras litterarias, de todo o genero, as quaes lhes chegavam, poucos mezes depois de sahidas a lume, das livrarias de Londres ou de Edimburgo.

Passavam estas publicações de mão em mão, ou d'ellas se faziam leituras em commum, entre camaradas das mesmas companhias ou dos mesmos regimentos, em intervallos de folga. Mais, ainda: não era raro, que um ou outro official, mais letrado, humanista ou universitario, agrupasse, em torno de si, os graduados e as praças do seu directo commando, para lhes lêrem, alto, as noticias interessantes vindas nos periodicos, ou bellos trechos de livros escolhidos.

Foi n'uma d'estas occasiões que succedeu o caso, cujo breve relato farêmos aqui. Encontrámol-o referido por Lockhart, na sua *Life of Scott (Vida de Walter Scott)*, volume II, pag. 350, e alludido, em nota, por Archibald Alison, no volume XIII, pag. 334, da sua grande obra: *History of Europe during the Revolution*

(ou *Historia da Europa desde o começo da revolução franceza, em 1789, até á restauração dos Bourbons em 1815)*, setima edição, Londres, 1848.

É um pequeno e curioso episodio anecdotico da vida de campanha, cujo interesse principal reside, para nós, em se haver passado, com os nossos companheiros d'armas extrangeiros, no nosso paiz. Foi assim:

N'uma das obras avançadas das linhas, dentro do alcance da artilharia inimiga, foi vista, pelos observadores d'esta, uma numerosa companhia de granadeiros, os quaes, sentados ou deitados no chão, formavam denso grupo, em redor de um, cuja palavra e cujos gestos pareciam attentamente seguir. O que os artilheiros francezes suppuzeram, durante os momentos que durou a sua observação, podemos afoutamente asseverar que não foi archivado por nenhum chronista. O que fizeram, porém, na devida opportunidade será dito.

O que, por nossa parte, sabemos, de fonte certa, é o que os granadeiros inglezes faziam: Estavam ouvindo o seu commandante,—capitão Ferguson*, depois sir Adam Ferguson,

* Dois annos antes, no combate da Roliça e na batalha do Vimeiro, tomou parte notoria, assignalando-se honrosamente, um general do mesmo appelido. Foi elle o commandante de uma das tres columnas atacantes n'aquelle combate;

e que, trinta e dois annos mais tarde, em 1842, vivia ainda,— o qual, em alta voz, lhes lia a descripção da batalha de Beal'An Duine, magnifico episodio do sexto e ultimo canto de *A Dama do Lago*, o afamado poema de Walter Scott, quasi frêsco ainda da impressão, pois fôra publicado, pela vez primeira, em maio antecedente.

Os seus soldados, em familiar á vontade, escutavam-o, attentos á empolgante narrativa e encantados pela sonoridade dos versos, que, provavelmente, dos rudes cerebros de muitos d'elles, seriam difficilmente comprehendidos. Mas, na propria obtusão de seus espiritos incultos, melhor e mais sublime lhes devia parecer ainda o que lhes era incomprehensivel. Estavam, porém, ali, subjugados pela magia da leitura, realçada, de certo, pelo colorido que lhe daria a voz dominadora, amiga e paternal do seu capitão.

Apraz-nos imaginar que o estamos ouvindo tambem, vibrante de enthusiasmo, á luz suavissima de uma tarde morna e ridente de

---

e, na batalha de 21 de agosto, á frente da sua brigada, coube-lhe a missão de dar o ultimo e decisivo golpe nas forças de Junot, completando o desbarato d'ellas. Não podemos apurar se era parente, proximo ou remoto, do capitão de quem nos occupâmos no presente artigo. É provavel que fôsse. Tambem não tornamos a encontral-o no seguimento da campanha, onde forçosamente se teria feito notar, se tivesse continuado a servir no nosso paiz.

outomno, debaixo do azul radioso do ceu portuguez, no meio d'aquelle immenso scenario épico, rodeado dos seus humildes e valentes camaradas, justamente orgulhosos já dos louros conquistados, não havia mais de um mez, na agreste serrania do Bussaco, e constituindo, para elle, um auditorio, que não trocaria por mais nenhum. Vêmos a sua bella e desempenada figura, cingida no seu vermelho uniforme, revôltos á brisa leve do entardecer os crêspos e refulgentes anneis do seu cabello fulvo. E ouvimol-o recitar, na lingua harmoniosa do poeta, os versos aureos, que a nossa prosa descórada, aqui, imperfeitissimamente traduz:

«Olhae, como vem carregada aquella nuvem, prenuncio de tempestade, e que envolve n'um manto de purpura sanguineo o cume remoto de Benledi! Que vem a ser isto? É a voz solemne do trovão que murmura, ameaçadora e profunda, ou é o passo cadenciado dos guerreiros, pisando o solo retumbante? É o fogo tremente do relampago, que fuzila por sobre as copas da floresta, ou são os raios ultimos do sol, brilhando sôbre as espadas e as lanças dos homens de guerra?... Já vejo, d'aqui, a cimeira do conde de Mar; já vejo a estrella de prata do elmo de Moray, a resplandecer sôbre a nuvem que envolve os batalhões

do Sul, emquanto estes avançam, serpenteando, no direcção do lago. Para o heroe inflammado no amor dos combates, para o bardo cioso do seu canto marcial, um só relance pela extensão d'essa linha de batalha valeria dez annos de socegada vida».

E, umas apoz outras, seguem-se as estrophes ardentes do menestrel que, ao som da sua cançada harpa, vae fazendo a descripção da batalha sangrenta, onde o *clan* do heroico e malaventurado Roderick Dhu, combatendo com extremos de desesperada valentia, foi afinal esmagado pelas armas saxonias.

«Os arqueiros, ligeiramente armados, occupam, aqui e além, o chão mattagoso; ergue-se, ao centro, uma floresta espessa de piques e de lanças; na retaguarda, unem, em ordem de batalha, as suas filas, os cavalleiros bardados de ferro. Não se ouvem, nem cymbalos, nem cornemusas, nem tambores; em marcha silenciosa e sombria, apenas se escuta o pesado passo dos combatentes e o dos corceis, o sonóro tinir das armas. Nem uma brisa se levanta para agitar as cimeiras ou os estandartes; vê-se, tão sómente, estremecer de leve o esguio choupo que ladeia o caminho... Move-se o exercito como uma vaga profunda do oceano revôlto, que não acha recife contra o

qual se quebre, e que vae crescendo, sempre, e engrossando, ameaçadora, alterosa e lenta.»

Anciosos, palpitantes, todos escutam, com desperta curiosidade, os preliminares impressivos da narrativa, que o poeta habilmente está preparando. Mais alguns versos de fôlego épico, e está-se em pleno combate, em plena acção. N'esses quadros do passado nacional, as almas retemperam-se para arcarem de frente com os perigos e os trabalhos que estão para vir. Na entretida leitura vem salutares lições de desprendimento da vida. Esta, para o homem de guerra, o que é? É simplesmente, a moeda, transitoria e ephemera, com que se compra a gloria.

E o capitão continúa:

«Na sua frente, em carreira irresistivel, os homens do *clan* d'Alpine levam, de tropel, os restantes arqueiros, como uma vaga precedida por turbilhões de espuma. Brandem, alto, por cima das cabeças, os claymores resplandecentes como raios de luz; e, apertando de encontro ao corpo os negros escudos, precipitam-se sobre o inimigo com furor igual áquelle com que a aza pesada da tempestade cae sobre o oceano. Ouve-se o estalar das lanças que se quebram como freixos que o raio fende; ouve-se o retinir mortifero dos

claymores, semelhante ao de mil bigornas resoando ao mesmo tempo.

«Porém Moray ordena um rodeio á cavallaria da retaguarda e envolve por um dos flancos os guerreiros do *clan* d'Alpine. — «Ávante, meu porta-estandarte, exclama; ávante! A columna já vacila; agora, meus bravos, pelo amor de vossas damas! cahi sôbre elles, de lança em riste!»

«Arrojam-se os cavalleiros para o meio da refrega, como veados para a mais densa espessura do bosque; galopam os cavallos de fumegantes narinas, faiscando lume; sahem as espadas das bainhas; e, em breve, na compacta mole dos rudes montanhezes, vêem-se rasgadas enormes clareiras.»

«..... E assim como a profunda e negra fenda do rochedo de Bracklin recebe a onda que n'ella se precipita clamorosa, ou assim como as negras cavernas do abysmo attrahem os bravos turbilhões, assim, tambem, o desfiladeiro, apertado e escuro, devora as massas confusas dos guerreiros valorosos; e, na planicie e no campo da batalha, só restam aquelles que não combaterão jámais!»

Mas, n'isto, ouve-se o ribombo de um tiro de peça, vindo da frente franceza, logo repercutido pelos reconcavos das numerosas collinas; e, quasi no mesmo instante, o bater de

pesada bala, cravando-se no parapeito de terra, por detraz do qual a companhia do capitão Ferguson, descuidadamente, se entregava ao prazer de ouvir a leitura que elle lhe fazia.

E agora já o leitor sabe o que, em resultado da sua observação, fôra logo decidido na bateria inimiga.

Assim foi interrompida, pelo menos no que restava ainda d'aquella, até então socegada tarde, a descripção da batalha de Beal'An Duine, pelejada na brumosa Escocia, em tempos antigos, e cantada por Alan, o velho bardo, ao som da sua harpa saudosa e triste. Mas, não nos deve restar duvida, que o bravo capitão Ferguson satisfez a excitada curiosidade do seu auditorio, tão breve quanto lhe foi possivel.

O que é provavel é que, d'essa vez, elle tenha escolhido, para sala de leitura, logar menos exposto ao mesmo genero de interrupções inopportunas e intempestivas.

Agosto, 22, de 1916,

FERNANDES COSTA
(General)

RECORDA-TE DE MIM

Quando na do ocaso hora misteriosa
A Driade gentil vem, timida e medrosa,
Sentar-se nos degraus da escada côr de rosa,
Da taça do jardim
A sua voz casando à canção da corrente,
Desse cantico ouvindo a musica plangente,
Se te lembrar que assim cantei antigamente,
Recorda-te de mim!

Recorda-te de mim quando, de noite, a lua,
Clara como o teu seio, em que o desejo estua,
Faz descerrar, do azul profundo em que flutua,
As urnas do jasmim
Que embalsamam o ar de môrna suavidade;
E ao opôr, tristemente, à crua realidade
Da nossa vida de hoje, os sonhos d'outra edade,
Recorda-te de mim!

Recorda-te de mim, quando ao passar o escuro
Solitario pinhal, ao longo do seu muro
A pavorosa sombra encher teu colo puro
De receio sem fim;
E ao lembrar quando nós, sem o mais leve anceio,
Dadas as mãos, teu seio encostado ao meu seio,
O passamos, sonhando ambos no mesmo enleio,
Recorda-te de mim!

Recorda-te de mim, quando, no abandono
Deste da vida frio e sepulcral outono,
Cédes, na solidão do leito, ao curto sôno
Teu corpo de setim;
E, se o acaso fôr, dôce jasmim de Java,
Que te lembre que, enquanto a lampada velava,
Era com beijos meus que os olhos teus cerrava,
Recorda-te de mim!

Recorda-te de mim quando a Aurora radiante,
A estrela da manhã presa na trança ondeante,
Abre do claro dia ao carro rutilante
As portas de marfim;
E ao pensar que era então, vida da minha vida,
Que a minha bôca à tua, estreitamente unida,
Te segredava o adeus da longa despedida,
Recorda-te de mím!

Na bruma que se esvae à mais ligeira aragem,
No ninho que o tufão arrancou da ramagem,
Em tudo quanto vae nas azas da voragem
A um proximo fim,
Na flôr que se esfolhou sôbre a aridez da fraga,
Em tudo o que se acaba, em tudo o que se apaga,
Desde a luz que se extingue, à vela que naufraga,
Recorda-te de mim!

Nova-Goa – 1906.

ALVARO DE CASTELÕES

UMA SCENA

Ha dias, passando no Porto, e atravessando descuidadamente uma rua escusa da cidade, uma voz rouca interceptou-me o passo. Mão macilenta estendeu-se:

— *Uma esmola para esta tisiquinha que morre!*

E desde pela manhã até á noite, a mesma voz e o mesmo gesto, diante de todos os que ali passam:

— *Para esta tisiquinha que morre, uma esmola por amor de Deus!*

E a sociedade deixa morrer assim, exposta, a toda a hora, ao vento, ao sol, ao frio, á chuva, uma creaturinha, espectro de si propria, de quem se não adivinha a idade, porque a doença ceifou-lhe a mocidade, e que morre, esphacelada lentamente pelo terrivel mal, sem um conforto, sem um recurso, sem um protesto medicinal ou hygienico, sequer.

E no entanto, ha muito que em Portugal a

lucta contra a tuberculose não é uma phrase banal. Desde os esforços empregados por uma Senhora illustre, que ainda ha poucos annos tinha a coroar-lhe a fronte bella o duplo diadema de Rainha, Rainha pelo casamento, Rainha pela bondade, até aos incansaveis e não interrompidos trabalhos de homens de sciencia, de homens de dinheiro e de homens de coração, muito se tem cuidado do mal.

Morre-se ainda, á esquina das ruas! E a sociedade não se abala, quando no seu caminho se lhe depara a tal mão macilenta e a tal voz rouca implorando para a pobre que desapparece:—*uma esmolinha para esta tisiquinha que morre,* aos proprios olhos d'ella, aos proprios ouvidos d'ella.

Como é pungente a realidade!

João Costa

OUTONAL

Tam nova, tam magrinha e tam bonita,
Aquela tísica é o meu encanto;
Encanto vão de quem na vida aflita
Chegou á hora inerte do quebranto.

Ao vê-la, na minha alma ainda se agita
(E toda a envolve como um forte manto)
A saùdade: o amargor que seca e irrita
Mas que, piedoso, se desfaz em pranto.

Não tem sossêgo. As húmidas pupilas
Dos seus olhos brilhantes dão scintilas
De moribunda luz que se descora.

Sacode-a a tosse; e o corpo ossudo e leve,
Coberto de suor, é como neve,
Mas como neve que um vulcão devora...

Lisboa, 17-8-916.

João da Rocha

Cabeça de estudo

Quadro a oleo de D. Maria Alexandrina Ferreira Chaves

(Photographia)

AR DE PINHEIROS

Á despedida o doutor dissera:

— « Mudem de casa. O rapaz aqui não pode melhorar, precisa de bom ar de campo, ar de pinheiros...

O Alvaro muito doente, muito magrinho e amarelo, voltou-se um pouco no pobre leito de ferro, sobre o colchão minguado de palha de milho e lançou os olhos cheios de maguada tristeza para a janela da trapeira onde viviam.

Do céo via ele uma pequena nesga muito azul, dum azul tão intenso e luminoso, que mal o podia fitar, mas ar de pinheiros!...

Ai quem lhe déra poder aspira-lo sofregamente, como um sequioso se debruça numa corrente de agua limpida e fresca! Sentir o rumorejar do pinheiral, como vaga do mar batendo na costa; aspirar o perfume da sua seiva e da resina, que tão bem faz aos pulmões enfraquecidos como os seus!

E lembrava-se duma vez que passára com a familia uma tarde inteira no pinhal, ainda o pai era vivo, levando a merenda que lhes soubera deliciosamente.

Parecia-lhe mesmo ouvir as rôlas, pelas horas da calma, soltando o seu rolar tão meigo e amoravel.

Ar de pinheiros!

E uma lagrima desprendeu-se com esforço dos olhos, em que a febre punha um brilho intenso, e deslisou silenciosa e vagarosamente pelas faces cavadas do enfermo.

—«Mudança de ares!... Ouviste, Francisco?! O teu irmão precisa de mudança de ares. Ar de pinheiros!... É bom de dizer, é!... Eles, que são ricos podem falar assim para nós, que nem este cubiculo teriamos se não fosse o senhorio não ser de todo mau, e aceitar a renda aos poucos. Temos bom dinheiro para ares de pinheiros... Ares do telhado, e bôas contas!—concluiu, com amarga ironia, a mãe dos dois rapazes, Alvaro e Francisco, que se sentia cada vez mais desesperada, desde que o marido morrera e o filho mais velho, agora que já era tipografo e começava a ganhar alguma coisa mais, caíra para ali doente com aquela canseira de peito, que mal o deixava falar.

O Francisco, que ficára depois desse de-

sastre o unico amparo da familia, ganhando rasoavel féria numa serralharia mecanica, fazia-lhe sinais para não continuar, porque o doente, coitado! afligia-se com isso, via-se-lhe bem na cara amargurada. E alto, animador, bom rapaz, decidiu-se:

— «Deixe lá, mãe, nem só os ricos teem ares de pinheiros, tambem o Alvaro hade te-los.

— «Isso sim!... são coisas para os felizes; os desgraçados que arrebentem para aí, ao abandono, como animais. Devia haver casas para os pobres, ao menos para quando estivessem doentes e não pudessem trabalhar... Casa, pão, agua, luz, ao menos isso, já que toda a vida rebentamos de trabalho, sem coalhar vintem!...

— «Ó mãe, deixe lá isso! O Alvaro hade ter ares de pinheiros, que lho digo eu, e hade melhorar!...

* * *

No dia seguinte, quando o doutor entrou, viu, com assombro, á cabeceira do pobre doente, inclinar-se a ramaria verde dum pinheiro, amarrado com força aos ferros da cama.

O Alvaro estava radiante, até parecia que respirava melhor — o senhor doutor havia de

notar — desde que respirava o bom aroma resinoso daquele bonito pinheirinho.

— « Foi o Francisco — elucidou a velhota, sorrisonha e animada — que ontem, depois do trabalho, foi para os campos, lá para os arrabaldes e apareceu-nos, já muito tarde, com esta arvoresinha. Até já estavamos em cuidado, porque, depois da doença do irmão recolhe logo ao fechar da fabrica.

O Alvaro, na sua vozita cansada, acrescentou, com um sorriso de esperançada fé:

— « Como não podiamos agora mudar para o campo, e o senhor doutor disse que o ar de pinheiros é que me fazia bem, o Francisco, coitado! teve esta lembrança. Será o mesmo? Melhorarei assim?

E o doutor — voltando-se para disfarçar e limpar os olhos, que, sem querer, e apesar de estar habituado a observar muita miseria e muita dôr, se lhe marejaram de lagrimas — respondeu, sem animo para destruir aquela delicada e risonha esperança:

— « Pois sim, Alvaro, faz-te bem! Não tanto como a residencia perto dum pinhal, mas tambem te fará melhorar, verás!

— « Como o Francisco vai ficar satisfeito por o senhor doutor achar a ideia bôa! — comentou a pobre mãe.

O Alvaro sorriu docemente, pondo os olhos na copa verdinha do pinheiro, que lhe dava

a ilusão dum bocado de ar puro, sob a rumorejante copa dum pinhal, em que as rolas se acoitassem pelas horas calmas de verão e ás tardes a brisa lhe afagasse o rosto e as mãos escaldantes, emquanto os olhos procurassem, ao longe, a gloria do sol mergulhando num mar de oiro e purpura.

(Do livro em preparação *Olin*).

ANA DE CASTRO OSORIO

SOBRE A CAMPA D'UM SOLDADO

Veiu uma bala, matou-o.
Se morreu, isso que tem?
Todo aquelle que assim morre,
É mais feliz que ninguem.

O seu nome pouco importa,
Pouco importa quem seria.
Morreu pela nossa terra,
Padre Nosso! Avè Maria!

1916.

Vicente Arnoso

Effeito de luar

Pastel de José Campas

HISTORIA DE UMA AZÊMOLA

Essa robusta muar, possivel é que algum dos seus proximos avós houvesse corrido na pista aristocrática de Epsom, ou que algum dos seus remotos ascendentes tivesse sido engendrado num ventre generoso, que Eolo fecundara.

Como quer que fôsse, a enxertia asinina fizera-lhe perder toda a nobreza. Mas tinha-a gloriosamente conquistado, pois que, à semelhança dos homens, os animais são filhos das suas obras.

Com efeito, a sua pata havia trilhado com denodo as vertentes do Himalaia, arrastando pesadas viaturas de guerra. Percorrera as regiões misteriosas do Tibet, e seus olhos mansos tinham porventura suportado, sem pestanejar de deslumbramento, a visão mirífica do Grão Lama. Visitara provavelmente o vale paradisíaco de Cachemira e as solidões adustas do Afganistan. Tinham zunido às suas

orelhas, fazendo-as vibrar ao de leve, balas, frechas, azagaias, pelouros, sem número. Não arredara pé diante da horda gigantesca dos elefantes torrejados, que avançavam a esmagar batalhões. Durante anos, finalmente, coadjuvara com modesto heroismo a mais poderosa das forças civilizadoras do mundo moderno, que se chama o Império Britânico.

Por isso, em volta do seu colo anegrado, enleiavam-se tres fitas de berrantes côres, das quais pendiam medalhas de honra. Mas, apesar disso, era com reconhecida bemquerença, não com orgulho, que a impávida mula acolhia os afagos dos louros artelheiros bretões, quando com a rude manápula lhe anediavam as crinas ou lhe acariciavam os flancos. E quasi parecia desculpar-se, perante os soldados bisonhos, recem-chegados da metrópole, de estadear condecorações que eles ainda não haviam tido ensejo de ganhar.

Um belo dia, vieram arranca-la aos estábulos onde acaso esperava a merecida reforma. A sua bateria aprestava-se para uma demorada expedição. Enjaularam-na num *fourgon* enfumaçado, transportaram-na a um porto tumultuoso, Bombaim sem dúvida, içaram-na para bordo dum monstruoso paquete.

Nas entranhas do Leviatan, atravessou o Golfo de Oman, penetrou no Golfo Pérsico, atingiu-lhe o fundo extremo. Depois, em pe-

quenos barcos, vogou pelos meandros do Chat-el-Arab, atravez de escaramuças contra homens de fêz vermelho. Á custa de sangrentos assaltos, entrou em Bassorá, e logo após, caminhou para o Norte, ora seguindo o curso do Tigre, ora internando-se por terras da Mesopotamia. Havia combates no rio, batalhas no campo, refregas nos ares. O fumo da artelharia obumbrava o ambiente cálido, as granadas rebentavam na gleba ressequida como flores de fogo, os ribombos do canhão atroavam sem tréguas. O berço das velhas civilizações asiáticas empapava-se de sangue. Mas o exército britânico avançava até quasi às portas de Bagdad. Combatia nos campos de Ctésifon, onde passara Alexandre da Macedónia. E pode ser que a valente muar farejasse os sitios onde Bucéfalo pousara a pata vitoriosa.

Mas o exército, assoberbado por forças superiores, era forçado a recuar. Encurralado em Kut-el-Amara, esperava, durante meses de penúria e de horror, os prometidos reforços. Os viveres escasseiavam, as aguas pantanosas matavam de febre. Uma que outra vez, aves gigantescas lançavam sobre os sitiados latas de conserva, recebidas como celeste maná. Por fim, esse mesmo recurso falhou. E onde os homens sucumbiam de inanição, não eram mais ditosas as azêmolas.

Diante da mangedoura, erma de feno, a mula, nas vascas da fome, ia relembrando tristemente as glorias passadas. E talvez compreendesse que todas as campanhas antigas eram nada, em comparação desta luta colossal em que se empenhava o mundo inteiro. Talvez se consolasse, ao pensar que a desventura presente era uma parte, mínima embora, do preço por que se resgataria a luz da civilização humana, contra a qual sopravam ambições nefandas.

Mas, em volta de si, não via senão miséria e agonia. As surtidas repetiam-se sem éxito. Os cadáveres acumulavam-se nas ruas fétidas. O horror da fome crescia, crescia sempre, e vislumbravam-se assômos de fúria canibalesca.

Uma vez, viu aglomerarem-se à sua beira os homens que restavam da sua bateria. Nos rostos macilentos desses outrora vigorosos soldados de Álbion, escorriam lagrimas, os seus arcabouços ossudos arquejavam com soluços. Que nova angústia seria aquela?

Cedo o percebeu. A mão de um deles avançou, empunhando uma lâmina. Não era a espada gloriosa do guerreiro, era o cutelo sinistro do magarefe. E quando o brandiu no ar, o seu braço veloso tremia, os seus olhos azues enublavam-se de pranto...

O valente animal denunciou na meiguice

do olhar a resignação da sua alma. Ia completar o sacrifício da sua vida aos homens, dando-lhes a sua carne em repasto.

Estendeu o pescoço listrado pelas gloriosas fitas, e esperou o golpe...

Caldas da Rainha, Outubro de 1916.

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

... e todas as contingencias da vida se diluem no assombro das duas grandes fatalidades:—o Amor e a Morte.

Cruzeiro—Outubro, 1916.

FRANCISCO DE QUEIROZ

Cabeça de estudo

Felix da Costa

A MAGNA QUESTÃO

A litteratura, a philosophia e a politica dos primeiros quarteis do seculo XIX ressentiram-se do pessimismo desalentador dos mestres da revolução franceza. Todos repetiam aquella desoladora phrase que, aos vinte annos, Taine confiava a Prevost-Paradol — *Je n'espere pas. Nul homme réfléchi ne peut espérer.* — E assim, em esta seccura de alma, se foi vivendo, agindo e luctando.

De Renan a Tolstoi, de Loti a Tourguenieff, encontramos sempre a mesma aridez estiolante, que passando dos individuos para as multidões, das ideias para os factos, da theoria para a acção, arremessou a sociedade moderna para este abysmo em que as paixões tumultuam infrenes e o egoismo pompea avassalador.

E nas sociedades dominadas pelo egoismo, consectário logico e fatal do orgulho materialista, a mais grave de todas as questões, o problema maximo é — o pauperismo.

Já dizia Heine que a riqueza é sol de um dia, que no brusco poente deixa ominosos presagios, e a pobreza limpida noite a que se succede refulgente e suave aurora. Mas para que isto assim seja torna-se mister que nos subtrahiamos todos a esta acção demolidora do egoismo materialista e descrente, e procuremos todos, n'um esforço intelligente e generoso, cheio de bondade, da reflexão da consciencia e de esperança, lenitivar agruras, enxugar lagrimas, suavisar dores, desopprimir angustias, balsamisar chagas, acarinhar desventuras, alentar entibiamentos, deradicar duvidas pungentes, e acenar com esperanças reanimadoras.

Não será com o pessimismo de Schopenhauer, com as desolações de Baudelaire, com o scepticismo da descrença, com a aridez do materialismo que se podem assegurar felicidades duradoiras na vida e vingar os desares e as ruinas da morte!

Não! É com a fé que se enxugam as lagrimas dos afflictos, e se derrama o balsamo abençoado nas grandes chagas sociaes!

Acodem-me ao espirito, n'este instante, aquellas paginas do conhecido livro de Victor Hugo *Les pauvres gens,* onde, em phrase brilhante, o grande poeta descreve a bondade da mulher do pobre pescador, carregada de filhos e de miseria, adoptando os orphãos

mais desgraçadinhos do que as creancinhas que com ella viviam, comparticipando da sua penuria, porque queria praticar a caridade, essa angelica virtude que não espera a recompensa do ceu, porque a tem já na terra!

Ora o infortunio dos pobres, a miseria das classes trabalhadoras, ensina-me a experiencia de vinte annos que não se remedeia com palavras e muito menos se minora com discursos ou theorias, mas tão só com obras e factos, que não recuam ante os sacrificios nem deante do trabalho não raro fastidioso e rude, que não afrouxam com a prespectiva da ingratidão descaroavel, para darem auxilio aos famintos, agasalho aos que tiritam de frio em lobregos tugurios, soccorro aos enfermos e protecção aos orphãos.

Este é o trabalho de que carece a collectividade nos nossos tempos, e felizmente que o regresso á tradicção christã, influindo nas intelligencias e nos corações, é hoje um facto incontestavel.

Paul Bourget, o giganteo romancista hodierno, René Bazin, o sapiente e delicado academico, Maurice Barrés, o collossal e activo propagandista das ideas catholicas, Paul Claudel, Charles Peguy, Francis Jammes, Jacques Rivière são os apostolos d'esta abençoada e salutar reacção, eminentemente educadora e altamente patriotica, cujos resultados bene-

merentes se affirmam inilludivelmente ante as questões sociaes.

E as collectividades numerosas, como em toda a parte são as dos ferroviarios, são as que mais teem a lucrar com este renascimento d'aquelle espirito de generosidade, de dedicação, de sacrificio, que foi a nota primacial e inconfundivel das grandes instituições beneficentes que se crearam e medraram á sombra da Cruz.

E que o digam os syndicatos catholicos dos ferroviarios francezes.

L'irreligion a fait du son temps, disse-o eloquentemente o eminente sociologo francez Emile Faguet...

SANTOS FARINHA

SONETOS

Oh! triste Nazareno! Oh! pallido Jesus!
Que ouviste a sorrir em casa de Pilatos,
a turba em gritaria pedindo os maus tratos,
que foram do açoite até pregar-te á cruz!

Depois agonisante, os olhos já sem luz,
ainda perdoaste os seus ferozes actos,
perdoa-me tambem se comparando os factos,
Eu vejo em teu soffrer, que o meu soffrer tranluz!

A turba, meu destíno, feroz e inclemente,
tambem pede o calvario que finde os dias meus!...
E tenho de sorrir e caminhar p'ra frente!...

Mas para que os meus passos se guiem pelos teus,
Senhor, dá-me coragem, faz-me paciente,
bem vês que sou um homem e tu já eras Deus!

Só Deus sabe o horror que tenho á vida!
E se d'ella me sinto descontente,
é porque, pouco a pouco, claramente,
fui vendo quanto é torpe e é fingida!

Do regaço da mãe enternecida,
põe-se a gente a caminho alegremente
p'ra cair enlevado inexperiente,
nos braços da sereia empedernida!

Quanta esperança que foge n'um momento!...
Affeição que se vai sobre affeição!
Quanta dôr, quanto ai, quanto lamento!

E depois de esmagado o coração,
vai lançar-nos no pó do esquecimento
embrulhados nas taboas d'um caixão!

Quando passas altiva de mim perto,
e olhas constrangida para mim,
o que sinto não digo porque, emfim,
exprimi-lo não posso bem ao certo.

Qualquer coisa de preso n'um deserto,
só vendo ao derredor o mar sem fim,
condemnado a passar a vida assim,
sem que espere jámais, vêr-me liberto!

Mas vê tu como é triste este viver!...
Que mysterios ha n'alma a profundar!
Como ha gente que gosta de soffrer!...

Quanto mais tu me feres ao passar,
quanto mais tu me fazes padecer,
menos quero perder o teu olhar!...

Faro.

Eduardo Garrido

Em descanço

Carvão de D. Maria Alexandrina F. Chaves

(Photographia)

OS DOENTES, NOSSOS IRMÃOS

Entre as qualidades que diferenceiam a gente portuguêsa de outras gentes, vizinhas ou distantes, avulta, em meu parecer, o sentimento de compaixão pela desgraça alheia, nas diversas formas que a miséria humana apresenta, e sobretudo na doença e na pobreza.

A nossa história, desde os primeiros tempos, está cheia de notáveis provas de que este sentimento, sendo dos indivíduos, era das colectividades, e traduzia-se em instituições destinadas a prover de remédio, quanto possível, áqueles males. O que hoje se chama assistência pública, não é novidade, existiu sempre no nosso país; a diferença é que, nos tempos mais antigos, as instituições particulares, fortes e independentes, sabiam e podiam fazer o que mais tarde, à medida que a centralização se foi desenvolvendo, veiu a ser considerado missão do Estado.

E assim é de vêr como, ainda em plena

Idade Média, se criam por toda a parte as albergarias, as gafarias, depois os hospitais, fundados pela Rainha D. Izabel, esposa de D. Dinís, canonizada pela Igreja, e por ultimo essa grandiosa instituição das Misericórdias. obra patrocinada por D. Leonor, esposa de D. João II, obra tão grande e que tão rapidamente se espalhou por todo o país, obra que não tem paralela em qualquer outro, e que ainda hoje, tendo de lutar por vezes com a atracção centralista, é a mais forte coluna da assistência pública.

Isto pelo que respeita à caridade colectiva. Se, porêm, considerarmos a caridade individual, sabemos todos que ela é inesgotavel, talvez não tanto nos grandes centros, onde as despezas para atender a necessidades, por vezes imaginárias, tornam os corações mais empedernidos, mas, de certo, por essas provincias fóra, onde a geral pobreza irmana os necessitados.

Na Povoa de Varzim os pescadores da sardinha, refractários a todo o progresso da técnica, saem ainda ao mar com as rêdes antiquadas. Se o inverno é duro, se a pescaria escasseia, vão empenhando ou vendendo quanto possuem. Por ultimo fica a pobre casa vazia, sem uma arca, sem uma esteira. Então vêem-se (ainda ha poucos anos se viam, pelo menos) essas lúgubres filas de homens, mulhe-

res e creanças, tiritando de frio e emaciados pelas privações de muitos dias, bater às portas dos casais nas aldeias circumvizinhas. Nesses casais a abundância não existe; o inverno tambem paralizou os trabalhos agrícolas; mas nunca deixa de haver um bocado de pão a partilhar com os pobres pescadores.

Pior que a pobreza é a doença, a doença herdada ou que se adquire, a doença incuravel ou que, por falta de meios, não pode curar-se, e entre elas, talvez mais que nenhuma outra, a tuberculose.

Porque ha tísicos? Excesso de trabalho, deficiência de alimentação, habitações anti-higiénicas, contágio pelas poeiras, predisposição ingénita, hereditariedade; é o que dizem os sábios. Mas conhecem-se exemplos em que nenhuma dessas causas se observa: numa família, de pais robustos, vivendo bem, um, dois filhos aparecem tuberculosos; tratados com todos os cuidados, não resistem; os irmãos não são contagiados e vivem longos anos.

E que doença tão triste, a tuberculose! Aquela creança que eu conheci, tão inteligente, tão amavel, chegou aos onze anos, fazendo os encantos dos pais e dos estranhos. Vem a doença, a tosse, os laivos de sangue expectorados. «Não é nada.» A inteligência mais se afina, o encanto das suas palavras é maior; dá conselhos, parece uma senhora,

faz projectos para quando voltar a primavera; o corpo vai-se adelgaçando, é quasi uma sombra, só os olhos negros mais rebrilham de dia para dia. Chega a hora extrema. «Tenho frio, aqueçam-me para poder ir ao campo no domingo». E morre.

Bem hajam os que procuram curar, ou pelo menos suavizar, as tristezas da tuberculose.

Lisboa, 15 de Agosto de 1916.

VICENTE ALMEIDA D'EÇA

OUTOMNO

O sol que se desterra,
Deixa as arvores tristes na orfandade
E deixa viuva a terra
E os passaros sem voz...
Nas proprias cousas, vêde, que saudade
A olhar, a olhar, absôrta, para nós!
Alegrias do Além esvoaçam... frouxas azas
De sombras e segredos...
Cinza aérea velando as êrmas casas,
Entre phantasmas negros de arvoredos
Que choram ao luar...
O *norte* agreste inflama
O ceu rôxo das tardes misteriosas
E engrossa a voz do mar.
E a mão da Palidez, chimerica, derrama
Oiro de morte sobre as cousas...
Qual vaga e esparsa flor, a Solidão
Cresce no meu jardim...
As rosas murcham na roseira verde,
Tombam em cinza de alma que se perde...
Outomno, outomno, ó martire estação,
Profecia do Fim...

TEIXEIRA DE PASCOAES

EM LOUVOR DA MONTANHA

Introíbo ad altare Dei...

Ao altar da Montanha suba o louvor da minha boca e nestas palavras a sua gloria seja levada por todo o espaço!

No acordar da primeira manhã, tu fôste o anseio da Terra, levantando a face para o beijo do Sol, na vizinhança das nuvens, e por todos os dias ficaste guardando puramente o mistério das nascentes consoladoras. Vieram acolher-se os vales ao teu abrigo, com a promessa das primeiras flôres, vendavais em teu dorso ferindo as asas malfazejas, na tempestade calando as iras do ceu em fogo.

Se de longe meus olhos acompanham a tua ambição, vejo-me levantado até ás estrelas, porque tu suspendes a concha do azul; quando te contemplo, ao subir o trono das tuas colinas, a terra de meus pés é já um abismo e o ceu mais distante ilusão.

Elevo-me na maior altura para escutar Deus, mas nunca Ele se avista á flôr do horizonte e mais se esconde na dúvida do crepusculo. Sôbre estas penhas sagradas desceram vozes divinas a que não se abriram os ouvidos dos homens, e as legiões migradoras pararam á tua vista, quando do teu seio lhes deste o bronze para eternizarem seus idolos. Depois, sem reparar, a hora da fé passou nas almas, deixando as altas pedras imoveis no sonho morto de se verem catedrais.

Para te amar fielmente, desprezei os grandes caminhos da terra e as tentações do mar: peregrino eterno quero ser para te subir, por teu poder me vejo rei para dominar. Jardineiro dos meus desejos, em ti ganhei o cuidado de os conservar floridos para a dôr da minha vida e gloria da minha morte.

Ecos heroicos, gritos de sangue, em teu silencio augusto a Eternidade os acorda, quando almas puras alcançam entende-los.

A teus pés humilha o vento os rumores das suas asas: vozes de mortos, cânticos e lamentações dos que na vida vão passando para a ressurreição dos túmulos, anseios de sementes que sonham florescer.

Quando ao sol da Primavera, os regatos vencem as suas prisões de neve, abrem-se em flôres os sorrisos da terra, e das fontes que cantam a harmonia da luz, sobem vibrações

inquietas, á procura de uma benção para alêm dás nuvens.

O olhar ambicioso que passou para lá do teu veu de misterio, não pôde levar mais alto o deleite de se ver entre santuários alvejantes, subindo em procissão por entre cirios de estrelas.

Passam estações da vida, ao mesmo repoiso me acolho tranquilamente até adormecer. A tua face eterna humilha os acasos da mudança em meus anos mortos, e vejo-me caminheiro, a andar ainda, tendo já passado sem o saber, o termo da jornada.

Atrás da ambição dos horizontes, tomei asas para subir, mas cada vez o sol sorria mais da minha ingénua esperança; e no meio do caminho da vida, conhecendo os frios da desventura e a chama alta das paixões, o velho amparo demando, como um romeiro cançado a quem os maus dias romperam a capa.

O olhar se me azulou, esperando no ceu a aurora do meu San-Graal, mas as nuvens turvaram-se de tempestade e na noite que se cerrou, não clareia a graça da Senhora da Bonança.

E no regresso ao carinho da tua Ara Santa, só o coração fiel me alumia os passos, aceso na palma da mão, longe do tumulto enganoso em que nunca se consome a malicia dos homens.

Preserva-me agora das baixezas da terra, erguendo-me até ao esquecimento de ilusões em preiamar, para que sempre a minha aspiração se perca na bem-aventurança azul da tua pureza!

(De um livro a publicar).

HIPPOLYTO RAPOSO

AQUELA QUE EU ADORO

Tem seu olhar a casta maciêza
das madonas da escola florentina,
e nêles transparece, cristalina,
toda uma alma de candida purêza.

Aspiro-lhe o perfume do sorriso,
como se haurisse a vida em fúria louca,
nos beijos que depônho em sua bôca,
plena de amor, meu dôce paraizo.

Alma e corpo gentil em que se encerra
toda a ventura para mim na terra,
— estrêla d'alva que em meu peito brilha...

És tu, mulher bemdita, ideal santo,
cheia de graça, de bondade e encanto,
— ó adorada mãe da minha filha!

Pará, 24-9-912.

AUGUSTO DE LACERDA

O QUE ELLAS FAZEM

DESENHO Á PENA DE AFFONSO DE DORNELLAS

(Tamanho natural)

FÉ — ESPERANÇA — CARIDADE

Sorria, encostado á varanda rendilhada do palacio, vendo os crentes entrar na Ermida, cheios de unção e de crença.

Que iam ali fazer? A Vida era a Realidade — era o que se via, o que se sentia, o que se gozava.

Acima d'ella nada existia, porque a Morte era o *fim* e Deus a Phantasia.

Para que servia então rezar? Oh! não! As aves tambem não rezam; cantam, e o Sol afaga-as, e o arvoredo acolhe-as.

A Vida era a natureza no murmurio das suas fontes, na seiva dos seus campos, no perfume das suas flores.

Crêr para quê? Crêr em quê?

E olhava e sorria da varanda rendilhada do seu palacio, sem comprehender, sem attingir, a escravidão d'aquelles seres que iam curvar-se, ali, no lagedo frio da Ermida, perante o Divino Mysterio.

Que pediam as suas preces que o Ouro — soberano universal! — não pudesse? Pois se era elle que dominava, que vencia, que dictava leis e transformava sentimentos!?

Um dia, como uma punhalada traiçoeira, a Desgraça feriu-o. Quiz vencel-a, quiz reagir — e, mais aguda e mais intima, a Dôr traspassou-lhe o coração.

Correu então a pedir ás aves o seu cantar, ás fontes o seu murmurio, ás flores o seu perfume — e apenas pôde compôr uma corôa de espinhos, mais aguçada e persistente. Dirigiu-se aos homens a rogar-lhes o seu affecto; implorou ás mulheres o seu amor — e colheu um ramo de cardos e saudades.

Sem um carinho, sem um affago, olhou para a estrada da Existencia. Estava fria, deserta, tendo por unico pharol a Morte.

Tremeu! Quiz fugir, esconder-se...

E vendo a Cruz da Ermida lá no alto, quasi a tocar no Ceo, supplicou-lhe:

— Acolhe-me tu! Não sei o que és nem o que representas porque nunca m'o ensinaram, mas vejo em ti o meu unico refugio, o meu derradeiro amparo.

E a Cruz, altiva e forte, n'uma aureola de infinita piedade, disse-lhe:

— Vem. Eu sou a Fé!

* * *

. . . . . .

Sobre uma desillusão outra desillusão viera... E por tantos desenganos soffridos, sentia já pezar-lhe o fardo da vida como uma pedra collossal que lhe tivesse esmagado todos os sonhos, todas as ambições!

Se olhava o caminho immenso do Passado, via-o coberto de dôres, de amarguras, de desenganos.

Nem um pallido raio de luz a illuminar-lhe as trevas.

Apenas um rio de lagrimas, cortando a escuridão infinda, lhe apontava, lá ao longe, o berço — ponto de partida do Soffrimento.

Nem na Estima, nem no Amor — nem nos beijos do affecto, nem nos beijos da paixão — tinha jámais encontrado a Felicidade — sempre chocada e sempre desfeita nas garras do Tumulo e na perversidade da Mentira.

Olhou então o horisonte do Futuro. Estava nevoento e triste como um campo batido pelo vendaval.

Nem uma nesga de Sol a aquece-lo, nem um sorriso a branquear-lhe as linhas...

Ficou-se a olha-lo, a perscrutar-lhe o intimo, nos braços do Desalento.

E foi então, como se uma estrella bemdita lhe tivesse surgido de repente na propria alma, que elle ouviu uma voz intima, cheia de energia e de doçura, gritar-lhe:

— Animo! Coragem!

Era a Esperança!

* * *

. . . . . .

Havia tres dias que na mansarda dos pobres miseros não entrava uma côdea dura.

Sobre a enxerga rôta, a Mãe desgraçada e macilenta, estendia o peito magro e sêco á boquita descorada do mais pequenino, que chorava, que gemia...

Lá fóra a ventania, soprando rijamente, fazia estremecer as telhas partidas d'aquelle albergue de Doença e de Miseria, onde só o frio e a chuva entravam como golfadas de Martyrio.

— Mãe, tenho fome! — disse o mais velhinho, a tiritar. — Tenho muita fome e muito frio!

E, agarrando-se ás saias esfarrapadas da desgraçada, olhou-a supplicante, com o rosto banhado de lagrimas.

— Quem se lembrará de nós, filho?...

Como um repelão da Morte, a tosse da

tisica suffocou-a; e a carne d'aquella mulher envelhecida pelo soffrimento, estremeceu n'um arrepio.

Os olhos brilharam-lhe como carvões em braza, n'um supremo esforço d'energia — até se cerrarem, amortecidos, no deliquio da febre.

No fogão nem uma ácha de lenha; no armario nem uma migalha endurecida...

E pela Cidade immensa, cheia de Vida, cheia de conforto, elevava-se um murmurio de felicidade, vindo até ali, no echo do cinismo, a gargalhar, a troçar, a affrontar...

— Mãe, mas tenho muita fome, minha mãesinha!...

— Filha! Filha, calla-te, por Deus! Nem vês que a bulha da Alegria e da Saude abafa os teus gemidos! Quem te poderá ouvir! Quem se lembrará de nós!

N'um clarão de luz suavissima, a porta da mansarda abriu-se:

— Lembro-me eu. A Caridade!

E. Severim de Azevedo (Crispim)

A UMA AQUISTA

A essa garganta escultural, perfeita,
Fléxuoso marfim de Sulamite,
E á bôca sensual, vermelha e estreita,
Que teme a faringite,

Não lhes prestam acerbas beberagens,
Ou inalações das aguas sulfuradas:
Só lhes faz bem usar doces massagens,
Suaves, delicadas.

E esse nariz que ostenta a nobre raça
Das filhas d'Israel, de linha pura,
Asas vibráteis, aquilina graça,
Assim... nunca se cura!

Massagens, sim: ungindo docemente
Com demorados, veludosos beijos,
A péle assetinada da doente.
Dispensam gargarejos.

Inalações de labios que se aspiram,
Hálitos mutuamente confundidos,
Tonificam laringes, tosses tiram,
Concertam os ouvidos.

Seguindo o curativo vinte dias
Sem dôr, antes prazer, consolação...
Ao peito voltam frescas alegrias,
Melhora o coração!...

Entre os Rios, 1916

J. de Oliveira Simões

ASTROLÁBIOS EXISTENTES EM PORTUGAL

Ha na Escola Naval um astrolábio plano que é uma joia da antiga instrumentaria astronómica. O buril do constructor deixou artisticamente gravado nas duas páginas de um disco de latão, de 22 centimetros de diámetro, um compendio de astronomia. O precioso instrumento cuidadosamente guardado em caixa propria, forrada de veludo, que a Escola tambem possúe, era de facil transporte, constituindo um *indispensavel* de astrónomo. Com êle se resolviam muitos problemas, não só de astronomia, mas até de agrimensura; e como mostrava, em qualquer hora, a posição das estrêlas e a distribuição dos signos pelas casas celestes, era muito usado na Astrologia, que se propunha decifrar os designios da Providencia escritos com o oiro dos astros no azul do firmamento.

Foi seu constructor, como se lê no dôrso (Fig. 2), o siderógrafo Nicol Patenal, no ano

de 1616; mas instrumentos como este já se construiam n'uma antiguidade muito remota. O astrolábio planisférico foi trazido para a Europa pelos árabes, que o receberam dos gregos, parecendo ter sido seu inventor Eudóxio de Cnido (século IV a. C.). Instrumento predilecto dos árabes, que o aperfeiçoaram sem o modificarem essencialmente, foi depois muito espalhado na Europa, prolongando-se o seu uso até ao fim do século XVII. Ainda Boileau diz na sátira *Les femmes,* escrita em 1693:

> Un astrolabe en main, elle a, dans sa gouttière,
> A suivre Jupiter passé la nuit entière.

O que caracterisa os astrolábios planos é a representação da esfera celeste pela sua projecção sobre um plano. Assim, na face do astrolábio da Escola Naval, (Fig. 1) se contempla um planisfério celeste, limitado pelo trópico de Capricornio. O plano de projecção é o do equador, e o ponto de vista é o polo sul da esfera celeste; as rectas, tiradas deste polo para os diferentes pontos da esfera situados ao norte do trópico de Capricornio, marcam as projecções de cada ponto no plano do equador. É pois uma projecção estereográfica equatorial. O centro da figura é a imagem do polo norte; o diámetro vertical representa o meridiano; e o diámetro horizontal, debaixo do qual se lê — *Horizon rectus* —, é o circulo

Fig. 1 — Face do Astrolábio da Escola Naval

(Diametro 22 centimetros)

horario perpendicular ao meridiano do logar onde se observa.

Na face do astrolábio ha duas peças moveis independentes uma da outra: a *medeclina* e a *aranha*. A medeclina é a alidade, com duas pínulas furadas, movel em torno de uma cavilha que atravessa o centro do instrumento e se fixa com o botão que se vê no meio da figura (Fig. 1) com cinco orificios. As duas pontas da medeclina deslizam sobre o limbo que, no bôrdo do disco, está dividido em XII horas como um mostrador de relogio e, mais a dentro, em graus, desde o a 90, em cada um dos quatro quadrantes. Este limbo, juntamente com a chapa do dôrso do instrumento, forma a *mãe* do astrolábio, na parte superior da qual está fixo o anel de suspensão.

A medeclina serve para tomar a altura dos astros. Se se trata de uma estrêla, eleva-se o instrumento, suspenso de uma das mãos, até que o ôlho fique junto do extremo inferior da medeclina, e move-se esta até se vêr a estrêla atravez dos orificios de ambas as pínulas. A medeclina marca então na graduação do limbo a altura do astro acima do horizonte. Tratando-se porém do sol, o processo é diferente. Suspenso o instrumento, estende-se o braço para a frente, orienta-se o disco no plano vertical do sol e dirige-se a medeclina até que a sombra da pínula alta cubra a pínula baixa

e um raio de luz solar se enfie pelos furos das pínulas.

Por baixo da medeclina, e dentro do limbo, move-se em torno do centro a aranha, peça largamente recortada d'onde se destacam muitos dentículos, e atravez de cujas aberturas se vê o disco de latitude sobre que ela gira. Faz parte da aranha um anel circular excentrico, dividido nos dôze signos do zodíaco; o círculo exterior deste anel é a projecção estereográfica da eclíptica. Os diferentes dentículos marcam, no extremo da sua ponta afiada, a projecção de uma estrêla, cujo nome se lê junto. O movimento da aranha reproduz a rotação diurna das estrelas em torno do polo. O movimento diurno do sol é representado pelo do ponto do zodíaco em que êle se acha em cada instante.

A aranha deixa vêr atravez das suas aberturas o disco de latitude, na parte superior do qual as linhas das almocântaras e dos círculos verticaes formam figura semelhante a uma teia de aranha. As almocântaras são os parallelos de altura, circumferencias interceptadas na esfera celeste por planos horizontaes. As projecções estereográficas das almocântaras vão subindo, de 2 em 2 graus, desde o horizonte, diminuindo de raio até ao zenite; deste irradiam em todos os sentidos as curvas dos círculos verticaes Tirando o disco para

Fig. 2 — Dôrso do astrolábio da Escola Naval

fora, vê-se na outra face uma rêde de circulos semelhante. Contando pelas almocântaras os graus que vão desde o polo, centro da figura, até ao horizonte, vê-se que o disco de latitude do astrolábio da Escola Naval servia para logares de 46° ou 48° de latitude geográfica, conforme a face que ficasse voltada para fora. Geralmente cada astrolábio tinha um jogo de discos correspondentes a diversas latitudes, providos de um chanfro com que se fixavam n'uma saliencia da mãe do astrolábio para não serem arrastados pela rotação da aranha.

Para se ter a situação das estrelas e dos signos acima do horizonte do logar, num instante qualquer, basta tomar, com a medeclina, a altura de uma das estrelas projectadas na aranha do astrolábio. Se a altura lida é, por exemplo, de 20 graus, leva-se a extremidade do dentículo da estrêla até a colocar sobre a almocântara de 20°, de um ou outro lado do diametro vertical, segundo a estrela está a oriente ou a occidente do meridiano. De dia, toma-se a altura do sol e leva-se o ponto do zodíaco, ocupado por êle, para a almocântara da altura observada.

Seria longo enumerar os variados problemas que se resolvem com o astrolábio*.

* Tratamos este assunto com mais desenvolvimento no nosso estudo *Astronomia dos Lusíadas*, Coimbra, 1915, pag. 136-148.

Na Sociedade de Geografia de Lisboa existe um astrolábio planisférico de latão, com um diametro de 20 centimetros, de um tipo diferente do da Escola Naval. A esfera celeste é representada, no dôrso do instrumento, em projecção ortografica sobre o plano de um meridiano (Fig. 4). Os extremos do diametro vertical marcam os polos do equador, ficando o polo sul *(Polus Antarcticus)* junto do anel de suspensão e o polo norte *(Polus Arcticus)* na parte inferior; correm de um a outro as linhas dos círculos horarios. O diametro horizontal é a projecção do equador, e as rectas que lhe são parallelas representam os círculos descriptos pelos astros no movimento diurno. Assim se vêem os parallelos de 18 estrêlas designadas por *Extremum caude urse maioris, Hircus, Lyra,* etc. Entre os trópicos podem vêr-se os parallelos do movimento diurno do sol em diferentes épocas do ano.

Sobre este planisfério celeste ha uma peça, movel em torno do centro, que se pode fixar em diferentes posições com a cavilha que se vê no meio da figura. A régua mais estreita, que ocupa a extensão de um diámetro; graduada desde o a 90 para cada lado, representa o horizonte; e a régua perpendicular a esta é uma escala de alturas até aos 90° do zenite. Para cada lugar da Terra tem de colocar-se a peça movel de modo que o polo

Fig. 3 — Face do Astrolábio da Sociedade de Geografia

(Diametro 20 centimetros)

diste do horizonte o numero de graus da respectiva latitude geográfica.

O astrolábio da Sociedade de Geografia não tem indicação de data, como tem o da Escola Naval. O estudo da colocação das estrelas neste planisfério do dôrso pode dar ideia da antiguidade do instrumento. Assim a η da Ursa maior, com o nome *Extremum caude urse maioris*, está sobre um parallelo de 38° de distancia do polo. A distancia polar desta estrêla era de 37°,6 no ano de 1400, de 38°,2 em 1500, de 38°,7 em 1600, e é actualmente superior 40°, em resultado da precessão dos equinócios. A consideração porem da face do astrolábio permite-nos afirmar, mesmo antes do estudo da posição das 18 estrêlas, nela tambem representadas, que êle é anterior a 1582, ano da correcção gregoriana.

Na face (Fig. 3) está a medeclina, cujas extremidades deslisam sobre o limbo exterior, dividido em graus e em horas, o qual faz corpo com a chapa do dôrso. Dentro d'êle vê-se o disco limitado por duas faxas circulares concêntricas: a externa graduada segundo os signos do zodiaco, começando os de Áries e Libra nos extremos do diametro horizontal, e os de Cancer e Capricórnio nos extremos do diametro vertical; a interna dividida, segundo os mezes e dias do ano, em 365 partes. Assim se tem a marcha anual do sol nos signos do

zodíaco. Ora o traço que marca o principio do signo de Aries está no prolongamento do traço que, no círculo dos meses, termina o dia 10 de março *(Martius)*, e a entrada do sol em Áries marca o principio da primavera. O instrumento é pois anterior á correcção gregoriana. No dôrso do astrolábio da Escola Naval (Fig. 2) ha tambem um circulo dos mezes dentro do círculo do zodíaco, mas nêste vê-se o traço do principio de Áries, num dos extremos (occidens) do diametro horizontal, a corresponder ao dia 21 de março. Este ultimo instrumento, construido em 1616, adopta já o calendario gregoriano com o começo da primavera em 21 de março; o da Sociedade de Geografia segue ainda o calendario juliano, sendo portanto anterior ao ano de 1582.

Acima do diametro horizontal ha no dôrso do astrolábio da Escola Naval um par de círculos, com as figuras do sol e da lua, que são duas rodas perpétuas, uma de letras dominicais, e outra de áureos numeros e epactas.

Por baixo do mesmo diámetro vê-se um rectangulo que é constituido por um duplo quadrado de sombras. Na face do astrolábio da Sociedade de Geografia ha tambem, por baixo do diametro horizontal (Fig. 3), um quadrado de sombras, ou escala altímetra. O lado inferior, onde se lê *Umbra Recta*, tem uma escala dividida em 12 partes, ou dêdos,

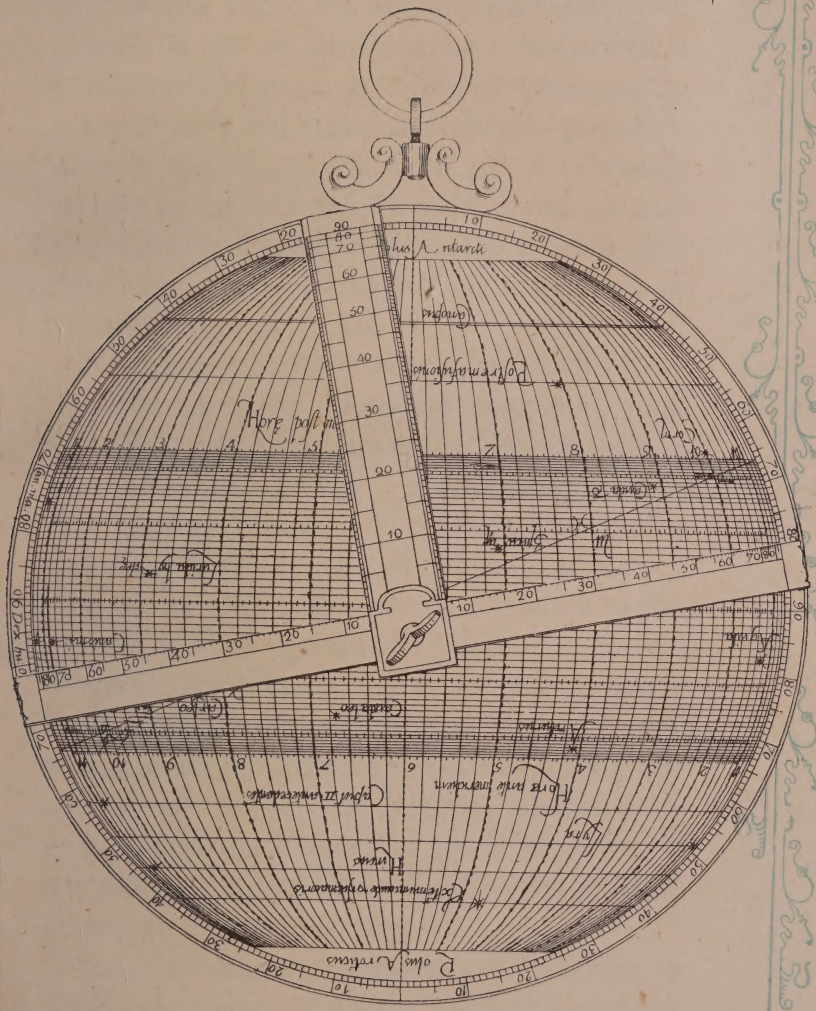


Fig. 4 — Dôrso do Astrolábiod a Sociedade de Geografia

que mede a sombra de um estilo vertical, da unidade de comprimento, quando o sol está a mais de 45° de altura sobre o horizonte; a escala vertical, onde se lê *Umbra Versa,* marca a sombra de um estilo horizontal, quando o sol está em altura inferior a 45°. A escala da *sombra versa* dá a tangente trigonométrica da altura solar; e a da *sombra recta* a cotangente da altura, ou, o que é o mesmo, a tangente de distancia zenital do sol.

No Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra existe um astrolábio nautico (Fig. 5)*. Comparando o desenho que o representa com as Fig. 1 e 3, vê-se logo como este instrumento derivou do astrolábio plano, tomando deste apenas as peças destinadas á medida de altura dos astros, que são a medeclina e o limbo graduado sobre que correm as suas extremidades. Assim se formou o astrolábio náutico que, sendo tão simples, pôde tomar maiores dimensões, o que permitiu uma divisão do limbo em fracções menores do grau, e portanto leituras mais precisas. O astrolábio náutico de Coimbra atinge meio metro de diámetro.

João de Barros, narrando a chegada de Vasco da Gama á Bahia de Santa Helena,

* Esta gravura foi desenhada pelo snr. Eduardo Bello Ferraz, á vista do original.

conta como, para saberem a latitude geográfica, tomaram em terra a altura do sol com um astrolábio de madeira de tres palmos de diámetro, que armavam em tres paus á maneira de cábrea. Mas levavam tambem outros mais pequenos, de latão, que suspendiam da mão, para observar.

Os tres astrolábios, de que acabamos de dar apenas uma rápida e incompleta noticia, são de um grande valor. A creação, no nosso paiz, de um Museu de instrumentos astronómicos seria de alta vantagem para esclarecimento da historia da arte de navegar dos portuguêses.

A instrumentaria antiga não tem porêm apenas valor histórico; ela deverá fornecer modelos para o estudo elementar da astronomia. Desde que os pedagogistas entendem que o aluno tem de percorrer o mesmo caminho, embora resumido, que a humanidade seguiu na elaboração de cada ramo scientífico, este processo de redescoberta, aplicado ao ramo astronómico, leva ao emprego dos instrumentos primitivos para as observações dos principiantes. Assim aquele Museu teria um duplo interesse, histórico e pedagógico.

Coimbra, dezembro de 1916.

Luciano Pereira da Silva

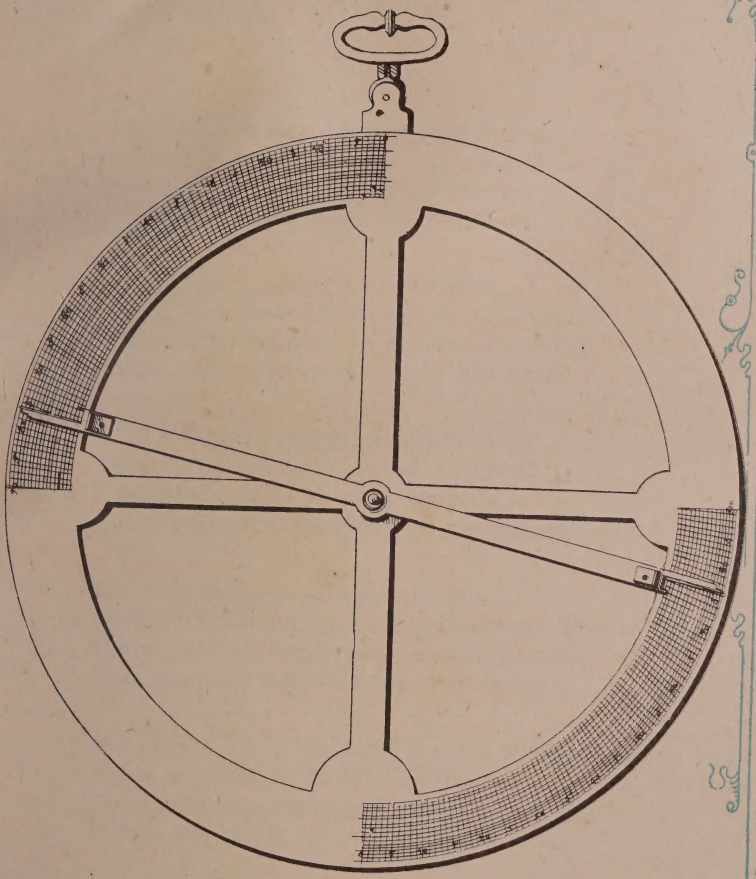


Fig 5 — Astrolábio náutico
do Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra

(Diametro 50 centimetros)

PECADORA...

Teu corpo de luar uma sombra o toldou;
tua boca de sonho um beijo a traz manchada...
Possuiu-te outro já; outro já te beijou;
e eu amo-te assim, minha flor profanada!

Amo-te, pobre amiga! E na tua belesa,
que esplende nesse olhar divino e sonhador,
vejo o rasto d'um verme a poluir-te a pureza,
o espectro d'outro amor a rir do meu amor!

Se te abraço, eu oiço a gargalhada rouca
d'êsse cinico amor que um dia te perdeu!
E se te beijo, sinto, ao tocar tua boca,
que o beijo que a manchou nela macúla o meu!

O pomba foragida ao vendaval irádo
das miserias do mundo, e em mim buscando abrigo!
Córta como um sarcásmo a voz do teu passado!
Mata como um vampíro o teu amor antigo!

Mas olho-te .. És tão linda! E então o meu olhar
é uma interrogação de amor e amargura...
Porque tens essa mancha, ó anjo de luar?
Porque não has de ser como as outras, pura?

O mesmo abraço em flôr dos covaes a sorrir
vae na morte irmanar virgem e pecadora,
e não ha-de êste amor poder-te redimir,
ó meu raio de sol perdido e sem aurora?

Pois se um fútil acaso, um acaso de amôr,
na tua imensa luz pôz essa escuridão,
— mudando a Natureza a podridão na flôr,
essa treva não posso eu muda-la em clarão?

Mas que amargura eu sonho, alucinado, agora!
Quem vai ahi cuspindo insultos sobre ti?
Tu passas, e uma turba indómita clamora:
— A impura! A impura! — e a apontar-te, ri...

Com o burguez obêso, hidrópico Sileno,
moteja Loveláce em torno á tua cruz...
E triste, o teu olhar, como o do Nazareno,
abre-se para o ceu, como um lótus á luz!

Mas como te faz linda essa ideal tristeza,
— a dor do teu pecado, — e como assim és casta,
ante o mundo brutal que te afronta e despresa,
e que a tua alma em sangue, a rir, na lama arrasta!

E eu, um insubmisso a toda a tirania,
com que desdem acuso êsse mundo que ahi
vende as filhas a oiro, e porque amaste um dia,
porque foste infeliz, ai vê! te insulta a ti...

Nesta noite de febre em que as sombras doiradas
dos astros pelo ceu são musicas saudosas,
eu diviso tambem, por cérulas estradas,
virgens de tranças d'oiro, aureoladas de rosas...

E entre elas vaes tu, translucida e serena,
na visão do que foste, eterisando o ar...
E o teu seio em botão é o d'uma açucena;
e o teu sorrir d'amor um astro a despontar...

Mas outra visão tua érgue-se em minha frente...
São duas visões já, mas esta angustiada:
—a visão do que foste, a sorrir resplendente;
e a visão do que és, a chorar desgrenhada!

E quanto mais sorri a visão do Passado,
mais est'outra visão, a do Presente, chora...
Sempre tu, sempre tu, e sempre o teu pecado,
que como um espião te segue a toda a hora!

Ah! eu que te perdôo e que vendo-te impura,
mais puro, por te amar, sinto o meu coração,
faço por esquecer a tua desventura...
Faço por esquece-la, e em vão, em vão, em vão!

E revolto-me contra esse acaso perverso
que assim te profanou, meu lirio a amanhecer!
E contra mim, que sofro, e nesta dôr imerso,
não te sei redimir e não te sei merecer!

Meu Amôr! Meu Amôr! Que onda de tristeza
nos nossos corações anda a tumultuar!
Tu sofres, porque és santa, e te vês sem pureza!
Eu sofro, porque te amo, e não te sei amar!

1914.

BERNARDO DE PASSOS

PENSAMENTO

Ha na vida um procedimento mais nobre e mais generoso ainda, que o de perdoar ou esquecer as offensas recebidas. É o de quem não as esquece nem as perdôa mas procede como se as perdoasse e as esquecesse.

RUBEN DE LARA

CANÇÃO DE AMOR E DE GUERRA

Para os soldados portugueses

A gente portuguesa, quando canta,
Não ergue, da garganta, sons apenas;
Toda a alma que tem se lhe levanta
Em brancas asas de ruflantes penas...

E, se a uma voz, outras se vão juntando,
Em claras e harmoniosas vibrações,
Não ha um coro apenas, mas um bando
De alados e vibrantes corações...

E, emquanto as vozes sobem num igual
E paralelo e eurítmico andamento,
O amor ascende para o mesmo ideal
Unido pelo mesmo sentimento...

Um cântico é nas almas um abraço;
Esquecem-se ódios maus, cóleras vans.
Nada que os torne — oh poderoso laço! —
Tão firmemente e nobremente irmans...

No nosso povo, a vida é a canção;
Cantando é que moireja o ano inteiro,
Cantando lança á terra e espalha o grão,
Cantando o traz, depois, para o celeiro...

Mansos cordeiros, feitos leões no assalto,
A batalhar cantemos tambem nós
P'ra que esta Pátria suba até tão alto,
— Tão alto como sobe a nossa voz!...

Lisboa, 1916

AUGUSTO GIL

Cabeça de estudo

Carvão de José Albino Armando

A TYSICA

Houve um tempo em que a tuberculose foi interessante. Chamava-se-lhe então a tysica, e da tysica faziam os romancistas e os poetas morrer as suas pallidas donzellas e os seus melancholicos heroes. Era tambem a tysica, que ceifava a existencia dos poetas e dos novellistas, a circunstancia que mais interessantes os tornavam,—e tanto o prestigio litterario d'essa tremenda affecção se estabeleceu que havia quem simulasse possuil-a ou desejasse adquiril-a, só para d'esse prestigio participar.

Uma noção mais sã da belleza da vida gradualmente foi acabando com essa morbida sympathia por um dos morbos mais terriveis da humanidade. A tysica despiu-se das suas caracteristicas romanticas. Não a salvam já, na idealidade, a morte de Margarida Gauthier, nem, na realidade, o triste fim de Antonio Nobre, e outros tantos seus camaradas

illustres na divina arte da poesia. Ella já não é a tysica,—é a tuberculose, e este termo tem o som cavo d'uma catacumba, onde não se encontra o perfume de braçadas de flôres, porque é na verdade o necroterio immenso onde os cadaveres de milhões de seres se amontoam, como se para ali os despejassem apoz os episodios varios d'uma batalha que não finda. É a tuberculose, horrivel, descarnada como uma caveira,—a propria imagem da Morte, com a sua foice que jámais cessa de ir cortando existencias humanas. Nada tem de interessante, nada tem que desperte uma lembrança de amor que se fina ou de gloria que secou na haste. Uma humanidade inteira, sem distincção de classes, nem de meios, nem de raças, por ella é victimada, sem que a Sciencia tenha podido sequer descobrir a forma realmente efficaz de a debellar. Não é só a verdadeira imagem da Parca; é a rediviva imagem da Sphynge. Alem da sua ferocidade, tem o seu mysterio, e por isso mesmo é duplamente horrivel, porque destroe a vida e conturba o pensamento. Semelhantes atributos geram o terror e o assombro. Este flagello surge como a cabeça de Medusa, e a consciencia humana, o sentimento humano, só podem egualar o horror que lhe votam com a piedade que as suas victimas lhes inspirem.

Não sendo possivel ferir a tuberculose no seu

amago, na sua essencia, que ao menos se attenuem os seus effeitos. O genio do mal que parece presidir aos destinos do mundo sentir-se-ha assim attingido na sua obscura perversidade, e a humanidade contará um triumpho em cada lagrima que seque, em cada soluço que emudeça, em cada alma que respire, vendo que, se o mal é uma realidade positiva, o bem não o é menos. É ao espirito que cumpre curar as feridas do corpo. A tuberculose continuará lançando na sepultura milhões de seres, cuja vida arrebatou, mas não conseguirá extinguir, como o faz ao fio da vida, o fio da solidariedade humana, que é piedade, amor, justiça, consolação, bondade, — affirmando uma vida eterna, que se purifica e desenvolve n'uma harmonia cada vez mais fraternal e mais pura.

MAYER GARÇÃO

EXCERPTO DO POEMA DA NOITE

.....

LXVII

Não ser banal!... Crear a Forma Nova.
Ir arrancal-a á chama esbrazeante
Como se rouba um corpo d'uma cova,
E dar-lhe febre, côr, vida e semblante.

Nem moderna canção ou velha trova,
Nem suspiros de amor arripiante,
Nem ais de guerra, nem beijos de alcova,
Nem liz de morte em peito angustiante.

Anceio *Mais* que Nero incendiario,
Ou de Hop-Frog o gesto libertario,
Anceio mais que a morte numa cruz.

A Forma Nova: A terra um glaciario,
E inda *Mais*, muito *Mais* do que Jesus
Minh'alma em braza dando vida e luz!

.....

Solar dos Moinhos — Eliceira, MCMXVI

FRANCISCO DE SANTOS-VIEGAS

OS PRECURSORES LITTERARIOS E SCIENTIFICOS DAS MODERNAS IDEIAS DE SOLIDARIEDADE

Ha de sempre dominar quem possuir a riqueza. Quando esta consistia quasi completamente no solo, deu em economia os physiocratas, e tornou nobres e privilegiados os possuidores da terra — os aristocratas. Depois que a riqueza foi sendo augmentada pelos productos da industria manufactora, explorada pelos antigos vilões, estes passaram a ser os preponderantes, com prejuizo dos antigos privilegiados. Os burguezes passaram a dominar, a impor-se — os plutocratas.

E quando as classes trabalhadoras, que pelo salario enriquecem os plutocratas, se associarem e se apossarem do producto colectivo do seu trabalho, ilustrados, moralisados, conscientes e organisados, sem a fraquentação individualista da burguezia, quando assim fôr, naturalmente a riqueza ha de socializar-se sem que seja preciso usar das baionetas. Até lá as revoluções na rua só po-

dem ser contraproducentes, porque elevariam ao patronato os dirigentes das revoluções, por sua vez exploradores dos fracos, ainda incompetentes para a sua integração nas unidades economicas sociais.

É por isso que cairam pelo ridiculo os saint-simonistas e os furieristas, apesar dos talentos de Leroux, Baron, Enfantin, Bakunine, o padre Lamenaire e tantos outros espiritos generosos e bons.

Proudhon, anarchista theorico, é o espirito negativo que fez a critica violenta dos erros dos individualistas da escola economica classica e dos socialistas da escola romantica de Owen.

Luiz Blanc, com a sua theoria do direito ao trabalho, marca a passagem dos socialistas metafisicos para os collectivistas positivistas, cujo ckefe é Karl Marx.

Entretanto na Alemanha, sob um criterio individualista, Roscher formava a escola economica *historica*. List foi um economista metafisico, digno compatriota do Hegel, das transcendencias que nem eles mesmos percebiam.

Na Inglaterra, correspondendo aos factos, pois que a riqueza tinha passado da terra para os industriais, banqueiros e comerciantes, Cobden é o chefe do librecambismo, já arredados os velhos physiocratas. *Laisser*

faire, Laisser passer...—os vencidos que ficassem esmagados nas duras engrenagens historicas dos privilegios. A voragem deshumana do individualismo!

Na Nort'America, Carey, protecionista, como Blanc em França, é contrario á escola de Manchester, de Ricardo e Cobden. Bastiat, como eles individualista, escreveu as suas *Harmonias economicas,* a harmonia possivel, das hegemonias exploradoras dos fracos!

Em Portugal, na epoca agitada que antecedeu a nossa epoca decadente, sem industrias, só havendo a riqueza da terra nas mãos dos frades, não podemos passar em economia do individualismo de Mousinho, que arrancou aos privilegiados possuidores do solo os latifundios que quiz parcelar pelos que trabalham. Pobre ingenuo, que ainda chegou a vêr como a sua sinceridade era iludida!

Emquanto os espiritos reflectidos e eruditos iam desvendando as condições vitaes da especie, as belas letras n'aquella epoca apresentam um labyrintho inextricavel, cultivadas por espiritos metafisicos, apaixonados, sonhadores, que amavam muitas vezes o passado archaico e morto. A poesia lyrica, piegas e insignificante, no seu subjectivismo suave, dramalhões inconcebiveis, romances de amores bestiaes, apologeticos de vicios romanticos e despresiveis, é a frandulagem que apa-

rece por toda a parte, servida por poetas e prosadores que só o eram por não terem que fazer. As facilidades de publicidade e o corrente amor da historia estimularam muitos a ser escriptores. E como para ser homem de letras, numa epocha em que era necessario conhecer os altos problemas scientificos, correspondia mais do que nunca a grandes exigencias de temperamento e cultura, por isso dedicaram-se ás sciencias os espiritos profundos, e os amanuenses e bachareis cabulas ficaram-se em poetas ou romancistas, que não chegaram a comprehender as exigencias da arte.

Por isso os nossos homens de letras, dignos deste nome, que apareceram n'aquella epoca, são espiritos de alta cultura, que mal deixam vêr a multidão de literatelhos que em volta d'eles formiga e que até os abocanha para dar nas vistas.

Em França apareceu predominante o *neo-romantismo*. Lamartine ainda ao tempo é uma figura culminante, com as *Harmonias*, mas breve vae decair o literato quando pensa em ser politico, o meditabundo poeta, socialista e catholico. Na *Historia dos Girondinos* tem a ingenuidade emotiva dum seminarista.

Berenger continua satyrico contra Luiz Filipe.

Alfred de Vigny no *Cinque Mars* é um so-

cialista idealista. Representa a previsão literaria dum futuro distante.

Victor Hugo, sabio superficial e literato de genio, cultiva o romance historico; na *Notre Dame* ha imitação de Walter-Scott. É empolgante e grandioso, apesar das exagerações neo-romanticas que não se coadunam com a sciencia historica. Hugo é grande como Corneille, verdadeiro como Molière, psycologo como Shakespeare, e conquistou uma grande popularidade literaria. No drama, porém, por incongruente, nunca foi popular.

Musset continua original e inconfundivel; os seus versos são cheios de harmonia, subjectivamente doloridos.

Jorge Sand (baroneza Aurora Dudevant) é uma flagrante revelação desta epocha. Em 1832 publicou o romance *Indiana*, e dentro em pouco o seu nome era popular. Condenou a escravidão da mulher, mimada e escrava. Escalpela a sociedade burgueza e corrupta, e desenvolve os altos problemas sociaes da familia e da riqueza, que já na Inglaterra eram a atenção dos espiritos selectos, e que Stael esboçara.

Sente-se que a humanidade vae no caminho da justiça politica e economica. A socialisação da riqueza é um anseio das almas bem formadas, e os factos vão tirando o caracter de utopia a taes concepções.

Balzac acompanha no *Serafico* a corrente da epoca.

Com a fase positiva das sciencias, naquella epoca aparece em literatura o naturalismo. Dissecam-se os caracteres, a psycologia dos personagens é a motriz das idealisações literarias. E como a arte vive do sentimento, as qualidades emotivas são as vencedoras contra a natureza bruta, no duelo ideal dos literatos.

Balzac é um anatomico; estudou o coração da mulher a uma nova luz. Escolheu os caracteres miseraveis, e a sua arte é triste como a verdade da desgraça. O problema da miseria e da degradação representa a ideia fixa dos altos espiritos. Era necessario demolir as oligarchias, os vicios, os privilegios, e tornar a humanidade feliz. Os homens de letras sentiam-no, os sabios impunham-no, e os factos lá vão, através de luctas incessantes, levando o espirito do homem atribulado para uma quietação de equilibrio, que é o geral destino dos mundos, sempre em movimento a procurar o repouso, para de novo surgirem novos desequilibrios seguidos de agitações e equilibrios que se repetem. O turbilhão economico repercutido no espirito torturado do homem, pequeno e indomavel!

Na literatura ligeira de segunda ordem ha a notar então os nomes tão populares dos romancistas Paulo de Kock, divertido e mali-

cioso, Alexandre Dumas, o celebre auctor do *Monte Christo*, e Eugenio Sue, o romancista dos costumes maritimos e aristocraticos, todos eles demolidores, segundo a corrente da epoca e as necessidades da civilisação. Tiveram muitos imitadores, entre os quaes sobresae Frederico Soulié, um habil conhecedor do paladar do publico.

Era então a França o foco literario do mundo; os seus romancistas foram traduzidos para todas as linguas. E ali aparece a poesia politica, demolidora e grandiloqua, realista como na literatura dos romances, mas declamadora e audaz. Merecem mensão Barlier, que chamou a Paris uma «sentina de corrupção», e Brideux, que no *Ternaires* lamenta elegiacamente o materialismo da epoca como entre nós o fez Herculano.

É ainda por este tempo que se inicia a *poesia proletaria*, em que tanto se distinguiu Lachambaudie, elegante escriptor, socialista e humanitario. No theatro reinava Scribe, fecundo e brilhante. Iniciou a *comedia de conversação*, e as comedias em que no enredo toma parte a casualidade. O celebre auctor da *Camaradie*, teria sido um grande dramaturgo se não difundira o seu espirito por 360 peças, que fazia de colaboração e a troixe-moixe.

Edgard Quinet é no *Ahasvero e Prometheu*

um poeta no genero alemão; Meinné é um modelo de sobriedade e limpidez; Emilio Souvestre e Trœpffer são humanos e dignos de registro no cyclo literario dos meiados do seculo XIX em França.

CARNEIRO DE MOURA

O MALTEZ INCENDIÁRIO

I

DORMIA a côrte em suas fôfas camas.
... Subitamente, acorda El-Rei Dom Fogo.
E, caprichoso, em grita, ordena logo
Que venham ante si as Donas Chamas.

—Bailai, bailai comigo, minhas damas!
Então, por ser em mando e não em rôgo,
Este desejo do seu Rei Dom Fogo,
Puseram-se a bailar as Donas Chamas.

Clâmides côr de sangue moço e quente
Cingem o Rei e toda a sua gente.
E enquanto rondam, num bailado fero,

Grita Dom Fogo versos de conquista:
El-Rei é louco. Julga ser artista.
Tem a mania de fingir-se Nero.

II

Mas onde foi o baile do monarca?
Em que salão dansou a sua côrte?
Sem medo algum e nada que lhe importe,
Oh! ele em toda a parte os faz e marca!

Num *monte* foi agora, a branda arca,
Não de Noé, mas de uns a quem a sorte
Traz a beijar a terra, enquanto a morte
No seu batel de sombra os não embarca.

E os sinos bradam, tornam a bradar,
Num brado triste, que nos faz chorar.
E o fogo vai, ligeiro, em ar de festa,

Correndo a casa, a eira, o trigo, a palha.
E amos e servos, num «Jesus nos valha!»,
Salvam a custo a míngua que lhes resta.

III

Não cessa a ronda em seus alegres passos,
E tudo é bem festivo nesta sala:
No luzimento das funções de gala,
Nunca El-Rei teve sérios embaraços.

Se pra rezar não basta erguer os braços,
E é precisa tambem a nossa fala,
Sem ritmo musical a acompanhá-la,
É bem de ver, não ha função nos Paços.

Assim, errante pela noite escura,
Bárbara e tatuada de amargura,
Uma voz de maltez rompeu, subiu,

Lançando as redondilhas lentamente,
Lenta como o ondular de uma serpente,
Ou água scismadora nalgum rio:

Com que então «medra quem medra
E é de quem é a abastança»?
Beijou a pedra outra pedra
E o fogo deu-me a vingança!...

Corre a eira, abraça as casas,
Faz oiro por toda a parte:
Foge, ó sol, apressa as asas,
Não vás de novo abrazar-te.

Fina, veloz como os pôtros,
Galopa a chama nos mólhos.
Com prantos dos olhos de outros
Ponho risos nos meus olhos.

Linda, linda, que lembrar
Coisa assim cheia de encantos?
Só o demónio a queimar
Deus agora, logo os Santos...

Noite velha, de que pasmas
Quando descanto o que sei?
Quero entreter os fantasmas
Dos homens que já matei!

Em fera tarde de estio
Um cigano esfarrapado
Numa bruxa mata o cio:
Foi assim que fui gerado.

Dois homens na mesma estrada
Nunca chegam a bom porto:
Pra que um siga a caminhada
Deve o outro ficar morto.

Cruz no caminho é sinal
De que ali andou a morte:
As garras de águia rial
Só as tem quem é mais forte!

Ante a cruz reza o cristão.
Ah! rir de vós não resisto:
Só o medo tem condão
De recordar-vos de Cristo!...

Gente que sois o meu estorvo,
Julgais-me já morto ou langue?
Vou fazer-me como o corvo:
Não tenho pão, bebo sangue!...

Foragido, sem perdão,
Fazendo mortes e roubos,
Dos homens não sou irmão;
Serei, pois, irmão dos lobos!...

IV

Cantou... Cantou... E enfim adormeceu
Aquela voz de crime e de desgraça.
Tambem ao longe na planície baça
Já o fogo, cansado, recolheu.

Depois, quando o luar baixou do ceu,
Ungindo a noite de volúpia e graça,
Vendo o maltez ao frio que trespassa,
Em geitos manselinhos, o aqueceu.

A sua fluida mão, piedosa e leda,
Soltando um veu de branca e fina seda,
Aconchegou-lho ao corpo com meiguice:

E fez-se a noite doce, muito doce,
Sem vento nem rumor, como se fosse
O menino Jesus que ali dormisse...

Baixo-Alentejo, Novembro de 1916

Cesar de Frias

A FELICIDADE DAS RAINHAS

Ha quem inveje a sorte das rainhas e lhes queira mal, porque as vêem encima no pinaculo do amphitheatro social e a luz que ellas projectam, incommoda olhos que se comprazem na treva. D'ahi rancores, despeitos, malquerenças e calumnias, toda uma obra de sapa, que é dominada e contida se o ambiente nacional é sadio e refractario, mas se por desgraça elle se corrompe e decompõe, vem então a explodir n'uma erupção de lava infecta, que suja, queima e devasta por tempos que se não medem. Assim, no *sabbat* macabro e infernal da revolução franceza, foi a cabeça altiva e formosa de Maria Antonietta escolhida para primeiro alvo dos seus golpes. Antes e depois, processo semelhante tem sido empregado.

E essas mulheres olympicas de cabellos de oiro ou da côr da noite, entrelaçados em diademas regios, de collo vestido de fios inumeraveis de perolas de Ceylão, donas de palacios

de fadas, vergando de riqueza, d'arte e de conforto, que as multidões vêem passar, ora ao trote levantado e cadenceado de tiros de soberbos frizões, ora arrastadas vertiginosamente por luxuosos e potentes autos, ora enxerga atravez dos grandes crystaes dos coches de gala, no lento desfile para as sessões solemnes dos parlamentos, deante das quaes os exercitos se perfilam em continencia, as espadas se abatem, as bandeiras se inclinam, trôa o canhão, rufam os tambores e as musicas rompem o hymno nacional — essas mulheres hieraticas e olympicas pagam bem caro o pezo do brilho que o Destino lhes impõe.

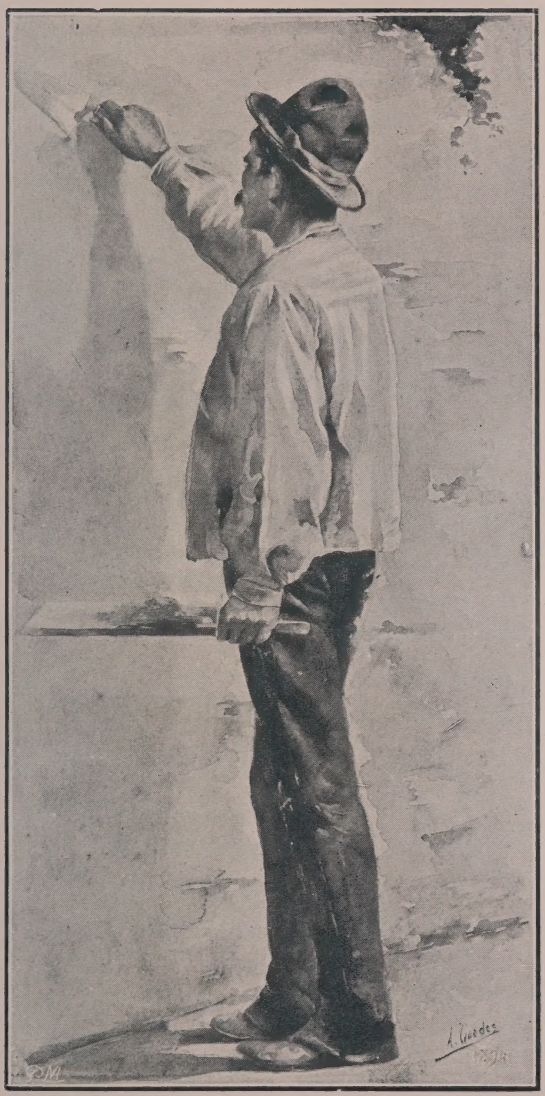
Na paz, os seus actos, os seus gestos, os seus mesmos pensamentos e affectos teem de ser rigorosamente medidos e pautados pela que fôr, n'esse momento, razão de Estado, e tantissimas vezes hão de contrair-se n'um sorriso os seus labios, quando o coração estala de dôr ou os nervos vibram de cólera.

Na guerra, para o marido e para os filhos, os maiores perigos nas maximas responsabilidades; tudo quanto o esforço humano póde fornecer em energia, abnegação e sacrificio, tudo lhes é exigido. São o espelho e o exemplo vivo do seu povo. Em cada momento que passa, a mulher e a mãe tremerá pela sua existencia, n'uma angustia que não tem o direito de alterar sequer um só musculo na im-

passibilidade serena da sua physionomia. E para lhe não faltar nenhum tortura, receará muitas vezes tambem pelos que combatem do outro lado das trincheiras, em cujas veias corre o mesmo sangue que o seu.

Não ha de que ter inveja do destino das rainhas — a sua grandeza é o luto pomposo e brilhante da sua felicidade.

Maria José de Azeredo Teixeira de Aguilar



PEDREIRO

ESTUDO DE ALFREDO GUEDES

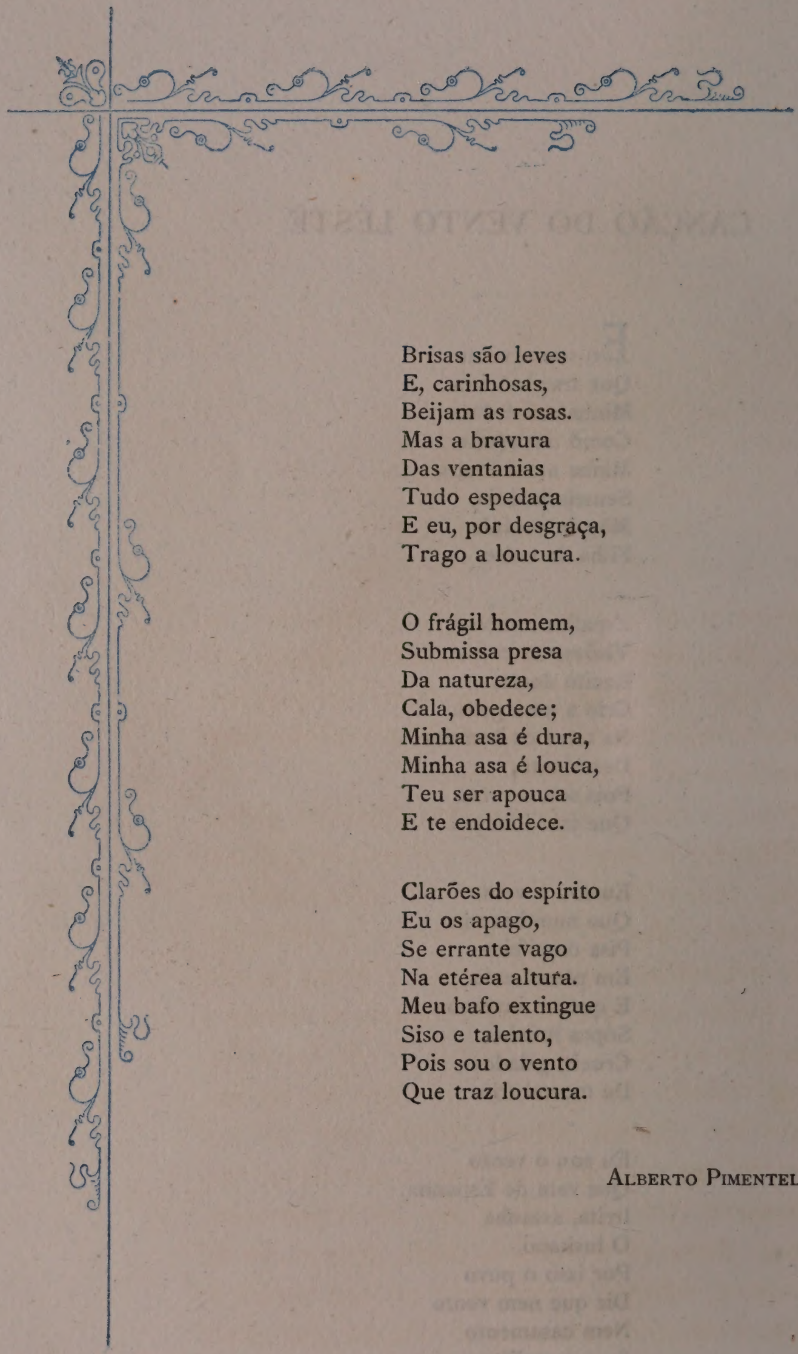
CANÇÃO DO VENTO LÉSTE

Eu sou o vento
Que traz loucura.
Minha asa é dura
Como um açoite.
Minha asa é louca,
Semeia insánia,
Mãe da vesánia,
Filha da noite.

Espalho sombras,
Visões, terrores,
Excito dores,
Crio a amargura.
Na terra os homens
Desoriento,
Pois sou o vento
Que traz loucura.

Eu sou o vento
Que num braseiro
Pisa o ceifeiro
Em pleno estio
E que no inverno
Sópra lufadas
Crueis, geladas
De mortal frio.

Eu sou o vento
Que vem de Espanha,
Irrita, assanha
O lusitano.
Por isso o povo
Diz que nem vento
Nem casamento
Se é castelhano.



Brisas são leves
E, carinhosas,
Beijam as rosas.
Mas a bravura
Das ventanias
Tudo espedaça
E eu, por desgraça,
Trago a loucura.

O frágil homem,
Submissa presa
Da natureza,
Cala, obedece;
Minha asa é dura,
Minha asa é louca,
Teu ser apouca
E te endoidece.

Clarões do espírito
Eu os apago,
Se errante vago
Na etérea altura.
Meu bafo extingue
Siso e talento,
Pois sou o vento
Que traz loucura.

ALBERTO PIMENTEL

Prefiro o monte á planicie, a serrania ao mar. Dos elementos geographicos do planeta é o que em mim exerce mais inspirativa influencia, e mais e melhor falla á minha imaginação e ao meu sentimento.

Nasci e criei-me numa obscurissima aldeia do Marão; e será talvez a razão por que me ficou, tam intima e vivaz, a impressão da terra em todos os seus relevos e eminencias. Das primeiras sensações que a alma recebe diz Taine que a *vida as completa e nunca o tempo as dissipa.*—E é assim. A elle foi a floresta visinha *(la grande berceuse de sa vie,* como lhe chama Albert Sorel) que no seu silencio, na sua vastidão, no mixto de sonho e mysterio que a envolvia, lhe deu a primeira, a mais duravel, a mais fecunda impressão da natureza, sempre dominante no seu espirito; e é facil de comprehender a relação que existe entre essa visão, profunda e reflectida, e o

genio da sua obra litteraria, vasta, cerrada, inextricavel ás vezes, com mais analyses do que syntheses, em que a sciencia da raiz das cousas o absorvia e preoccupava mais que tudo: obra penetrada d'uma luz branda e moderada, e pela qual perpassam, de longe em longe, puras, balsamicas aragens de poesia involuntaria e de contida piedade humana.

O mar é d'uma vastidão immensa: epopeia pela sua grandeza, e, pela sua historia, pavorosa tragedia em muita hora de cada dia. Seria, pela amplidão sem limites, condigna expressão de Deus, se a magestade do silencio lhe fosse alguma vez possivel. Mas não é. Não cessa de se queixar. Geme, murmura, agita-se sempre, ou, encapellado, revolta-se e brame furioso! O seu constante sussurro, e o seu eterno movimento irrequieto cançam-me, enervam-me, fazem-me mal. Só uma alma de Byron, grande como o oceano, sacudida e tempestuosa como elle, o pode entender bem e amar com amor violento!

A planicie pouco me diz. A vista perde-se e a observação dilue-se em infindos horizontes rasos; e a auzencia de vulto e relevo, na vaga monotonia da paizagem, tira todo o caracter á impressão colhida. Um poeta novo, da ultima geração lyrica (promettedora e já brilhante, na verdade) escreveu a *Epopeia da Planicie*. É a luz que mais inspira este poema:

luz brilhante por vezes, luz dolente e melancolica quasi sempre, embebendo-se d'ella as scenas da vida rural, os dramas eternos da vida, as cousas simples e as cousas mysteriosas, o passado visto no sonho, o futuro presentido com ancia: gemendo frequentemente nos mais lindos versos essa nota tam portugueza da *saudade,* que exhalam a toda a hora os montes e as planicies da nossa terra, e o seu mar e a sua historia!

> Saudades vivas da Terra
> vivas saudades do Mar...
> Oh! o desejo impossivel
> de se partir e ficar!

A steppe infinita, o infinito deserto, teem, é certo, uma alta poesia que só lá pode ser sentida. A vida desapparece ou só se estabelece em forma rudimentar e simples; a natureza quasi se desnuda; a existencia social faz a sua apparição excepcional, rapida, em caravanas, ao longo dos desertos. No vago e indefinido da extensão e da distancia, dentro de horizontes que não mudam, na ausencia de tudo que possa distrair o coração e a vista, o espirito concentra-se e sublima-se: e ascende então ás supremas eminencias a que a abstracção o pode elevar... Se a unidade de Deus não fôra uma inspiração directa do proprio Deus, havia de dizer-se que a revelaram as

solidões da Arabia a essa raça que um singular destino privilegiou para a maxima benemerencia humana e para o mais infando martyrio da historia!

Os montes não teem a desmesurada grandeza do oceano e dos desertos. Por enormes que sejam, mede-os, de perto ou a distancia, a vista despercebida.

Teem as suas horas severas, asperrimas, de maguar e entristecer. Veste-os ás vezes a tunica ingente, movediça, dos nevoeiros cerrados. Envolve-os uma multidão de formas ondeantes, caprichosas, rapidamente substituidas. São lanços de architectura collossal, cyclopica, que se erguem e desabam num momento, vultos desconformes de animaes como os gera a febre ou o pesadello, sem desenho, sem proporção e sem verdade: phantasticas criações da ventania, que faz o que quer da materia plastica e levissima, quasi imponderavel, a que se applica o seu genio desvairado. Ou se rasguem nas agulhas e espigões da serra, ou rolem e se precipitem pelos seus enormes costados, ou se accumulem e abatam nas fundas quebradas, semelhando lagos de leite, dormentes: é sempre um espectaculo que impressiona e faz scismar. E se a tempestade chega aos ultimos paroxismos, o trovão estala e se repercute com fragor medonho entre as mon-

tanhas, e o relampago fende os espaços e azuleja os abysmos, ahi teem, os que a poesia dos terrificos pavores attrae e fascina, a mais poderosa suggestão ás sensações que procuram! Muitas vezes assisto a esses formidaveis dramas aerios, a que serve de palco o meu patrio Marão, e as procellas do mar em furia não me impressionam mais.

Mas é noutras condições de atmosphera e de luz que os montes me enlevam e encantam. No saudoso entardecer dum dia de verão, ou ao mago clarão da lua plena, é que eu amo os montes, e me delicía a alma contemplal-os na forma do seu alteroso vulto, nas variações surprehendentes da sua côr, na sua solida belleza, no seu poetico mysterio. A abstracção de ruido e movimento em que estão absortos; o augusto silencio que reina perpetuamente nas suas cumeadas; a côr das suas encostas combinada com o azul clarissimo dos ceos; as chamas que os afogueam quando o sol se afasta da linha horizontal em que reapparece todos os dias, e os fumos que os recobrem gradualmente quando elle cai para o occidente—como se o luto da natureza houvesse de se representar por uma pyramide de sombras; a suave melancolia que então os repassa; o mixto indefinivel de elevação e de saudade que delles se evapora, como de urnas gigantescas pelo proprio Deus modeladas... tudo

isto faz dos montes a estancia predilecta dos visionarios e dos pensadores, a attracção irresistivel das almas contemplativas e profundas, o sanctuario em que se ungem para as luctas da vida os mais intrepidos combatentes: symbolos expressivos do sentimento infinito que ha em cada um de nós, aras devotissimas de toda a inspiração divina e humana!

Tambem na historia os montes avultam com uma alta significação, porque nos seus pincaros, se eram eminentissimos, ou nos seus cimos facilmente accessiveis, se eram pequenas elevações de terreno, se consumaram alguns dos factos culminantes da universal civilisação, ou ahi tiveram a sua origem ou a sua séde.

Na abrupta serrania do Sinay, e entre os seus talhados penhascos, o *poderoso e solitario* Moysés recebeu do proprio Deus as tabuas da lei, monumento venerabilissimo da mais antiga revelação do Alto. Serviu um pequeno outeiro de tribuna ao sobrehumano orador (comparado ao qual foram sombras sem preço Demosthenes e Bossuet) para proferir aquelle glorificado *sermão da montanha*, que tem consolado e fortificado innumeras gerações successivas. No Calvario reatou-se, no epilogo duma tragedia sem egual, o ceo benigno á terra miseravel. Na *Acropole* toda a belleza humana se desvelou á Grecia, e, pela Grecia,

ao mundo. No *Pindo* habitaram, segundo a ficção mythologica, as musas inspiradoras da Hellade, ás quaes se deve, no dizer de Goëthe, o mais bello sonho que ainda a humanidade sonhou. O *Olympo* povoou-se de deuses; os deuses estão mortos ha muito tempo, mas o gracioso monte é, e será sempre, um dos mais poeticos relevos da superficie da terra e da imaginação humana. No *Caucaso* o Prometheu de Eschylo, num drama sublime e terrivel, revolta-se contra o Olympo; e nas suas predicções confusas parece que antesente a aurora libertadora do mundo novo, cujos raios esplendidos illuminariam para sempre o direito e a justiça dos povos. Mais perto de nós, foi no monte *Alverne* que se entreteceu parte da *lenda dourada:* flor do mysticismo christão, desabrochada da alma e da vida maravilhosa desse adoravel sancto e divino poeta que se chamou Francisco de Assis... E seria não acabar nunca se houvesse de celebrar aqui todas as bellezas e todos os louvores da montanha!

Á minha querida montanha natal nenhum grande acontecimento a assignalou e fez notavel. Não é das maiores na geographia do globo; não é famosa na historia do mundo. Não a habitaram deuses nem musas. A arte não lhe emprestou os seus ornatos decorativos. A poesia não a elegeu para as suas len-

das. Não foi esconderijo de sanctos nem berço de heroes... Mas, tal como é, o meu coração ama-a, quasi a adora! Devo-lhe a inspiração de tudo que ha elevado no meu pensamento; e o habito de olhar para o alto, para cima, veio-me de nascer e viver nella. No seu augusto, imperturbado silencio tenho aprendido mais do que na convivencia dos homens e na frequencia das bibliothecas. Sancto silencio, tres vezes sancto, que apenas rompem as aves de mais possante envergadura, as aguias reaes, que fabricam lá os seus ninhos, e saúdam com gritos estridentes, de espaço a espaço, aquella magestosa grandeza!

. . . . . .

Se fôr dormir o meu ultimo somno num dos seus contrafortes — no que mais amo — elle será de plena paz. Não me assusta o fragor das tempestades: e será ainda suave e grata ao meu coração desfeito a luz saudosa dos seus dias serenos e a claridade das suas noites tranquillas.

ANTONIO CANDIDO

A ALMA E A NATUREZA

THÉRÈSE MAQUET

Para o Infinito, escancarado, enorme,
clamei n'uma ancia, persistente e funda:
— Quizera a tua voz, grande e disforme,
todo o mysterio que o teu seio inunda!

E a amplidão, infinda e magestosa,
serena, contestou á minha prece:
— Olha em tua alma, como sente e gosa,
que ri ou chora, folga ou estremece!

Então na escuridão que me cobria
o meu brado soltei para uma estrella:
— Dás-me essa claridade que irradia
da tua face resplendente e bella?

E do espaço, profundo e transparente,
até mim uma voz me respondeu:
— Um brilho mais suave e mais fulgente
tem o olhar d'*ella* muito mais do que eu!

E eu voltei-me para o mar profundo,
e a minha phrase tremula soou:
— Dás-me o abysmo irrequieto e fundo
e a onda que em teu seio se gerou?

Mas do oceano, exhausto e fatigado,
a resposta chegou como um gemido:
— Pois da vida não tens sempre a teu lado
mais fundo — o amor? um seio estremecido?

Olhei então para a geleira alpestre:
— Eu quízera dormir em teu regaço,
já que por toda a vastidão terrestre
que importa o ardor d'algum fremente abraço?

Mas das alturas frígidas de gelo
passou n'uma rajada o vento norte,
e eu entendi: — Descança, que has-de tel-o,
o abraço frio e rígido na Morte!

ALBERTO MARQUES PEREIRA

DUM VIVIMUS, VIVAMUS!

Li, não me recordo onde,—porque a memoria tambem foge com os annos—, que certo patricio romano fizera collocar aquella legenda na campa da mulher amada.

Conceito egoista e sensual é de certo aquelle, proprio de quem o pensou, e da sociedade dissoluta de então. Mas se lhe mudarmos a intenção, poderemos dizer que é um salutar conselho, e até um principio christão.

Emquanto vivermos, não desperdicemos a vida, nem busquemos terminal-a. Não é nossa. Não podemos dispor d'ella. Devemol-a aos que nos são queridos e depois d'elles a quantos de nós possam carecer. O romano, talvez sem o sonhar, redigiu um axioma, digno dos tempos christãos.

E se, emquanto existirmos, mais devemos pensar nos outros que em nós, isto é, viver para elles; por egual nos cumpre velar pela sua existencia.

Se a ideia egoista do romano traduzia não uma saudade, mas uma aspiração de ventura, nem por isso deixa de nos doutrinar, dizendo-nos que os infelizes, os que soffrem, teem direito a que se lhes minorem os soffrimentos, a que se lhes defenda a vida.

Taes são, em singela narrativa, as reflexões que nos suscitou o epitaphio latino, recordado quando foi sollicitada esta contribuição para uma benemerente obra de caridade.

A caridade! não ha flor, cujo perfume mais deleitoso seja ao nosso espirito, nem balsamo que melhor conforte a dôr humana.

8 Janeiro 1917

J. C. Rodrigues da Costa

ANJO

Quando a fitar-te ainda o sol declina
E a côr dos teus cabellos no Ar fluctua,
A tua alma na minha se insinua,
Teu vulto é prece alando-se, divina!

A nossa voz, esparsa em luz, fascina;
A nossa voz... perdôa, Amor, a tua!
Ergues o olhar: cresce em silencio a Lua,
Como uma flôr, na tarde peregrina!

E a tua graça, ethereo Abril jocundo,
Benção de Deus que tudo beija e alcança,
Sorri em flôr na escuridão do Mundo. .

A luz do Ceu é o teu olhar sem fim;
E, no silencio feito de esperança,
Ouço o teu coração bater por mim!

Mario Beirão

Cabeça de estudo

Visconde de Moraes Sarmento

O HOMEM E A MACHINA

ENGANAM-SE aquelles que suppõem que a machina de vapor venceu os antigos geradores de força industrial, por ser mais forte e mais rapida. A sua virtude capital não era a potencia, mas a regularidade.

A Natureza offerecera ao homem dois motores energicos e gratuitos: a agua fluente, o vento soprador. E o homem pô-los de parte, o mais depressa que pôde, substituindo-lhes uma energia cara. Pagou com o seu dinheiro a vantagem, para elle decisiva, de ser ajudado com precisão e pontualidade; de distribuir chronometricamente a Força pelos dias; de poder escripturá-la, graduá-la, descontá-la, contá-la — e contar com ella. E, logo que isto foi conseguido, despediu do seu serviço a agua e o vento, operarios epilepticos ou neurasthenicos, incapazes de disciplina, nas suas intermittencias desordenadas de torrente e de estiagem, de calmaria e de tempestade.

Infelizmente a Machina não se comporta como operario completo: o seu trabalho não dispensa o trabalhador vivo e animado.

Força precisada de impulso, potencia orphã de direcção, corpo sem cabeça e sem alma, a Machina tem um defeito gravissimo, e esse defeito é o machinista. A Machina é apenas, no fim das contas, uma ferramenta, isto é: um reforço — collossal, mas ainda humano — da mão humana. Por ella libertou-se o homem da agua e do vento, mas continúa na dependencia do homem.

Durante longos annos não se fez sentir muito esta falha tremenda. Foi o tempo em que o operario era tratado, e se deixava tratar, elle proprio, como machina tambem. Então as rodas e os braços, o aço e a carne, trabalhavam juntos e tão confundidos, que era difficil distinguir, na officina, o motor que comia carvão, d'aquelle que suava sangue...

Quando, um dia, a machina humana deu fé da sua propria humanidade, a maior vantagem da força mechanica ficou perdida para sempre. A energia motriz voltou a ser incerta e caprichosa, como na velha phase natural; e á disciplina mathematica, tão difficilmente alcançada, seguiu-se a regressiva intermittencia das convulsões ou dos espasmos. O verdadeiro motor — o operario — revolta-se; o trabalho cessa, quando era mais necessario; e o

homem, que conseguira domesticar pela mechanica as forças naturaes objectivas, encontra-se agora em frente da Vontade Humana, mais indomavel que a agua e que o vento.

D'aqui resulta que a verdadeira machina não foi ainda inventada. Sê-lo-ha, mais dia, menos dia? Ninguem o sabe; mas a crise actual só pode resolver-se augmentando a humanidade da Machina, até que ella dispense totalmente o homem; ou voltando a diminuir a humanidade do operario, para o confundir de novo com a machina.

Dois remedios seguros, e ambos impossiveis...

AGOSTINHO DE CAMPOS

AS CHITAS

As chitas são tão bonitas,
As chitas de muitas cores,
Que as raparigas com chitas,
No campo, dir-se-iam flores.

São de chita as suas saias
Vermelhas ou amarelas,
Mas lembram finas cambraias
Que as tornam inda mais belas.

Suas blusas são de chita,
Palpitam nelas os seios;
Nem sequer teem uma fita,
Nem rendas, nem entremeios.

Os lenços, por sobre as tranças
De chita são-no tambem,
E ás vezes cobrem creanças
Dormindo ao colo da mãe.

As chitas são a alegria
Desses bandos de ceifeiras,
Cortando o trigo ao meio-dia
Para debulhar nas eiras.

E nas chitas, pela cor,
Lê-se bem como num rosto;
O cor de rosa é amor
E o preto é luto ou desgosto.

As chitas são bem modestas,
As chitas de muitas cores,
Mas nas romagens e festas
Lembram canteiros de flores.

José Coelho da Cunha

UMA NOITE DE VELA

Já era noite fechada, quando o caixão do lavrador João da Paz, morto dum insulto apopletico nessa manhã, saíu os portões da quinta, em direcção à egreja e aos hombros dos seus mais antigos e alentados moços de lavoura. Aquella ficava um pouco longe, á direita da estrada, que se encaracolava em volta do outeiro, onde, no topo, se erguia, toda caiada, branquinha, alvejando ainda mais na escuridão dessa noite sem ar e cujo ceu ennevoado, negro como tinta de escrever, ameaçava trovões.

Vagarosamente caminhou o funebre cortejo entre as filas dos camponios que, envergando as jaquetas de luto, com os barretes ao hombro, o ar grave, os olhos pregados no chão, acompanhavam o corpo, picando o negrume do caminho com a luz d'oiro das tochas. Em volta as mulheres, sobretudo as mais velhas, arrepellavam-se e iam guinchando chóros.

Mas, de vez em quando, um dos padres, aquelle que levava apenas a sobrepeliz branca sob a estola negra, enriquecida de bordados amarellos, entoava algumas notas esganiçadas... A grita do mulherío parava logo; e, apoz uns segundos de silencio, ainda mais doloroso, mais imponente, erguia-se um canto pachorrento e rouco, murmurado pelos outros padres, que seguiam atrás, envoltos em solemnes capas negras, franjadas d'oiro; as vozes altas das mulheres respondiam em côro e, lá ao longe, um echo repetia os cantos. Depois havia nova tregua de silencio; escutava-se muito bem o andar processional do povoléu intimidado. Ás vezes, uma cigarra atrevida estridulava as suas alegrias, mas logo se callava medrosa, porque o vozear lacrimoso das mulheres recomeçava ainda mais forte.

—Faz medo este caminho! murmurou ao ouvido dum seu amigo o filho do morto, o João da Rosa, o qual ia velar a noite na egreja, acompanhando o corpo do pae.

—Coragem, disse-lhe aquelle.

A egreja agora distava pouco; o sino dobrava a finados; já pela porta escancarada se avistavam os altos tocheiros accendidos, rodeiando o catafalco, e ao fundo, sobre o altar-mór — onde uma Senhora da Piedade amparava um Christo caído por terra, moribundo — toda a cera estava illuminada, para

se receber dignamente um novo hospede de Deus.

O acompanhamento, padres, camponios, mulheres, o proprio filho do morto, estugaram insensivelmente o passo. Havia pressa de chegar ao fim. A noite não refrescara, antes parecia que o calor augmentava sempre. O ceu era um manto de luto. As luzes, ao longo da estrada, agitaram-se agora mais e depois, pouco a pouco, foram desapparecendo pela porta da egreja branca... Dir-se-hia que a boccarra dum gigantesco urso polar tragava com gula aquelle cortejo de morte, apreciando-lhe vagarosamente o sabor.

Dentro da egreja recomeçou tristonho o cantochão dos padres. Benziam o cadaver que fôra subido para o cimo do catafalco. Haviam aberto o caixão: o livido morto que nelle jazia, já nem por sombras se assemelhava áquelle alegre João da Paz, que, na manhã desse dia, ainda se levantara com as faces sanguineas e rechonchudas, franzidas no seu bom sorriso de bonacheirão. O filho não arredava os olhos delle; tinha vincada no rosto uma tal expressão de pavor e desgosto que mettia dó!

Entretanto a cantoria dos padres continuou uns momentos; depois um delles, o prior, mergulhou o hyssope na caldeirinha de prata, que o sacrista lhe approximara, e

desenhou no ar, com salpicos de agua benta, uma rapida cruz sobre o cadaver. Terminara a ceremonia. Da egreja, pouco a pouco, foi-se escoando a multidão; alguns dos homens vieram offerecer as mãos callosas ao João da Rosa, que soluçava; outros estreitavam-no de encontro ao peito, affligiam-no ainda; uma mulhersinha chegou-se a elle, na verdade commovida, fixou-o com os olhos molhados e apartou-se logo num repellão.

— Desgraçadinho, murmurou.

E, na verdade, o João da Rosa achava-se bem desgraçado, bem só neste mundo. Acercou-se mais do caixão e ficou-se largo tempo a olha-lo; o seu soffrimento accrescentava-se, mas quasi sentia nisso consolação.

Durante horas permaneceu alli como uma estatua; o suor escorria-lhe em fio, o coração pulava-lhe, parecia esfarrapar-lhe o peito. Já não havia senão uma meia duzia de pessoas dentro da egreja. Ninguem dava palavra. Um ou outro cabeceava e accordava em sobresalto, cheio de susto, quando um pingo mais pesado de cera se despenhava, lá do alto dum tocheiro, sobre o lagedo do chão.

O João da Rosa, de repente, entrou de novo a soluçar.

— Isso faz-te bem; chora, chora, rapaz, disse-lhe um dos amigos.

Acocorou-se então nos degraus do cata-

falco, com a cabeça entre as mãos; todo o corpo lhe tremia; naquella noite de calor feroz, elle estava tiritando de frio. Por fim socegou um pouco, mas ideias extranhas, sustos bizarros galopavam-lhe agora, sem cessar, no pensamento. Já duas vezes lhe parecera ver surgir a seu lado um atroz esqueleto, embrulhado em mortalhas brancas, com riso escarninho, de odio vil, na bocca descarnada e negra.

—Meu Deus!—implorava o João da Rosa, baixinho.

Mas, d'ahi a pouco, os nervos destrembelhados excitaram-lhe outros pensamentos. Que diabo, aquelle era um desgosto que se desvaneceria em breve! Por acaso não deixava o pae uns contos de réis no fundo da arca carunchosa, que estava na cosinha? Então, com a edade delle, bom dinheiro no bolso, iria correr terras e viveria ainda muitos annos e beijaria mulheres lindissimas e teria uma jaqueta nova e um chapeu desabado, daquelles hespanhoes, com uma rica borla de seda, batendo-lhe cariciosamente sobre a orelha esquerda.

N'esse instante uma lufada de vento suão penetrou com furia na egreja. Gemeram os tocheiros; as chammas deitaram-se muito para o lado; algumas morreram logo.

—Vae refrescar o tempo, exclamou alguem.

Ao mesmo tempo, porém, ouviu-se um rugido brusco, prolongado, aterrador, que vinha das entranhas da terra.

Levantaram-se dum salto, entreolharam-se com medo. João da Rosa, d'olhar esgazeado, poz as mãos... Todos queriam fugir, mas ninguem se moveu: sentiam os pés cravados nas lages. A terra tremia.

— Castigo de Deus! Valei-me, minha boa Senhora d'Ajuda — rouquejou o João da Rosa.

O catafalco, o caixão iam despenhar-se; as taboas batiam umas contra as outras, em sons cavos; no altar-mór um pedregulho caiu sobre o sacrario, a cabeça do Christo moribundo rolou decepada pelos degraus, estilhaçando-se uns passos além!

— Meu Deus! Meu Deus! — gritavam todos os homens tomados de pavor.

Finalmente o caixão veiu a terra, fazendo tambem caír ao João da Rosa, que luctara para segura-lo. Houve um novo trovão subterraneo; novamente a terra tremeu; os sinos da egreja badalaram frouxamente, como se mãos invisiveis os puxassem a medo; um dos pilares da nave esboroou-se e caíu com enorme estrepito, com um ruido de canhão. Sobre as lages, abraçados, jaziam o morto e o João da Rosa.

Segundos depois, este ergueu-se; uma gargalhada diabolica resoou.

— Vou para a pandega! Castigo de Deus! Vou para o pagode! — e o João da Rosa correu aos pulos para fóra da egreja, ora agatanhando-se furioso, ora com novas risadas de alegria.

Amanhecia. Sobre a aldeia, lá em baixo, crescia um sol bronzeo, tristonho. Um som longinquo de gritos, de chóros, chegava até á estrada, que o pobre ia correndo desvairadamente, já com as faces em sangue.

— Esperem por mim, esperem, que tambem quero gosar muito! Castigo de Deus! Castigo de Deus!

O desgraçado havia enlouquecido!

Lisboa, 2 de Novembro de 1916

Antonio da Penha e Costa

CANTIGA DA VENTURA E DO AMOR

Louvado seja o Senhor
E mais a Virgem Maria,
Quem tem celeiro e adega
Tem a vida e a alegria.

Doce v'rão de S. Martinho,
Com vinho novo a ferver,
Deitem castanhas ao lume,
Fechem roda pra beber.

Veio a chuva em Setembro,
—Foi benção que Deus lhe deu—
Tornado o vinho cristão,
Ai o que o vinho cresceu!

E de pão, ó que fartura,
E que tão macio cheiro!
Já não me cabe na tulha,
Tenho cheio o espigueiro.

É cada grão como um sol,
Até parece que luz!
Por isso o pão é na missa
Como o corpo de Jesus.

A Senhora da Peneda
Vive entre o céu e a terra,
Tem a capela escondida
Entre as fragas d'uma serra.

Pois eu agora prometo
De lá ir em romaria,
E de levar o azeite
Para a sua almotolia.

Heide-lhe dar uma vela
De cêra, do meu tamanho,
Que não ha terra melhor
Do que a terra que eu amanho.

Mais prometo de mercar,
Para a minha companheira,
Arrecadas e cordões,
Quando fôr domingo á feira.

Como as estrelas no céu,
Sôbre o seu peito vou pôr
Dois corações de oiro fino
E a cruz de Nosso Senhor.

E depois, nas romarias,
Venham medir-se com ela!
Se fôsse numa cidade
Merecia estar á janela.

Era branco como o dia
O linho posto a secar,
Sôbre o seu corpo tão branco
É branco como o luar.

Nem o incenso na Igreja
Tem cheirinho mais perfeito
Que a arca da nossa roupa
Com as maçãs do preceito.

A agua foge das fontes,
E livre, vai a cantar;
Ninguem gosta de estar preso
E eu só preso quero estar.

Foi o senhor padre cura
Quem primeiro deu o laço,
Para não se desfazer
Apertei-o num abraço.

É tal qual Nossa-Senhora
Minha mãe a olhar por mim,
Já tem o céu cá na terra
Quem tem uma mãe assim.

Mas depois que me casei
Inda me quis maior bem:
Diz que a nossa casa lembra
A Lapinha de Belem!

Não ha vida mais alegre,
Pouca terra, muito pão;
Eu tenho a graça de Deus
Dentro do teu coração.

És a luz sôbre a lareira,
Já tens no céu um logar,
Por isso, quando te canto,
Sinto que estou a rezar.

Louvado seja o Senhor
E a Virgem Santa tambem;
Louvada a Casa, a Mulher,
Só falta dizer—amen!

Luís de Almeida Braga

No Sado

João Vaz

A MATHEMATICA E A MUSICA

Contou-me outr'ora o illustre professor da Universidade de Coimbra, Dr. R. R. de Sousa Pinto, que um dos seus mestres chamava a Introducção com que Laplace abriu a sua *Mecanica Celeste* a *Symphonia* d'esta grande *Opera*. Este pensamento tem alguma analogia com o conceito que o illustre mathematico inglez Sylvester fazia da relação entre a Mathematica e a Musica quando dizia: *A Musica é a Mathematica do ouvido, a Mathematica é a Musica da razão.*

A Musica é a Mathematica do ouvido. Com effeito, a Musica, sob o ponto de vista scientifico, é uma verdadeira Arithmetica, visto que a cada som corresponde um numero determinado de vibrações do instrumento que o produz, e cada trecho musical é uma funcção do numero de vibrações que imprime ao ar cada um dos instrumentos que formam a orchestra, e do tempo em que são produzidas. É

uma Arithmetica sublime, que influe sobre todos os sentimentos da alma humana, regularisando-os e melhorando-os. Torna a fé mais intensa, a alegria mais viva, a dôr mais suave, a paixão mais calma, a coragem mais heroica. Dá brilho e solemnidade ás festas e augmenta a tristeza nos funeraes. Produz canticos para Deus e hymnos para a Patria. Torna a comedia mais graciosa, o drama mais expressivo, a tragedia mais profunda, e, elevando-se acima das scenas da vida humana, inferiores ao seu poder divino, vae procurar ao sobrehumano das lendas assumptos apropriados ás suas formas mais elevadas. Mesmo quando é singela, mesmo quando se reduz a alguns sons monotona e compassadamente repetidos, tem ainda effeitos notaveis. Assim, basta o rufar do tambor para animar o soldado na marcha; basta o tanger da viola para entusiasmar o povo na dança; a simples toada do sino comove quando dobra a finados, apavora quando badala a rebate, e alegra quando, associada ao estalar dos foguetes, repica em dia de festa na aldeia; o singelo gorgeio das aves e o suave murmurio da torrente são um encanto do campo; e até o som do vento, que nos amedronta quando ruge violento em noite de tempestade, acalma e adormenta quando sibila moderado em noite chuvosa de inverno. Todas

estas maravilhas do som são afinal vibrações mathematicamente determinadas em numero e tempo, que o ar leva ao ouvido e de lá passam ao cérebro, que tão mysteriosamente as transforma em tão variados effeitos.

A Mathematica é a Musica da razão. Só pode avaliar a justeza d'este conceito quem penetra assaz profundamente nos segredos d'aquella sciencia para poder avaliar o engenho d'uma indagação ou a belleza d'uma demonstração. O professor a que acima me referi, sentia decerto, como eu mesmo tenho sentido, ao ler na obra de Laplace as geniaes descobertas de Newton sobre as leis que regulam os movimentos dos planetas e suas consequencias, a mesma impressão de encanto e grandeza, a mesma admiração, que ao ouvir nos salões e nos theatros executar as melhores obras musicaes dos mais afamados compositores. Assim como na Musica se formam com successões de sons, convenientemente escolhidos, encantadoras melodias, na Mathematica formam-se com successões de ideias demonstrações engenhosas que dão satisfação ao espirito. Os grandes mathematicos escolhem sempre os seus módos de demonstrar de maneira que sejam simultaneamente rigorosos e elegantes, fazendo assim ao mesmo tempo sciencia e arte.

F. Gomes Teixeira

A JARRA FENDIDA

(Versão)

A jarra onde emurchece essa verbena
de um leque o toque rápido a rachou.
Foi de certo a pancada bem pequena,
que ruido nenhum a denunciou.

Mas a tão leve e pertinaz fractura
foi mordendo o cristal; e, dia a dia,
n'uma acção persistente, a mordedura
em breve todo o cálice cingia.

Vae-se esgotando a agua lentamente;
co'a seiva à flôr vae-se exhaurindo a vida.
Sã é a jarra para toda a gente;
mas ai! não lhe toqueis... está fendida!

Ás vezes nosso coração offende
a propria mão que culto nos merece;
e o nosso pobre coração se fende;
e a flôr do nosso amor logo fenece.

Integro o julga o vago olhar do mundo;
mas, cada vez maior, sangra dorido
o fundo golpe, cada vez mais fundo...
Não lhe toqueis... é um coração partido!

Março, 1912.

CHRISTOVAM AYRES.

O seculo vinte, denominado o seculo das luzes, illumina o mundo inteiro com o clarão sinistro d'essa guerra monstro, que ha annos se desenrola alterosa, violenta, anniquiladora, destruindo aldeias e cidades, ceifando vidas sem conto, espalhando por toda a parte a desgraça, o pavor e o lucto.

Os gritos lancinantes da viuvez e da orfandade já se fazem ouvir, mas o echo dos seus clamores, que se estende desde o Oriente até ao Occidente, não é ainda bastante forte para fazer cessar o troar do canhão, que continua na sua obra destruidora, sem deixar antever quaesquer preliminares de paz.

Quando esta chegar,—e Deus permitta seja em breve!—quando esse symbolo augusto fluctuar por sobre os campos de batalha, a vida dos povos deve soffrer uma transformação tão completa, como gigantesca é a cam-

panha, verdadeira hecatombe, que se está ferindo em quasi toda a Europa.

Essa transformação, comquanto venha abalar, na sua profundidade, as bases da vida social, não pode modificar o principio de hospitalisação da humanidade enferma, nem suavisar o soffrimento dos que nascem condemnados para a vida, porque isso depende dos progressos da sciencia, e não da vontade dos homens ou da conveniencia dos Estados.

A memoria das desgraças que esta guerra tem causado, deve subsistir por muito tempo no intimo de todos que perderam o pae, o filho, o marido, o irmão, um parente, defendendo uma causa, que tem por estandarte a ambição e a grandeza.

Desapparecido esse ente querido, que era, ao mesmo tempo, o amparo da familia, surge a fome e, com ella, esse terrivel mal que dizima a humanidade, a Tuberculose!

Devido á guerra, esse flagello tende a desenvolver-se consideravelmente, embora a sciencia, de que elle sempre tem escarnecido, continue luctando para descobrir o meio de pôr um dique á sua marcha devastadora.

Emquanto não o conseguir, emquanto a sciencia fôr impotente para o debellar, que ha a fazer? Attenuar o soffrimento das suas victimas, e d'aquelles a quem as vicissitudes da vida contagiaram.

Como resolver este problema, de si tão complexo e dispendioso?

Fundando, para recolher esses infelizes, sanatorios onde o ar puro da montanha ou o iodo do mar, lhes tonifique os pulmões, beneficiando-lhes o depauperado organismo, prolongando-lhes, d'esta forma, a existencia, n'um relativo bem-estar.

Contribuir para a realização d'esse bello ideal, é um dever que se impõe a todos que sentem e sabem avaliar o mal alheio.

Contribuir para effectivar essa obra de verdadeira caridade evangelica, é um dever de todos que foram educados no sagrado principio de *Quem dá aos pobres empresta a Deus*.

Gloria, pois, ao iniciador do Sanatorio de S. Braz de Alportel, cuja obra é maior que o mais grandioso monumento que a posteridade possa tributar a quem de direito... E que a todos aquelles a quem haja de recorrer para o bom exito do seu emprehendimento, se lembrem de que a sua cooperação é valiosa, e o seu obulo abençoado de Deus.

Lisboa, Outubro de 1916

MARTINHO DA FONSECA

O LOBO E O CÃO

(Adaptação da fábula de La Fontaine — *Le loup et le chien)*

Numa ocasião,
Um lobo que só tinha a pele e o ôsso
Encontra um cão
Que relativamente era um colôsso.

O lobo
Andava farejando prêsa;
E ao vêr tão farto o cão — que é manso e prôbo
Por natureza —
Olha-o atento, cheio de apetite.
Mas lá para si mesmo considera
(Embora sempre o fite
Com seu olhar de fera):

«Medir fôrças com este, acho imprudente...
«Eu ando fraco;
«Ele é forte e valente;
«Nada, não o ataco;
«Vou ser cortez.

E diz-lhe então: «Olá, como tu vens
«Gordo e bonito! Vales bem por tres
«De teus irmãos; pois entre os cães
«Não conheço outro assim!

«E vê tu — que contraste! — como eu estou?!...
«Pobre de mim!
«De esfomeado, ninguem diz quem sou!...

Responde humilde o cão: «Mas, meu senhor!
(O tratamento
Não é favor,
É dado ás feras por acatamento)
«Se quizesse
«Renegar os seus habitos brutaes,
«Teria tanto ou mais
«Do que apetece...

«Abandone essa vida deshonesta;
«Não vive apenas do assassinio e roubo?!
«Pois por isso é que o mundo vos detesta,
«Senhor lobo!

E, como quem perscruta em si a causa,
Disse depois de uma pequena pausa:

«Olhe!
«Quem fructos quer
«Da terra que os não der,
«Só pedras colhe!

«O que vos falta, é a mansidão
«Do cão...

«Os cães—bem vê—em toda a parte comem
«E dormem farta e regaladamente;
«Mas são leaes á gente,
«Mas são fiéis ao homem!

«Preste-se ao que me presto...
«Seja guarda fiel contra os ladrões,
«Em condições iguaes
«Ás minhas condições,
«Verá, de resto,
«Que é só comer, dormir e nada mais!

«D'acôrdo! — exclama a fera — «Irei comtigo;
«Preciso de ter, certo, pão e abrigo.

Mas, de repente,
Olha e pergunta com indescreção:

«Tens no pescoço a nuca tão coçada?
«Isso que é? — «Ah! isto, não é nada...
— Responde o cão —
«Efeitos da coleira e da corrente!...

«Coleira? Qual coleira?! — o outro insiste —
— «Aquela a que me prende o dono quando
«Não lhe convem que eu ande livremente...
— «O quê?! Não andas sempre em liberdade?
«N'esse caso, prefiro a minha sorte...
«Triste,
«Mas de livre vontade!

«Antes andar sumido como eu ando!
«Antes a fóme negra! Antes a morte!...

Dezembro, 1916

João de Deus Ramos

ETIMOLOGIA DE «NANTES»

(TRAS-OS-MONTES)

A o pé de Chaves existem dois lugarejos chamados *Nantes* e *Vilar de Nantes*, notavel este último por olarias populares de loiça preta.

Apesar da homofonia que se nota entre *Nantes* e o nome da cidade de França bem conhecida pelas sardinhas e pelo edito de Henrique IV em prol dos protestantes, nada ha comum aos dois: *Nantes* de França representa o nome de um povo gaulês, Nám̄n̄et̄es, de quem fala Cesar nos *Commentarios*, III, IX[1]; *Nantes* de Chaves representa, quanto a mim, um patronimico, que nos nossos documentos medievais tem a fórma *Nántiz* (seculo X)[2], e que provavelmente é de origem germanica[3]. Deve entender-se que na idade-media existiu

[1] Acerca da origem vid.: Glück, *Die bei Caesar keltischen Namen*, Munich, 1857, p. 140.

[2] Vid. Cortesão, *Onomastico*, p. 235.

[3] Cfr. *Nantimiri, Nantomiri*, etc. Acerca do elemento *nant-*, cf. Meyer-Lübke *Die alportug. Personennamen*, p. 41.

um individuo chamado * *Nanto*, que ali possuia uma propriedade, a qual por isso recebeu o nome de *Nantiz*, isto é, «de Nanto». Com o tempo formou-se um povo em volta, ou dentro da propriedade, e ele conservou a designação preexistente. Após este formou-se *Vilar*, que, por ficar perto, adoptou por sobre-nome tambem *Nantes*. Ha tambem várias *Nantes* na Galiza, irmans da nossa: conquanto no *Diccionario Geográfico postal* veja escrito os respectivos nomes com *-s*, e não com *-z*, como se esperaria da fórma medieval portuguesa, devo lembrar que já no seculo XVI em galego o *z* antigo passa para *-s*[1]. Se no mesmo *Diccionario*, a par de *Nantes*, com *-s*, se vê *Mendez*, com *z*, como nome galego, isso não se opõe a que *Nantes* da Galiza represente * *Nantez*, pois tambem lá se lê *Ramiles* e *Gondulfes*, que correspondem a fórmas medievais com *z*: é que na ortografia de *Mendez* influiu a ortografia hespanhola, *Menéndez*, ao passo que quem escreve *Nantes*, *Ramiles*, *Gondulfes* não sabe que originariamente esses nomes tinham *-z*. O mesmo digo de outros nomes galegos escritos com *-s*.

Campolide, 5 de Dezembro de 1916

J. Leite de Vasconcellos

[1] Por ex. *Gonçales* (por *Gonçalez*) nos *Documentos Gallegos* de Martínez Salazar, Corunha 1911, p. 164, mais de uma vez.

SENTIDOS PERDIDOS

A Silverio Botelho de Sequeira

É certo, nada vejo do que via,
Espesso veu me envolve a côr e o brilho.
Afastei-me da estrada da Alegria,
Sigo imprevisto, ignoto, escuro trilho.

Procuro reaver os meus sentidos...
Em balde tento olhar, é tudo treva;
Tenho idea de vêr, em tempos idos,
Mas a vista que via, ai! quem m'a leva?!

Como através do pranto que escurece
E turba o mais formoso panorama,
Ante meus olhos tudo se esmorece...
Vista que em vão se alonga e se derrama!

Os sons harmoniosos, quando os oiço,
Neste dobar de aberrações fatais,
São fraturados ossos de arcaboiço,
Rangendo contra grades sepulcrais.

Se alguma coisa o meu olfato sente,
Recorda o cheiro acre dos brandões;
Todo aroma me lembra confrangente
As flôres, que se espalham nos caixões.

Tateando as trevas, trémulos, meus dedos
Só palpam a dureza das caveiras;
E os meus ouvidos ouvem os segredos
Que as larvas frias dizem ás toupeiras.

Se á minha boca chego o próprio mel,
Sinto-lhe um travo pérfido e asqueroso,
Tudo me cheira a podre e sabe a fel,
Cerraram-se-me os áditos do goso!

***

Se de mim mesmo fujo, e a vista alargo,
Almas irmãs da minha! Horror medonho!
Calúnia, inveja e desengano amargo,
Que tornam pesadelo o melhor sonho.

Gerês, 1916

INEVITAVEL

Sucedem-se tremendos cataclismos,
Em cada um de nós, por toda a terra;
Martírio fundo: a peste, a fome, a guerra,
Cavando a Morte abismos sobre abismos.

Em cada um de nós traições, cinismos,
Qualquer homem em si um drama encerra,
Que o esmaga cruel e que o aterra;
A Dôr produz ignotos heroismos.

Comtudo o sol espalha a luz intensa,
Cheia de brilho, fogo... e indiferença,
Na órbita jámais interrompida.

E sobre o infinito sofrimento,
Sem se deter tambem um só momento,
Deslisa o carro triunfal da Vida!...

Outubro, 1916

CINZA... NADA!...

Os minutos são séculos, contados
No decorrer da vida universal,
A terra, um grão de areia, nada val'
Ante os astros futuros e passados.

São casos irrisórios, levantados
Pelo homem, vaidoso colossal,
As lutas entre o bem e entre o mal,
Poucos metros alcançam em seus brados.

Na humanidade é tudo transitório,
O homem quasi igual ao infusório,
O fúlgido brilhante um vil granito.

Grandezas, genios, forças, poderios,
São talvez irreais, ou desvarios...
Tudo zero perante o Infinito.

Praia das Maçãs
Novembro, 1916

CRUZ MAGALHÃES

SÃO BRAZ DE ALPORTEL

UM FACTO HISTORICO E UMA COINCIDENCIA

Na Torre do Tombo, existe uma collecção de informações chorographicas, de Portugal, reunidas pelo padre Luiz Cardoso, sob o titulo: *Diccionario Geographico*, na qual se vê (Tomo 3, numero 19) a noticia, ácêrca de São Braz de Alportel, dada pelo prior da egreja d'esse logar, Antonio Pereira da Silva, que tomou posse em 10 de julho de 1757, dois annos depois do grande terramoto que damnificou, um pouco, aquella egreja.

N'esta descripção, enumerando as dose confrarias «que tem esta Egreja de porta a dentro», diz, *in fine:* «e a do Santo Nome de Jesus, em que só servem os solteiros, em memoria de quando os ingleses deram fogo a esta Egreja, e, invocando, os taes solteiros, o nome de Jesus, se opposeram contra aquelles anglicanos e os lançaram fóra, com feliz successo; acção que se obrou em dia de Santiago Apos-

tolo, e, n'este dia, lhe fasem a festa, com suas cavalhadas de tarde; n'este dia, ha feira, mas, captiva; e da mesma sórte se faz em dia de São Braz, que, se fossem francas, se poderiam applicar os terrados para as obras da Egreja, o que se poderá conseguir da Real Grandesá de Sua Magestade Fidelissima e da Senhora Rainha, por ser terra sua.».

O que fica dito, infórma-nos de um acontecimento historico e faz-nos notar uma coincidencia: pertencer ás rainhas de Portugal, São Braz de Alportel, onde se vae faser um sanatorio, e ser fundadora de sanatorios a Rainha, mulher do tregessimo segundo rei de Portugal

Lisboa, 8 de novembro de 1916

AYRES DE SÁ

A MÃE

Treme-lhe ainda em convulsão magoada
O corpo, que soffreu dôr sobre dôr.
E, como é visionaria a desgraçada,
Bemdiz o fructo d'esse infausto amor.

Banha-o de pranto e, n'um sorriso triste,
Revê no rosto do recemnascido
— O que somente em seu desejo existe —
As feições adoradas do marido.

— São mesmo os olhos d'elle! a bocca! a mão!
A côr dos seus cabellos, e até
— Que d'illusões empresta o coração! —
A linda fórma do pequeno pé.

Na mãosinha, fechada avaramente,
Suppõe guardado um mundo de ventura.
Em toda a mãe existe uma innocente
Como em todo o prazer uma amargura.

Nos olhos, quasi immoveis e cerrados,
Que a luz do dia offende cruelmente,
Affirma alegre á sogra e aos cunhados
Ter visto uma expressão intelligente.

O marido, retido lá por fóra
Por certo olhar azul de fatal brilho,
Ás dez horas da noite ainda ignora
Que veio co'a aurora o seu primeiro filho.

Que lagrimas que chora a pobresita
Sempre que o vê sahir e não voltar!
É que não ha na terra igual desdita
Á de amar quem já nos não póde amar.

Mas secca-se-lhe o pranto contemplando,
Adormecido, o pequenino ser:
Vai mil castellos pelo ar formando,
E sente que precisa de viver.

É que hoje tem alguem a quem protege,
Achou uma razão á crua lida.
É elle agora quem no seio elege
Como a forte paixão da sua vida.

Tem tudo alli. Nada lhe falta, *nada.*
E estreita-o bem de encontro ao coração,
Como se dentro d'ella, a malfadada
Temesse ouvir dizer que *tudo* não.

Depois affirma: — Tenho companhia!
Perdeu a noite o tenebroso effeito.
A todo o mal faz bem a luz do dia.
Eu possuo uma aurora no meu leito.

E, fitando o relogio tristemente,
Deslisa-lhe uma lagrima no rosto,
E diz, beijando o filho meigamente:
— Só tu me alentarás no meu desgosto.

Toda a mulher, embora desgraçada,
Que tenha ao seio um filho pequenino,
Por muito que na vida ande arrastada,
Supporta, altiva, o mais atroz destino.

(Inedito)

MARIA O'NEILL

Meu caro Carlos Porto

Continuas entregue ao teu sonho. Sonho felicissimo, que foi creado numa hora de bondade e com um caracter de idealismo, e vae pouco a pouco adquirindo realidade palpavel e cada dia mais solida. O teu coração sensivel commoveu-se um dia com o espectaculo desolador de dezenas dos teus humildes companheiros de trabalho cahindo periodicamente victimas da tuberculose e deixando-se morrer sem lucta, por não possuirem meios materiaes para combaterem o terrivel mal. Apavoraste-te com o quadro tragico do agonisar lento d'esses infelizes, a quem a sociedade madrasta não estendia a mão que os poderia salvar. E resolveste concorrer, nos limites de toda a tua dedicação, para que cessasse uma tão grande iniquidade. Mas como conseguil-o?

A sciencia não descobriu por ora o remedio decisivo para a doença que é hoje um dos mais funestos flagellos da humanidade e que

se compraz, n'um amor macabro, em alimentar-se de vidas ainda primaveris, ou de existencias em plena floração, quando o espirito vagueia n'um mar de esperanças e illusões, no periodo bemdito em que tudo que nos rodeia tem os tons rozeos da alegria e da felicidade. Esse insuccesso não tem provocado desanimos e ao contrario, em cada dia, tem despertado o aparecimento de novas dedicações e enthusiasmos.

Em todos os pontos do globo trabalha-se sem desfalecimento na obra santa e redemptora de libertar o genero humano do mal que lhe rouba as suas melhores forças e as suas mais potentes energias. E assim estudos persistentes para combaterem, já que o não podem vencer definitivamente, o devastador bacillo de Kock, conseguiram organisar um systema therapeutico, verdadeiro systema de defeza, que amortece ou impede, em grande numero de casos, o seu desenvolvimento. Uma das bases d'esse systema é a do tratamento em sanatorios montados em locaes inteligentemente escolhidos e que, pelas condições climatericas e de altitude, envolvem os doentes da athmosphera mais adquada ao seu robustecimento e á integração das suas maiores resistencias. Se os empregados dos Caminhos de Ferro do Estado, feridos pela tisica, muitos dos quaes não disporão muitas vezes

de recursos para poderem mandar aviar o mais modesto receituario, podessem ser acolhidos n'um d'esses sanatorios, que beneficios d'ahi adviriam? Quantos d'elles não achariam assim o regresso á vida e a salvação dos entes mais queridos, d'outra forma condemnados á miseria e á dôr?

Foram estas ideias que acudiram ao teu pensamento e que, enraizando-se n'elle cada vez mais, chegaram a constituir quasi uma obsessão. O que mais admiro no teu proceder é o não haveres desanimado desde o primeiro momento. Como poude germinar na tua alma a flôr da esperança com viço sufficiente e a fé com a força necessaria para acreditares que no mundo em que vivemos, mundo de materialidades e de egoismos, em que cada um olha indiferente e até ás vezes com prazer os males alheios, poderias espalhar em torno de ti uma onda de sensibilidade tão intensa que ao seu refluxo ella te trouxesse os donativos indispensaveis para tão dispendiosa empreza?

Era preciso teres uma confiança de crente na grandeza do teu apostolado e a resolução inabalavel de não esmoreceres ante as maiores difficuldades e decepções para te aventurares a uma obra tão ingente e grandiosa. Uma e outra não te faltaram mais. Enamorava-te o ideal que crearas. Proseguiste sem

esmorecimentos para o alcançar e após esforços e canceiras que nem sei calcular, conseguiste reunir dezenas e dezenas de collaboradores dedicados e juntar um fundo de quatorze mil escudos para a obra santa que queres realisar. Esse resultado n'outros tempos tomaria as proporções d'um milagre. N'aquelles em que vivemos serve para demonstrar que prodigios pode obter uma vontade bem firme posta ao serviço de uma convicção profunda e d'um pensamento elevado.

Ainda bem que persististe. Ainda bem que não desfaleceste. Alêm de trabalhares por um fim de intentos os mais humanitarios, tu provaste que conheces onde está a resolução do problema social moderno. As classes trabalhadoras vêm ha muito tempo relegando para um plano secundario as questões politicas para se preocuparem de preferencia com as questões que interessam á sua situação moral e ao seu bem estar material. Em toda a parte se trabalha para se conseguir que a instrucção e a educação não sejam previlegio d'uma casta ou apenas dos mais afortunados, mas que ellas se vulgarisem intensamente até ás camadas mais humildes. Em todos os povos se inauguram, dia a dia, lactarios e creches para os filhos dos trabalhadores, caixas economicas que incitem e estimulem o espirito de previdencia, caixas de reformas e pensões

que assegurem a tranquilidade na velhice dos que não poderam, por um trabalho honesto, juntar fortuna e livrem da miseria, depois da sua morte, aquelles que em vida o seu braço sustentava, e se refunde e aperfeiçôa a legislação relativa aos accidentes do trabalho. São outras tantas pedras que se vão agrupando para o edificio sumptuoso destinado a proteger os mais infelizes e a reparar as desegualdades da ordem social, desegualdades para que ainda até hoje não se descobriu melhor remedio do que o que provêm d'estes meios indirectos. E se é util, e deve merecer os cuidados dos que se interessam pelo equilibrio e harmonia, cada vez mais solida, das forças sociaes, melhorarem-se as condições de vida das classes trabalhadoras, um dos processos mais eficazes de se chegar a esse desideratum consiste sem duvida em se concederem todos as meios de assistencia aos doentes, porque cada um que se conseguir salvar valerá como uma força já desenvolvida e creada, que parecia prestes a desaparecer, e que d'esse modo se integrou de novo no potencial do trabalho existente. É um contrasenso revoltante que se cuide amorosamente da conservação e melhor funccionamento d'uma machina e ao mesmo tempo se abandone sem protecção uma vida, que parecia já votada ao aniquilamento pelo mal mais traiçoeiro e persistente,

como se o homem não constituisse a machina mais perfeita e productiva.

Por tudo isto a missão de que tão expontanea e generosamente te encarregaste merece o auxilio e o aplauso de todos os que têem coração para se condoerem com as desgraças alheias e inteligencia para comprehenderem os meios de as debelarem.

O futuro ha-de-te reservar horas de intima alegria e até mesmo de legitimo orgulho. Um amigo meu, que a morte arrebatou em plena virilidade, magistrado distinctissimo e um dos espiritos mais elevados de quantos tenho podido admirar, convenceu-se um dia de que na comarca em que servia se praticara annos antes uma tremenda injustiça, que lançára um innocente nos horrores da Penitenciaria. Não teve mais um momento de descanço. Com o coração sangrando de revolta e de dôr, dedicou-se a tirar esse infeliz de semelhante inferno. Triumphou por fim. E quando recebeu a feliz noticia, elle, com os olhos marejados de lagrimas de intensa comoção, dirigiu-se a um filho unico, em quem concentrava todo o seu amor e disse-lhe: «Nunca me senti tão feliz como hoje, porque só agora reconheço que a minha existencia foi util a alguem.» Esta mesma phrase poderás tu repetil-a de cada vez que vires sahir do teu sanatorio um novo libertado da morte.

No proseguimento do teu proposito lembraste-te de publicar um livro que reunisse pensamentos, artigos, poesias, máximas, gravuras e aguarellas de homens de letas e artistas da nossa terra, livro de cuja venda esperas obter recursos qua vão avolumar o peculio que tão carinhosamente já tens accumulado. Convidaste-me para collaborar n'esse livro. Esse convite não o fizeste porque eu possua meritos que o justifiquem, mas porque não te esqueceste da amisade que nos une como companheiros de curso, contrahida nos annos já tão longinquos da nossa ridente mocidade e porque sabias que pertencendo eu como tu á familia ferro-viaria, seria dos que melhor poderia aquilatar todo o valor do teu emprehendimento. Sensibilisou-me a tua lembrança. Poderia corresponder a ella enviando-te qualquer pagina literaria, producto da imaginação de momento. Preferi porém dizer-te n'uma carta, em palavras singelas e despidas de toda a preocupação de fórma, a impressão que no meu espirito tem causado a tua iniciativa tão bella e humanitaria.

A velha amisade com que me honras me desculpará se eu não soube interpretar o que de mim desejavas.

Crê-me sempre
teu camarada e amigo muito dedicado

Lisboa-12-916

Lourenço Cayolla

SAUDADE

DESENHO Á PENA DE AFFONSO DE DORNELLAS

(Original 0,380 × 0,221)

NELL'ETERNO DOLORE

Disse-me um dia alguem: P'ra que te canças?
De que te servem lentes e astrolabios?
O Evangelho, Platão, são alfarrabios
de que *ámanhã* não guardarás lembranças.

Sacode o pó das falsas esperanças!
Quando a Morte nos vier fechar os labios,
de que nos serve adormecermos sabios
se havemos de acordar como creanças?

Sermos bons como as pombas e os lebreus,
escutarmos da Lei a voz sevéra...
P'ra quê? se ha outra Lei e ha outro Deus?

Nada vale ter fé n'essa Chiméra
do Alem... Porque, debaixo d'outros ceus,
outra Sphynge de pedra nos espera!

João do Amaral

A CARIDADE TRIUNFANTE NO FUTURO

A mais estremecida esperança de quantos assistem compungidos e inconsolaveis ao formidavel desabar das velhas e gastas sociedades que formam o mundo intellectual e pensante deste nefasto seculo xx no báratro insondavel em que as pretende subverter a barbara invasão dos modernos Hunos, é que d'entre os primeiros novos rebentos da Civilisação atrofiada, resurgindo um dia das ruinas do que foi, se eleve, impregnada de generosa seiva, a formosa flôr da Caridade, amparando sob suas acolhedoras frondes os miseros sobreviventes d'esta medonha catastrofe.

A Caridade proclamará então, triunfante, pelos milhares de meios de que dispõe para a todos ser alivio, alento e vida, a sua sacrosanta origem, a sua imortal essencia! E o mundo inteiro a reconhecerá, com veneração profunda, o fruto sobre todos abençoado, da

indissoluvel união miraculosa do Cristianismo com a Liberdade, prevalecendo sobre o sépticismo mirrador das seitas, impondo-se, pelo Amôr de Deus e pelo Amôr dos Homens, a todas as ímpias negações das escolas dissolventes.

É que a Liberdade inspirada no Cristianismo é ainda agora, e o será por seculos, a fórmula unica de governo a aplicar às futuras sociedades, para lhes minorar, mediante a inefavel Caridade, os inevitaveis sofrimentos a que as condénam as terrenas imperfeições humanas.

Lisboa, Dezembro de 1916.

GOMES DE BRITO

OS SUICIDAS

QUANDO os filhos da dôr cortam as suas vidas,
em horas desvairadas,
em longinquo clamor, almas de suicidas,
choram angustiadas.

Fantasmas que o Destino enlaçou, a clamar
numa eterna ameaça,
e vêm beijar o chão, onde vão repousar
os filhos da desgraça!...

Voltam a percorrer o caminho de outr'ora,
que foi o seu calvario,
arrastando, a gemer, por esse mundo fóra
o misero sudario ..

Num imenso cortejo, espalham pelo mundo
écos entristecidos...
E o mar bebe o seu pranto e leva para o fundo
queixumes e gemidos...

A vaga então sentindo essa imensa agonia
nos abismos do mar,
levanta encapelada a grande sinfonia
da morte a soluçar...

Mas emergem do abismo angelicas figuras
da branca espuma erguidas,
que vão, à luz da lua, orar nas sepulturas
dos pobres suicidas.

E curvam-se, entoando o côro da piedade
ante essa desventura,
onde talvez ninguem chorasse uma saudade
na sua sepultura...

Filhos das trevas, almas perdidas!
Cega-os o mundo que ri e passa,
que só repara nas almas f'ridas
para arrastá-las pela desgraça.

E elas, enfermas, enlouquecidas
pelo destino que as despedaça,
fogem da vida espavoridas,
deixando os corpos que a terra abraça...

Filhos da dôr! — miseros proscritos!
dormi na Terra, tristes, malditos,
que ela sómente vos corta os ais...

E os vossos olhos mortos, cerrados,
agora sêcos, já apagados,
não se descerram p'ra chorar mais!...

(Do livro em preparação *Violetas*).

Luthgarda de Caires

O JAZIGO DE FIALHO D'ALMEIDA

Cuba é das povoações mais incaracteristicas e sem interesse que encontrei no Baixo Alemtejo. Lembra, pela monotonia do seu casario reverberante, certas povoações de Hespanha, da Mancha, sobretudo, e que em vez de quebrarem a aridez das chans, servem como que a memorá-las, tão irmans da estepe parecem crescer da terra.

Avalio, com tristeza, do viver de Fialho na villa, quando, obrigado pelas mil coisas desagradaveis da sua vida em que parece não ter figurado pouco a intriga politica da ultima hora, — se recolheu aos seus telheiros.

. . . . . .

Especie de villa improvisada, sem paizagem que podesse entreter, por momentos, o espirito, aliás exigentissimo, do Artista; sem edificios de valor; com repartições inferiores;

avenidas lugubres, no geito da Alamêda, sobranceira ao caminho de ferro, e sombria como uma rua de cemiterio; habitações mesquinhas, servidas de ruas mal calçadas; a Estação a distancia, quasi que fugida da terra que a fizeram servir, tal é, de facto, Cuba, cujo casario abre sobre a campina formidavel do sul como uma aguarella infima!

E, entretanto, foi ali que o Escriptor quiz ficar e mandou que lhe erigissem o mausoleu, que visitei na ultima tarde da minha estada em Cuba, depois de dolorosos transes para arrancar duma adega o chaveiro do cemiterio.

Oh! como Fialho tinha razão, ao informar-nos no conto *A Ruiva:* «ha uma coisa peior que um cão damnado: é um coveiro bebado!»

Comtudo, ao lado dum tal coveiro segui eu até ao cemiterio de Cuba, em que, aliás, coisa alguma de notavel fui encontrar.

Todos os cemiterios se parecem; o de Cuba vale o *Père-Lachaise,* como o de *Montmartre* ou *Montparnasse,* por nomear os tres melhores de França (onde os homens passam por mais reconhecidos)—como os de todas as terras, ainda os das muito civilisadas e extremas.

Imagine-se um cercado alto, com o ar de casa á qual o vento arrebatasse o telhado, arruamentos de capellas e arcas com lettras de pedra, uma especie de convento de ossos, onde todos os dias ha camas de terra revol-

vidas e cruzes novas; — a frieza dos brancos e solemnes livros de marmore, das flores, ali casuaes e tranzidas, dos esguios arvoredos, como de todo um pequeno mundo de symbolos; — uma lage-obstaculo em cada campa, e, como que a fechar mais os que jazem, gradis, linhas de cimento juntando as cantarias, mais um diabolico e complicado systema de cremalheiras e cadeados!

Eis o cemiterio de Cuba, cujo desenho é, de facto, o de todas as grandes ou pequenas cidades de mortos, dos quaes os vivos se vão desquitando, mais ainda do que cobrindo-os daquelles obstaculos, — quasi esquecendo-os para ali, onde perpetuamente terão de ficar, afastados de tudo, onde jámais chegará o proprio carinho selvagem dos temporaes, sós, entre os silencios negros da sua noite immensa, velados dos elementos, a par das esculpturas somnambulas dos tumulos, tambem de si indifferentes, abstractas, e, como por acaso, ali dispostas, ainda por erguerem (paredes-meias dos cinerarios) o formal e glacido tributo da sua agonia lapidar!

Ora isto me ia eu recordando, ao seguir, mais o coveiro, pelo cemiterio de Cuba, do mesmo passo que, sem querer, lembrava certas passagens da obra de Fialho, que de momento, quasi me falavam, e eu sentia, como que batidas do vento, ao meu ouvido...

Como no caso das grandes paginas de presagio da sua monographia *Manoel*, começára de anoitecer, e os sinos tocavam!

Ainda mais, lembro-me de ouvir, ao longe, nitidamente, distinctamente, representando-se-me como um relampago vermelho á meia treva, o uivar daquelle cão que, quando, em taes paginas, o Artista se dá a dialogar com o coveiro a probabilidade de *Manoel* ser enterrado vivo, como toda a sua afflicção pela força material dos tumulos, — como que o chama á realidade desse mundo que fica para além do proprio pesadelo hystero-epiletico da sua tortura de superemotivo, e lhe queda, a dobrar, na alma, o timbre vivo e sinistro da hora horrivel que já não conta, e eu, de momento, senti ali, perto delle, bater tragicamente, lugubremente, como um echo do seu sentido, ainda doloroso, embora já distante, irradio...

Porque para mim, esse typo de *hysterico* e *fragmentado, contradictorio* e *presciente* que figurou no *Manoel*, é fundamentalmente elle proprio, desdobrando-se para escrever a sua mesma «duplicidade cerebral,» e gritar contra a desgraça do *outro*, «o que morrera,» e agora eu sentia ali, sem que, ao menos, pudesse precisar onde!

— Onde?

Eis o que o coveiro, depois que o instei, se

deu a contar-me, moendo as palavras que aliás, lhe sahiam cavas e aos gorgolões, como se me falasse ainda da adega á qual, minutos ante, o fôra arrancar.

Afinal pouco tem que ver a futura casa-forte dos ossos de Fialho, — no começo da primeira rua do cemiterio, e a poucos passos do portão, como do logar em que nos encontravamos.

Imagine-se uma especie de cofre em marmore branco, sem arestas, escrupulosamente polido e goivado á volta, quasi sem ornatos, uma porta grossa cruzada de fecharia, — todo elle dum desenho facil, e, por sobre a cupula, ainda de pedra, dois gatos de bronze, dormindo abraçados, o velho somno dos symbolos! Eis tudo.

Este, repetimos, o mausoleu que lhe servirá em breve.

Porque, provisoriamente, o Escriptor descança ainda, de momento, ao fim do cemiterio, perto da ultima parede, num pedaço de chão tijolado e de emprestimo, em sepultura rasa...

Ancêde, novembro de 1916.

VISCONDE DE VILLA-MOURA

PHOTOGRAPHIA ARTISTICA

VISCONDE DE SACAVEM — JOSÉ

ENCONTRO

— Tu, que choras sozinha, triste e pobre,
que nome tens? — Eu chamo-me *Orfandade;*
e tu, que vais sorrindo meiga e nobre,
dize: quem és? — Eu sou a *Caridade.*

— Sê bem-vinda. — Teus pais? — A terra os cobre;
e os teus! — Nasci do Amor e da Piedade.
— A tua pátria? — Quanto o olhar descobre!
— Quem é tua familia? — A humanidade!

Vivo a semear o bem e me avizinho
da tua estância agreste, por que vejas
enflorar-se o teu árido caminho:

terás em mim, se nada mais desejas,
paterno amparo, maternal carinho,
e um grande coração... — Bendita sejas!

CANDIDO DE FIGUEIREDO

TODOS OS CAMINHOS LEVAM A ROMA

A tuberculose é uma ameaça e um remorso collectivos.

Um país em que grasse a tuberculose como em Portugal é um país que cumpre mal os seus deveres de hygiene e assistencia publica.

Cada tuberculoso que cáe é um espectro que se levanta para accusar, um remorso que se lança sobre a consciencia de cada cidadão. E cada victima a mais é uma ameaça mais proxima, é a fileira dos sãos que chêga adeante e mais exposta fica ao mal.

O Sanatorio tem, por isso, dois caminhos que levam lá a esmola: ou a caridade ou o egoismo.

A caridade vae ter ao Sanatorio como vae ter a toda a parte: á trapeira, ao *pateo*, á roda ou á cadeia.

O egoismo vae lá ter, porque cada tuberculoso que não esteja hospitalisado constitue uma ameaça para todos, representa a infec-

ção ambulante e anonyma, perigosa como a bala sem destino.

Sustentar um Sanatorio torna-se uma tarefa social de que ninguem pode desinteressar-se: por dó ou por interesse.

Por qualquer dos dois caminhos — a estrada da caridade ou o atalho do egoismo — se vae lá ter.

— Não tens que errar, Esmola! É tomar por um d'elles, e andar sempre. Ambos levam ao Sanatorio, que é lá no alto, no Monte do Bem.

Lisboa, Fevereiro de 1917.

JOAQUIM LEITÃO

O MAR

Sento-me às vezes pelas ribas escarpadas,
E fico-me a scismar, em noites estreladas,
Ouvindo a longa voz do desgrenhado Atlántico,
Prisioneiro de amor, cada vez mais romântico,
E cada vez com mais plangências de elegia.
E digo para mim: Êste Mar deveria
Ser o sepulcro azul de todos os poetas!
As estrelas lá estão a desfolhar violetas
De luz, sôbre êste deus vencido e que não dorme;
O embalo das marés e como um sonho enorme;
E pelas noites de tristeza, o lume vago
Da Lua põe no Mar a «Estrada de S. Tiago...»
Depois, à luz antiga e doce das estrêlas,
Ou cortadas no luar, lá vão fugindo as velas,
Como asas de aves emigrantes e saudosas,
Irmãs das ilusões, que vivem como as rosas...
Ó Mar! devias ser a tumba, aonde baixassem
Todos os que na vida heróicamente amassem,
Os que sofressem, e colhessem nos caminhos,
Com bagas de oiro e sangue, uma c'roa de espinhos!
Ó meu poeta ancestral com madeixas de espuma,
Que não terminas nunca o teu poema de Dor,
Bardo antigo, a sonhar no teu manto de bruma,
Ou murmurando à Lua uma canção de amor;
Quem melhor do que tu para o embalo funéreo
Dos poetas, teus irmãos, como tu a penar,
Algemados também, ansiosos de mistério,
Todos com lágrimas e pérolas — ó Mar!...

Júlio Brandão

IDYLLIO

. . . . . .

No domingo, ainda o sol vinha em Castella, o Manoel bateu á porta do taberneiro. Foi a Joaquina que lhe abriu, já prompta. A ti Anna dissera que sim, que ia na sua companhia.

A ti Anna era uma mulher redonda, de buço grisalho, sem papas na lingua e desembaraçada como não havia outra.

Apenas se puzeram a caminho, sentiu-se logo muito á vontade e explicou ao Manoel que lhe dava gosto passear um bocado pela fresca da manhã.

Riu-se, apertou o nó do lenço ajudando-se com os dentes e, saracoteando-se toda, com as saias muito franzidas avolumando nas ancas enormes, acrescentou com malicia:

—E que seria da gente se não fizessemos assim de vez em quando um geitinho uns aos outros?—

Não se calava. Falava da Joaquina, gabando-a como se ella não estivesse presente.

— Vá-se com esta, su Manel; — concluiu ella — n'uma casa mais vale o bom juizo e o arranjo de uma mulher, do que muitos haveres. O que seria do mê Doniso se não fosse eu? Olhe qu'apesar dos cabellos brancos e do raio do rhêmatico, a minha casa inda não deixou d'andar asseiada que se pode ver. —

— Lá isso póde; — confirmava a Joaquina — não é por vomecê estar aqui, mas lá isso póde. —

Olhava disfarçadamente para o Manoel, toda presumida de o ver tafulo, com as calças novas de bombazina muito justas nas pernas e a jaleca preta de alamares.

O rio acompanhava a estrada com a sua corrente quasi morta; do leito pouco fundo irrompiam tufos de juncos; os choupos e as faias remiravam-se-lhe na superficie tranquilla.

O Manoel principiou a falar da sua vida ás duas mulheres; a courela comprada, as obras da casa...

E concluia:

— Tenho cá esta sapatia: quero ter casa minha. Um home emquanto é novo deve travalhar pra acolher um tecto seu em riba da cabeça e pisar terra sua antes de morrer. Passar a vida toda a cavar o chão dos mais

e nunca poder acravar a enxada em terra que chame sua, parece-me cá a mim um desprezo, Deus me perdôe, pra um home que não seja aleijado! —

A ti Anna escutava-o acenando approvativamente com a cabeça e dando cotovelões na Joaquina.

Aquelle homem enchia-lhe as medidas. Serio, de bôas falas, desembaraçado no trabalho e de grande pensar.

A Joaquina ouvia, calada, a conversa dos dois e olhava toda seria, pela estrada fóra, como se não fosse nada com ella. Ia andando, muito direita, com o peito a arfar sob o franzido da blusa côr de rosa, e uma ponta da saia de chita entalada debaixo do cotovelo, mostrando o carmezim da saia de castorina toda enfeitada na roda com fita de lã verde.

O Manoel disse:

— Com a ajuda de Deus, a casa ha-de-se fazer. Mas... com'ó outro... ponho-m'ás vezes a scismar... —

De repente perdeu toda a loquacidade, engasgou-se, relanceou um olhar perplexo á Joaquina.

— A scismar no quê, home de Deus? — perguntou a ti Anna, fazendo-se de novas mas percebendo que a conversa amadurecia.

— A scismar... Deus me perdôe... — res-

pondeu o Manoel por fim — que o coelho não faz a tóca pra lá assistir sósinho. —

A Joaquina virou a cara para a banda do rio, mas a ti Anna bem viu que ella corava até á raiz dos cabellos.

Houve um momento de embaraçoso silencio. A ti Anna que sabia muito, como o diabo, por ser velha, piscou o olho á Joaquina.

— Credo! — exclamou ella desatando a coxear — então não se me metteu o dianho d'um calhau dentro do sapato? —

Iam já no atalho, em terras do Gregorio, no principio da matta de medronheiros.

— Vão andando, vão andando, qu'eu tenho que descalçar este excommungado... Vão andando, qu'eu já os alcanço... —

Os dois afastaram-se devagar. Deram alguns passos sem abrir a bocca, enleiados, com as gargantas seccas.

N'uma volta do atalho, a Joaquina parou. Não queria perder de vista a ti Anna; parecia-lhe mal. Curvou-se, apanhou uma espiga de rosmaninho e começou a torcel-a e a apertal-a entre os dedos.

O Manoel, cravando os olhos no chão, esmigalhava as folhas seccas do caminho com a ponta ferrada do varapau.

Estas occupações absorviam-n'os profundamente; parecia que não tinham vindo alli com outro fim.

A ti Anna sentara-se n'um talude, alisara o cabello por debaixo do lenço, compozera as pontas do chale e, espreitando entre a folhagem, divertia-se a ver passar lá em baixo, na estrada, a gente para a feira. De vez em quando, disfarçadamente, relanceava um olhar curioso ao Manoel e á Joaquina, que se conservavam calados, sem atar nem desatar; e resmungava entre dentes, abarrotando de philosophia:

— Os homes são todos o mêmo, vão pr'ó diabo qu'os carregue! Primeiro nã se estrevem a alevantar pr'á gente a menina dos olhos; despois é que les vem o desembaraço... inté de mais! —

Entretanto o Manoel, tendo limpo o suor da testa e esguichado para longe um jacto de saliva, ganhou algum animo e repetiu:

— Pois é acom'eu te digo, Jaquina; o coelho não faz a tóca pra lá assistir sósinho. —

— Olha a grande avaria! — respondeu ella — Ha por hi coelhas em barda. —

O Manoel seguiu agarrado á sua metaphora como a uma taboa de salvação:

— Os homes são acom'ós coelhos, Jaquina. —

— S'é de ti que falas, escolhe companha — disse ella, fazendo-se desentendida. — Quem te pega? Não faltam cachopas, louvado seja Deus... —

—Só achei uma azada. As outras... qu'as leve o diabo! —

E acrescentou, mais baixo:

—Já lá vae um rôr d'annos e inda não mudei de pensar. —

Levantou os olhos para ella; viu-lhe o rosto afogueado, as mãos que tremiam esmigalhando a espiga de rosmaninho. Ganhou coragem.

—Ah! Jaquina! O meu coração é com'o tronco d'um choupo. O choupo era novito acando le escreveram um nome; mas o nome escrevído, nunca mais s'apagou! —

—Ó tempo que lá vae — murmurou a Joaquina — acantas cachopas não hades ter cubiçado! —

Com um grande juramento pela alma de sua mãe que lá estivesse em descanço no ceu, o Manoel assegurou-lhe que não. Nunca tivera outra conversada; e se não era verdade que a terra se abrisse e elle fosse alli mesmo engulido...

Calaram-se outra vez até que o Manoel disse:

—Ando só pr'o mundo que nem um cão. —

—E eu? — suspirou ella.

—S'adoeço — tornou o Manoel — não tenho quem me trate; se me rompo, não tenho quem m'arremende. —

Interrompeu-se, hesitou e, por fim, com as

mãos cruzadas no topo do varapau, o queixo fincado nas mãos e os olhos erguidos para ella:

— Queres ser a minha companha? —

A Joaquina disse com humildade:

— Sou prove e tu tens alguma coisita; podes escolher mulher que te leve de seu. —

Mas elle obstinou-se, levantando a voz, já mais senhor de si:

— Queres ou não queres? —

Então a Joaquina olhou para elle e respondeu simplesmente:

— E porque não havia eu de querer? —

Um silencio.

Não fizeram um movimento que os approximasse. Não lhes veiu a idea de uma caricia. O amor, perturbado apenas pela ausencia, reapparecia tão casto como d'antes, revestido da mesma força tranquilla. O ar da serra, livre e agreste, que o tinha gerado, purificára-o para sempre.

Em volta d'elles os troncos dos medronheiros seculares torciam-se, negros, rugosos, rijos, rompendo do chão muito juntos, levantando-se muito alto n'uma ancia de luz, emmaranhados em matto antigo e robusto que tornava a brenha impenetravel; e a folhagem subia sombria e lustrosa, abaulando-se em tunel por cima do caminho, mostrando aqui e além, agglomeradas, as espheras pequeninas, duras e asperas dos fructos ainda verdes.

— Diabos te levem, cachopa! — exclamou de repente o Manoel a rir — Deitaste-m'a perder! Por via de ti passou-me a alembrança das horas, e o Grigoiro lá na eira ha-de estar escamado. Deixa-m'ir. —

Deu alguns passos quasi a correr pelo atalho acima; depois parou, voltou-se.

— Esperas por mim aqui? —

— Não espero, que já são horas da ti'Anna ir fazer o almoço p'ró home. —

— Atão adeus. —

— Adeus, Manel! —

(Trecho inedito d'uma novella em preparação).

VIRGINIA DE CASTRO E ALMEIDA

N'UM LEQUE

No seu olhar gentil, doce e velado
Uma bondade fina transparece
Como a da mãe que nos ensina a prece
Junto do nosso berço immaculado!

No seu olhar gentil até parece
Que a alma se espraia n'um sorriso alado...
Bemdito seja o seu olhar magoado!
Bemdito seja, que consola e aquece!...

Do seu olhar gentil, cheio d'affecto
Celeste, evola-se o luar tremente
Que ha de beijar ainda este soneto...

E, pois é justo que ao findar não peque,
Curvo o joelho respeitosamente
Ao devolver, minha senhora, o leque!

João Saraiva

Não basta a *horrenda condemnação á morte* que peza sobre toda a humanidade, esta condemnação que ella só, entre todos os sêres vivos da creação, vê sempre imminente sobre a sua cabeça tão fragil! Não basta este *oratorio* de curtos ou de longos annos, que é a vida, suspensa entre dois abysmos, que ninguem ainda sondou, mas que o homem sabe que existem, e que pôr existirem, lhe dão á vida ephemera, um sabor tão acre, uma ancia tão angustiosa! É necessario ainda que essa vida, já tão curta, seja abreviada tragicamente, pelo crime dos ambiciosos, pelo fanatismo dos sectarios, pela ferocidade dos máus, pela utopia louca dos sonhadores de abstracções impossiveis, pela dura necessidade imposta á sociedade, de defender-se dos que a querem desorganisar, destruir!

Digam-me lá que a razão do homem é uma bella cousa, uma cousa livre que se move sem

limites. E que a razão basta para que a vida seja boa, e que á razão soberana compete o traçar o schema dos progressos da humanidade.

Pobre razão humana! Se ha cousa mais contingente, mais fallaz do que ella.

O instincto do animal é mais infallivel, merece mil vezes mais confiança que a razão do homem. Não falta nunca á fera que persegue a prêza, ao mastim que segue o rasto do dono ou do inimigo, á aguia que das alturas espreita o predestinado sêr que lhe servirá de repasto.

E a razão transvia-se, allucina-se, projecta de si vizões pavorosas, que se tornam em realidades, deixa que os máus desejos do homem se mascarem em concepções suas, e julgando-se senhora e soberana, não passa de escrava illudida, manobrando ao impulso de desnorteadoras paixões...

Dezembro de 1916.

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO

OS BRINCOS DE PORCIA

As indianas pérolas que vejo
Nessas orelhas, Porcia, não são elas
As que te deu, alçando-se ás estrêlas,
Hortensio, a trôco de fingido beijo?

Para as obter, submisso ao teu desejo,
Vendeu quanto possuía; mas ao vê-las
Por ti miradas, que as dizias belas,
Rico o pobre se achava de sobejo.

Passados quatro dias bem pungentes,
Ao Tibre se deitou, louco de dor,
E lá morreu... Que miserável sorte!

Esses brincos esconde aos teus clientes,
Pois supondo exibir troféus d'amor,
Lábaros ergues de perfidia e morte!

(Dos *Camafeus romanos*)

EUGENIO DE CASTRO

EM PORTALEGRE

AGUARELLA DE ROQUE GAMEIRO

THEATRO LYRICO

EXCERPTO

DA PEÇA

A ROSA DE PAPEL

Mysterio n'um cantico

ORIGINAL DE

AUGUSTO DE SANTA-RITA

Personagens e Figuras:

PIERROT, COLOMBINA,
CORINA, aia de Colombina,
ARLEQUIM.
BACCHUS e seu cortejo
em que figuram
PAN, PRIAPO, SILENO, MÉNADES,
THYIADES E BACCHANTES

PROMONTORIO DE SONHO
ENTRE A ANTIGA GRECIA E ROMA

ÉPOCHA INDETERMINADA

Scenario:—Muralha do F. com cancella e escada sobre um rio. Mastros de navios por detraz d'esta e em maior quantidade junto da escada. Myriades de luzinhas e fócos luminosos na margem opposta á muralha. Á E. primeiro plano a escadaria e terraço da casa de Colombina. Trez ou quatro arvores do aspecto e da côr das arvores que conteem as *Arcas de Noé*, brinquedo de creança, com respectivo supporte. Suspensa de uma trave horisontal, prêsa á extremidade d'outra vertical, uma linda esphera polychroma e brilhante com meio metro de diametro, approximadamente, e por debaixo d'esta um cavallo de pau com um metro de altura. Solo côr de medronho. *Scenario de tons berrantes:*—O luar põe sobre o rio que se divisa apenas por entre a cancella uma faixa de prata.

Ao subir o panno Corina—velha aia de Colombina—sentada n'uma cadeira pequena ao fundo da escadaria, doba, cantando um estribilho, ao luar. Pierrot, ao F. n'uma attitude contemplativa vela pelo somno das cousas.

.....

Tudo dorme na paz serenissima da Noite.

Corina tem o aspecto de uma bruxa lendaria.

São vindas de ceus espirituáes as vozes de Colombina e Pierrot; dos infernos da alma as da Corina e Arlequim.

.....

SCENA QUINTA

COLOMBINA

descendo a escadaria ao encontro de Pierrot e rasgando com sua voz clarões na Noite:

Pierrot... Pierrot... Pierrot, com tua voz divina,
Uma só voz se casa, a voz de Colombina!

PIERROT

Pierrette, meu amôr, sê bem apparecida,
Tu dás mais alma á alma e dás mais vida á vida!
Junto de ti meu peito abre-se todo em festa!...
Sinto dentro de mim uma grande floresta
Com centauros gentis correndo atraz dos gamos,
Com aves a cantar e o Sol a rir nos ramos!
Pontes, torres, pharóes, e adufas sobre o Mar!...

COLOMBINA

trasbordando ternura:

Pierrot... Pierrot... Pierrot...!

PIERROT

cingindo-a contra o peito:

Que estás tu a arrulhar?!
Rolinha branca, eu amo os teus arrulhos suaves!

COLOMBINA

Pierrot... Pierrot!... Pierrot!...

PIERROT

Arrulhas como as aves!

COLOMBINA

Ó Pierrot, meu Pierrot, ouvindo a tua voz,
Não me sinto no mundo, eu sinto o mundo em nós!

PIERROT

Vá... dize, arrulha, reza essa canção divina ..

COLOMBINA

n'um transporte de amor:

Eu amo-te, ó Pierrot!

PIERROT

com paixão:

Amo-te, ó Colombina!

—Ligeira pausa.—

A tua bôcca é um cravo, um cravo côr do lume;
Enches de arôma o luar, teu halito é perfume!

COLOMBINA

Tua respiração, tão leve e perfumada,
Parece dar á noite um ar de madrugada!

PIERROT

Não! lisongeira, não! Só tu tens a magia
De fazer despontar rapidamente o dia!
Fazes d'elle um setim e da noite um velludo!

COLOMBINA

Tu lanças a semente do Mysterio em tudo.
Em tua bôcca ardente as phrases crystalinas
Lembram lindo pomar cheio de tangerinas!
Teus olhos são pharóes illuminando o Mar!

PIERROT

Sim! o Oceano de Amor que tu trazes no olhar!

COLOMBINA

O teu perfil, Pierrot, um novo littoral...

PIERROT

Onde has-de inda aportar n'uma galera ideal!

COLOMBINA

E ha um novo alphabeto em tua graça inquieta!

PIERROT

apontando á E. F.

Que tu has-de apprender e ensinar ao Propheta
Que alem vai a prégar no tôpo da collina!

COLOMBINA

Eu amo-te, ó Pierrot!

PIERROT

Amo-te, ó Colombina!

COLOMBINA

Meu Pierrot, teu olhar dá mais luz do que a lua,
Enche todo o meu Ceu! Cada palavra tua...
Liquida, essa tua voz dentro em meu peito escorre!

PIERROT

Pierrette, vem viver comigo n'uma torre,
N'uma torre tão alta e de tal fórma esguia,
Que tendo em baixo a noite em cima tenha o dia!
Vamos... vamos os dois, tu vens comigo, vens?!
Só tu me entenderás, tu meu Amor, que tens
N'um corpo de mulher uma alma de menina!

COLOMBINA

n'um transporte de amor:

Eu amo-te ó Pierrot!...

PIERROT

em egual transporte:

Amo-te ó Colombina!

COLOMBINA

Hontem ao aguardar-te e ao cahir da noitinha,
Anciosa reparei que n'esse instante, vinha
O luar, lindo! a subir e então scismei, Pierrot,
Se tu chegaste então só porque o luar chegou
Ou se elle appareceu por te saber aqui?!

PIERROT

Não, nada d'isso! O luar veiu apenas por ti.

COLOMBINA

Tu que és Poeta, Pierrot, e que tens decorada
Em tu'alma a impressão que produz a alvorada
Na planta ao despertar do somno da raiz,
Tu que sabes dizer o que ninguem mais diz
E me ensinaste já que a Esphinge adormecida
É um Deus de pé na Morte e o outro pé na Vida!
E que n'este ar da noite estranho e surprehendente
O mesmo Deus palpita os instinctos da gente,
Põe a tua Menina outra vez na Berlinda,
E dize-me, Pierrot, uma vez mais ainda,
Porque tens tu por mim essa paixão immensa...

PIERROT

Porque te adoro?!

COLOMBINA

Sim; porque me adoras!

PIERROT

Pensa!
Pensa que o saberás! Mas que pergunta a tua!
Porque tu és o Sol e eu apenas a Lua;
Porque não ha dormir sem o sonhar, supponho,
E estou sempre a dormir e és tu sempre o meu sonho!
Porque em teus olhos passa a noite illuminada
E em tua bôcca ideal fez ninho a madrugada!
Porque n'esse teu ar que, só de vêr, consola,
Ha canduras de lyrio e innocencias de rôla!
Porque quando tu vens do teu terraço aqui,
Terraço, lua, mar, tudo... tudo sorri;
E se estendes o olhar sobre planicie ou monte,
Logo presinto um Deus no longinquo horizonte,
Um Deus, visão de luar, entre ruinas e escombros!
Porque quando tu pões as mãos sobre os meus hombros
E em seu arame d'oiro a Alma se equilibra,
Minha Pierrette, em mim tudo estremece e vibra,
N'aquella ancia immortal do que nunca se attinge!
Amo-te porque em ti ha o Mysterio da Esphinge;
Amo-te porque tu és como um lago, qu'rida,
Onde um Deus se narcisa e se contempla a vida
E porque em tua voz esse Deus mysterioso
Agita-se e depois em mim fica em repouso
Como n'um buzio o Mar echoando inda em surdina!

COLOMBINA

Eu amo-te ó Pierrot!

PIERROT

Amo-te ó Colombina!

O CANTO DAS SEREIAS

para lá da muralha:

Iá!. . Iá!... Iá!... Iá!... Iá!... Iá!... á... á... á...!

CORINA

que tem vindo ao terraço, e se debruça, olhando Colombina, para logo se retirar:

As sereias
Que inquietas estão esta noite!

....

Excerpto inedito da peça
A Rosa de Papel
a sahir
Edição da Renascença Portugueza

AUGUSTO DE SANTA-RITA

PENSANDO

J. V. SALGADO

Os monumentos de marmore e de bronze que se erguem nas praças publicas a perpetuar a memoria dos que fôram grandes na politica ou gloriosos nos feitos d'armas leva-os ou abate-os o vendaval das revoluções. Com o decurso do tempo — quantas vezes! — e á longa distancia em que a Historia, na magestade augusta do seu julgamento, profere a sua sentença sobre os homens e sobre os factos, ella faz apear dos seus pedestaes os que até lá subiram pela exaltação apaixonada ou pelo injusto culto dos seus contemporaneos.

A cruzada do Bem não teme o juizo da Historia, nem é d'uma só epoca: é de todos os tempos. Os edificios que veem assignalar a sua acção e o seu triumpho são templos em que podem commungar os trabalhadores de todas as crenças que vão acolher-se á sua bandeira branca. Iniciativas como aquella que em breve fará construir sobre esta terra for-

mosissima de Portugal mais um baluarte que travará victoriosa lucta contra a tuberculose, salvam muitas vidas que hão de ser preciosos elementos da nossa futura reconstituição.

De todas as lições da religião eu não conheço outra mais eloquente e mais santa! De todas as affirmações de patriotismo nenhuma encontro mais salutar e mais util!

De todos os ramos da intellectualidade portugueza e de todos os campos da actividade nacional devem partir os romeiros que venham trazer as offerendas do seu auxilio material e moral e os louros do seu applauso a um emprehendimento que não invoca a caridade que humilha mas affirma a solidariedade que dignifica e exalta.

Os que estão, como eu, nas luctas agrestes e exgotantes da imprensa politica sentem de certo um ineffavel repouso espiritual n'esta tregua a que nos chama, n'um campo neutro, a consagração d'esta obra, que é de todos, essencialmente portugueza pela sua tradição e pelo seu alcance.

Venho trazer-lhe, nas paginas d'este livro, a minha saudação mais calorosa e a quem a iniciou a mais grata e commovida homenagem.

Lisboa, Abril de 1917.

J. A. Moreira d'Almeida

HUMORISMOS

Se n'este labutar em que vivemos,
N'este mar de illusões que atravessamos,
Desde o collo materno em que choramos
Até á valla fria onde descemos;

Se n'este labyrintho em que perdemos
Tantas vezes a fé com que sonhamos,
N'este martyrio atroz que desfolhamos
Levados p'la má sina em que nascemos,

Não houvesse por vezes um conforto
Que em rajadas de luz, vem mitigar
Quem no manto do tedio vive absorto,

Maldiria, sem dó, a terra, o mar,
Este mundo cruel que nasceu torto
E ninguem é capaz de endireitar.

1917.

Xavier de Magalhães (Gamalhães)

PASSADO

Quem me déra ter nascido,
Quem me déra ter vivido
Nos bellos dias passados
D'esse tempo que me encanta...
O tempo da guerra Santa
E dos pagens namorados.

Ter um castello roqueiro,
Adorar um cavalleiro
De armadura reluzente
E coração devotado,
Palpitando apaixonado
N'um peito largo e valente!

Nas manhãs de inverno, frias,
Assistir ás montarias
De javalis, na floresta,
Seguindo alegre o ruido
Das trompas e do latido
Da matilha ousada e lesta.

Nos serões, junto á lareira,
Á vélhinha fiandeira,
De prateadas madeixas,
Ouvir narrar as contendas
Ou as phantasticas lendas
De que formavam endeixas.

Ter n'alma a paz bemfazeja,
— Essa que em vão se deseja
Nos dias triste de agora —
Ter a fé tranquilla e pura,
Que protegia a ventura
Das mocidades, outr'ora.

Acreditar na amisade
E no amor, na lealdade;
Rir, viver alegremente,
Sem as duvidas sombrias
E as loucuras doentias,
Que definham toda a gente.

Sim! eu que soffro o tormento
Do moderno desalento
D'estes dias malfadados,
Bem quizera ter nascido,
Bem quizera ter vivido
Nos bellos dias passados!

MARIA DE CARVALHO

POR BEM FAZER...

CONTO Á PRESSA

I

Silverio Fininho adorava a menina Carlota Insonso, que era das pequenas mais prendadas do bairro de Campo de Ourique.

Que coisas lindas ella fazia, de tudo, e a proposito de tudo!

Cabellos, escamas de peixe, papel de sêda, anilhas de charutos, caquinhos de loiça, o diabo.

O seu quarto de cama parecia a loja do Faz-Tudo, e ás vezes... um barril do lixo.

Quando começaram a apparecer os primeiros trabalhos com as cintas dos charutos, a Carlotinha tratou logo de fazer um prato muito lindo.

E no fundo, ao centro, em missanga collada, pespegou-lhe com uma inscripção, que dizia assim:

«Ao meu querido Silverio Fininho, a sua C. I.»

Um mimo!

Um primor de arte e de bom gosto.

O Silverio quando recebeu o prato até lhe deu beijinhos.

Pois se era a alma, o espirito, a fina essencia da sua Carlota!

II

Por estas artes de berliques e berloques, que nunca aos mortaes é permittido desvendar, o *ourêlo* do Silverio e da Carlotinha acabou.

Não trocaram prendas, não trocaram cartas nem cabellos, mas acabou de vez!

Foi um amor sepultado!

III

Despeitado, mas querendo mostrar indifferença, o Silverio, mezes depois, ajustou casamento com uma quarentona nada peste, já com medo de ficar fóra do quadro, e que aos quarenta abris muito viçosos juntava um peculiosinho de quarenta contitos.

Silverio era novo e ambicioso, e a Carlotinha já namorava e se dizia para casar com um primo estabelecido, e elle queria a vingança casando primeiro.

IV

E casou-se.

A esposa, um bom peixão, muito amoruda, mas um crivo de ciumes, uma ciumenta pavorosa, uma Santuza, era um diabo capaz de inventar ciumes na cabeça d'um tinhoso.

Um dia, apenas com uns mezes de casado e tendo supportado scenas terriveis de ciumeira, o Silverio foi descortinar o prato das cintas, com a dedicatoria, no fundo de uma gaveta do seu *toillette*.

— Oh! C'os diabos! É preciso esconder esta peste; se a Mafalda dá por isto — ella era Mafalda — arrasa-se Troia!

E começou a escogitar como desfazer-se do brinde.

Havia no club uma *kermesse* em favor dos tuberculosos; andavam a pedir prendas; elles não iam nunca ao club, e o Silverio... zás... ás escondidas da esposa, deu o prato a um amigo da direcção, e pediu-lhe segredo.

E via-se livre d'aquelle embrechado.

Marchou o prato e socegou o Silverio.

V

Deu-se o primeiro domingo de *kermesse*, deu-se o segundo, sem que o Silverio e a esposa lá pozessem os pés.

Mas durante a semana as primas Polycarpas visitaram a prima Mafalda, e não se cançaram de elogiar a *kermesse* — muito bonita, muita gente, muita musica — um verdadeiro encanto.

E a Mafalda para o Silverio:

— No domingo vamos lá, sim, filho?

— Sim, filha.

Passaram os dias restantes. O Silverio, esperançoso que a madama se esquecesse, não fallou mais no caso, mas no domingo... zás... a Mafalda com elle ás voltas:

— Hoje vamos á *kermesse?*

— Vamos.

Silverio disfarçava, Silverio mudava as conversas, Silverio achava o tempo entroviscado, elle, Deus me perdôe, até desejava uma doença á esposa.

E foram. Elle tremulo, livido, n'um susto permanente, embora com a esperança de que o maldito pratinho já tivesse marchado nos dois domingos anteriores, tudo era affastar-se da barraca dos premios.

Mas as Polycarpas, as estafermas das Polycarpas, tudo era puxar para a barraca das sortes.

Elle tremia por dentro, sentia a espinha gelada, tinha suores frios.

E a esposa comprou cinco tostões de sortes!

Silverio perdeu a falla!

VI

Bumba! Sae á D. Mafalda Fininho o prato onde em missanga se lia:— «Ao meu querido Silverio Fininho... etc.»

E quasi agonisante, o Silverio olhando a esposa, que parecia uma panthera:

— Amaldiçoadas sejam, para toda a vida, as malvadas Polycarpas!

Cruz Moreira (Caracoles)

POR ENTRE AS SARÇAS

Ao Ex.mo Snr. Carlos de Vasconcellos Porto

E u divaguei ao Sol, meditabundo,
Por entre as sarças rudes do existir.
E vi que n'ellas tumultuava um Mundo
Negro de almas, extranho ao meu sorrir.

Depois tornei meu passo a dirigir
Pelas sarças, ao luar. No moribundo
Silencio mudo e calmo ouvi estrugir
Sêco timbre de vozes iracundo.

E que vi n'essas vozes aos milhões
Que os écos repetiam nos covões
Dos montes e nos ares da amplídão?

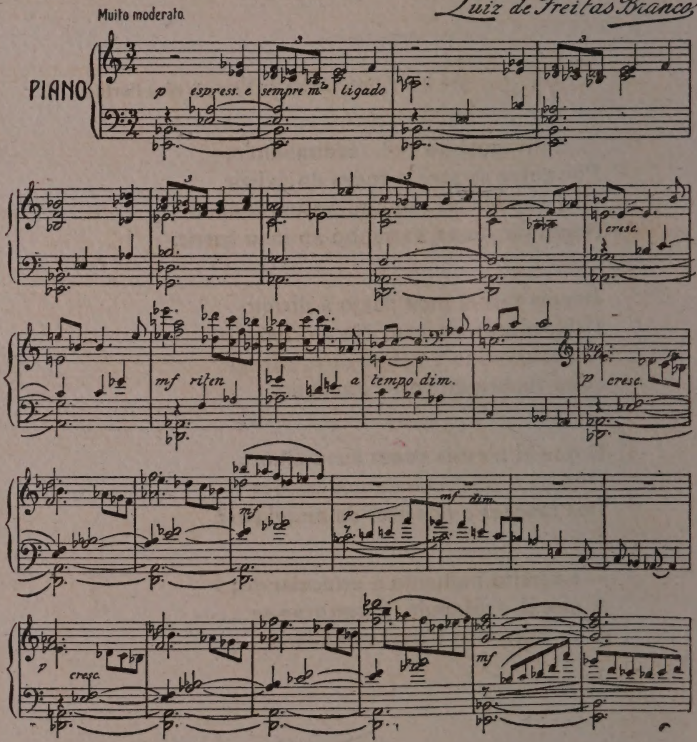
— Exercito bulhento a esfacelar-se;
A moral, expirando, a derrocar-se...—
E... hoje vivo n'essa multidão!

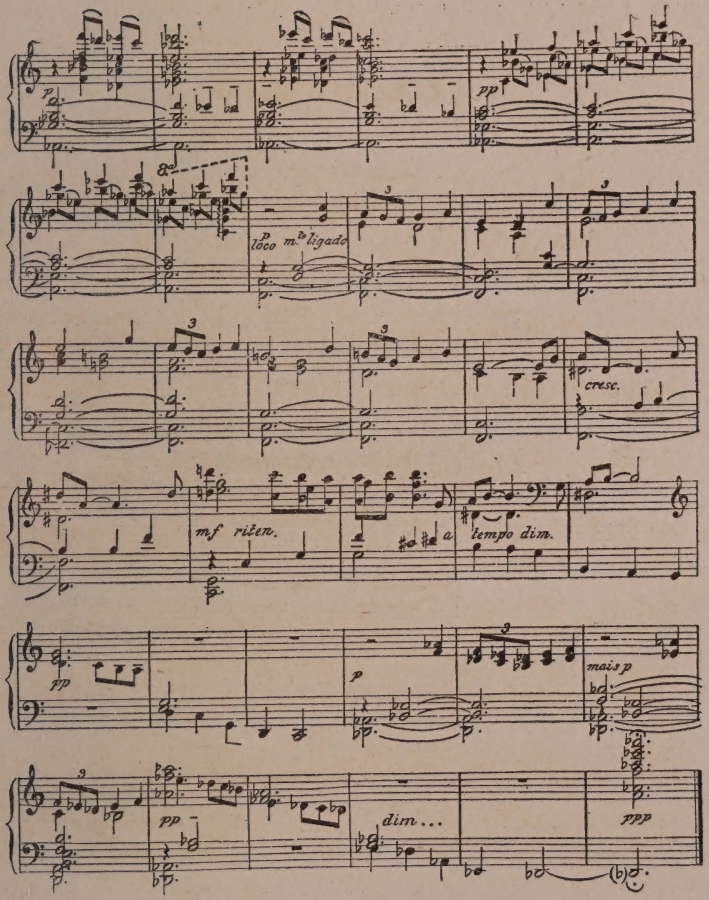
ADRIANO MORGADO CAMÊLO

Aluno do Asilo-Escola
Antonio Feliciano de Castilho

Peça para piano

Luiz de Freitas Branco




pp
loco
m.to ligado
cresc.
mf riten.
a tempo dim.
pp
p
mais p
pp
dim...
ppp

VOZES D'ALEM

«Esta é a ditosa patria minha amada»

«Quem ha que por fama não conhece
As obras portuguesas singulares?»

«... em perigos e guerras esforçados
mais do que prometia a força humana,
Entre gente remota edificaram
Novo reino que tanto sublimaram.»

«... nenhum trabalho grande os tira
D'aquella portuguesa, alta excellencia,
Da lealdade firme e obediencia.»

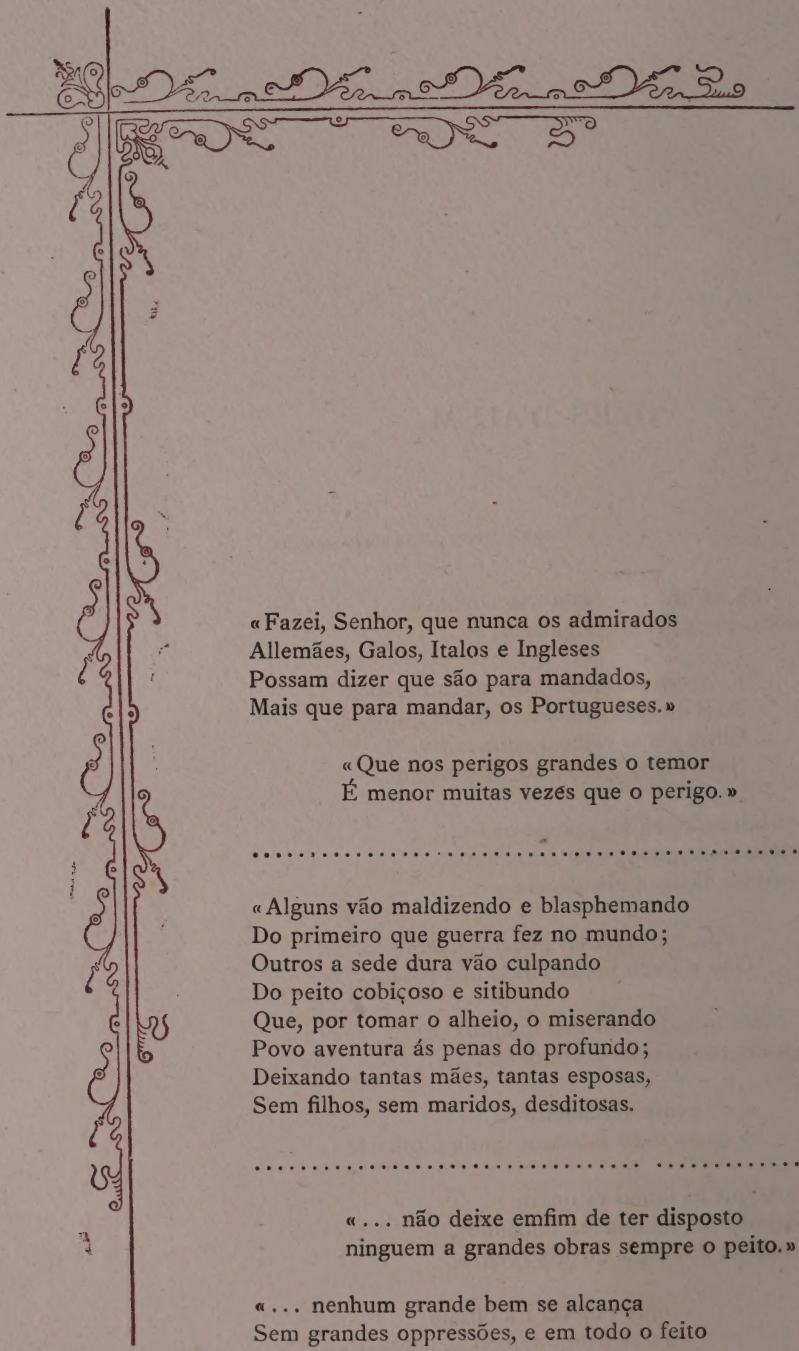
«Vós, portugueses poucos, quanto fortes,
Que o fraco poder vosso não pesaes...»

«... gente ousada mais que quantos
No mundo cometeram grandes cousas...»

«... gente verdadeira
A quem mais falsidade enoja e offende»

«... vós que as famas estimais,
Se quizerdes no mundo ser tamanhos,
Despertae já do somno do ocio ignaro.

«... Sempre por via irá direita
Quem do opportuno tempo se aproveita.»



«Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Allemães, Galos, Italos e Ingleses
Possam dizer que são para mandados,
Mais que para mandar, os Portugueses.»

«Que nos perigos grandes o temor
É menor muitas vezes que o perigo.»

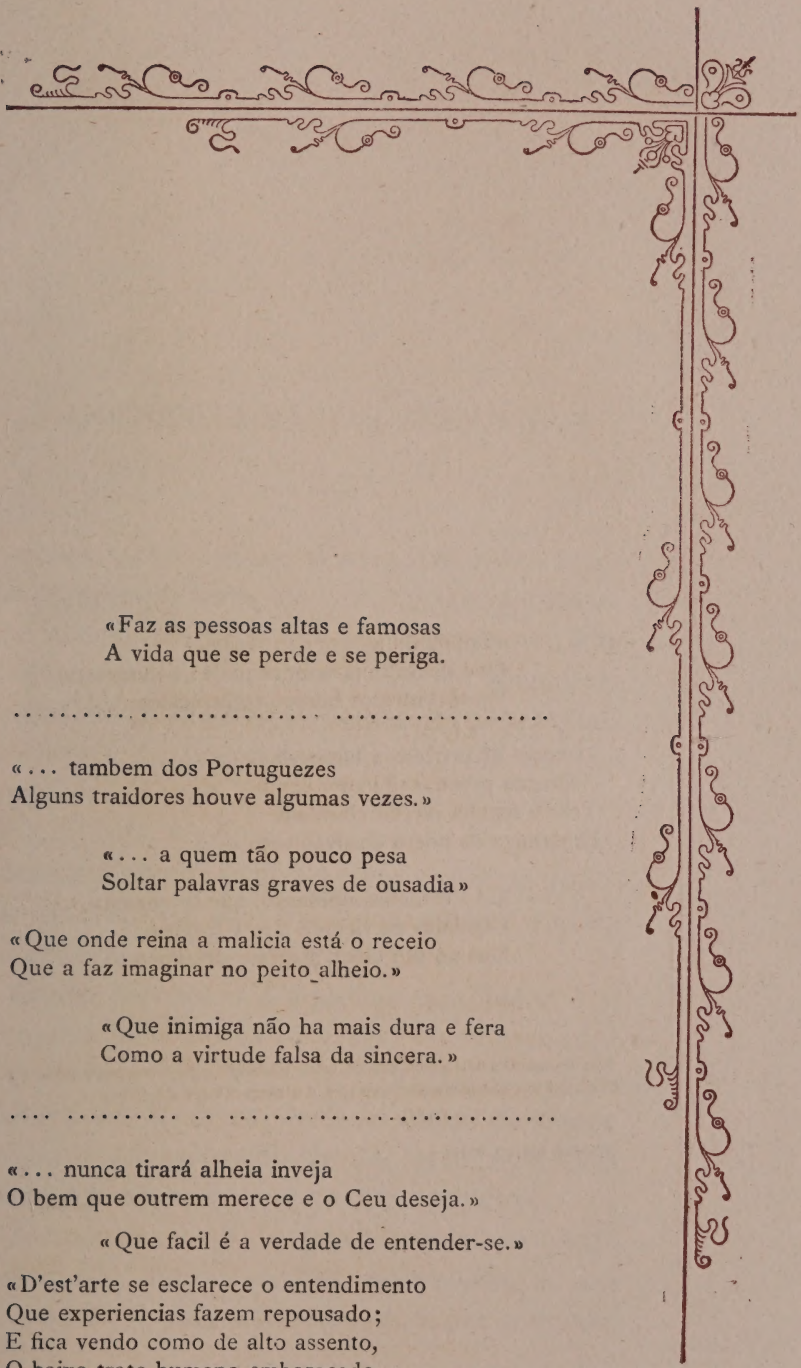
.....

«Alguns vão maldizendo e blasphemando
Do primeiro que guerra fez no mundo;
Outros a sede dura vão culpando
Do peito cobiçoso e sitibundo
Que, por tomar o alheio, o miserando
Povo aventura ás penas do profundo;
Deixando tantas mães, tantas esposas,
Sem filhos, sem maridos, desditosas.

....

«... não deixe emfim de ter disposto
ninguem a grandes obras sempre o peito.»

«... nenhum grande bem se alcança
Sem grandes oppressões, e em todo o feito
Segue o temor os passos da esperança.



«Faz as pessoas altas e famosas
A vida que se perde e se periga.

.. ..

«... tambem dos Portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.»

«... a quem tão pouco pesa
Soltar palavras graves de ousadia»

«Que onde reina a malicia está o receio
Que a faz imaginar no peito alheio.»

«Que inimiga não ha mais dura e fera
Como a virtude falsa da sincera.»

....

«... nunca tirará alheia inveja
O bem que outrem merece e o Ceu deseja.»

«Que facil é a verdade de entender-se.»

«D'est'arte se esclarece o entendimento
Que experiencias fazem repousado;
E fica vendo como de alto assento,
O baixo trato humano embaraçado...

«Impossibilidades não façais
Que quem quiz sempre pôde; e numerados
Sereis entre os heroes esclarecidos.

«Depois de procelosa tempestade
Nocturna prece e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade
Esperança de porto e salvamento.»

«... trabalho immenso, que se chama
Caminho da virtude alto e fragoso,
Mas no fim doce, alegre e deleitoso.»

Em momentos tão solemnes de crise nacional, que invocação pode ter em Portugal um sentido mais puro que a d'estas *Vozes d'Alem?*

Madrid, março, 1916.

CAÏEL

O ARCHIPELAGO DAS SELVAGENS

Portugal possue entre os seus territorios algumas pequenas ilhas em que necessita afirmar por meios materiaes a sua soberania. Um d'elles é o que constitue a ilha de Angediva, ao sul do territorio portuguez de Gôa, quasi em frente do porto britanico de Caruar, na costa de Canará, e que é quasi inteiramente deshabitada, tendo apenas ruinas de uma fortaleza e d'alguns edificios; mas que bem poderia converter-se em uma colonia penal sujeita ao governo do Estado da India.

Outro territorio n'aquellas condições é o formado pelo pequeno grupo das chamadas ilhas Selvagens, entre o archipelago das Canarias e o da Madeira, onde se torna da maior urgencia a construção de um farol para assinalar á navegação este perigo eminente.

Além, como aqui, é indispensavel essa afirmação de dominio; mas, sobretudo, é nas Selvagens ainda mais necessario, porque mui-

tos as julgam hespanholas, pela sua proximidade das ilhas Canarias. Actualmente, pelo estado de guerra, a urgencia d'essa manifestação de soberania é indispensavel e conveniente, pois que não existindo alli qualquer representação da nossa auctoridade, ellas podem, pelo menos eventualmente, servir de estação de abastecimento a submarinos inimigos.

Emquanto isto se não faz é interessante vermos as provas que possuimos da nossa soberania e as opiniões dos geografos e cartografos sobre essa questão, que pode surgir de um momento para o outro; não sendo nunca demais evidenciarmos os nossos direitos a territorios que, pela sua singular situação geografica, podem parecer pertença de outrem.

N'um folheto, muito interessante, publicado ha annos, tendo por titulo *As Selvagens*, encontram-se elementos provantes do nosso antigo senhorio ao minusculo archipelago. Por tal motivo nos referimos a esta publicação a que tambem nos socorreremos.

As ilhas Selvagens pertencem a Portugal por direito de descoberta e de posse ininterrupta, como consequencia natural do descobrimento da Madeira pelos navegadores do Infante D. Henrique no seculo XV.

Desde a colonisação da Madeira, as Selvagens, como as Desertas, têem secularmente sido encorporadas no governo d'aquella ilha

e hoje no do districto administrativo do Funchal. Como propriedade particular pertencem mesmo de longa data a uma familia do Funchal.

O grupo das Selvagens, existindo no centro de um circulo, cuja circumferencia passa pelo Bugio (Desertas) e por algumas das Canarias, fica situado entre os paralelos de 30° e 30°.09′ de latitude norte e os meridianos de 15°.51′ e 16°.08′ de longitude W. Gr. e acha-se geograficamente desligado dos archipelagos visinhos da Madeira e das Canarias. Efectivamente entre as Selvagens e a ilha de Tenerife, a mais proxima das Canarias, a carta bathymetrica acusa fundos superiores a 3660^{m}; identicos fundos se estendem para leste e norte, sendo estes um pouco maiores.

Como se vê elevam-se de um pedestal unico isolado por fundos abyssaes, e, por isso, como a *Grande Encyclopedia Portuguesa,* editada pela antiga livraria Zeferino, sustentamos a opinião de que as Selvagens constituem um archipelago minusculo, independente, composto das ilhas *Selvagem Grande, Pitão Grande* e *Pitão Pequeno,* a cujo conjunto os maritimos e os geografos denominam: *As Selvagens.*

A *Selvagem Grande,* a 160′ do Funchal, tem ao centro um monte conico de 150^{m} de altitude. Avista-se a cerca de 24 milhas e o *Pitão*

Grande a 16 milhas de distancia. Os rochedos que circundam a primeira d'estas ilhas estão sempre a descoberto.

Os *Pitões*, a sudoeste da Selvagem, ligam-se por uma serie de recifes emergentes uns e submersos outros quasi á flôr d'agua.

A constituição geologica d'estas ilhas é vulcanica, como a dos archipelagos visinhos. Tanto na Selvagem como no Pitão Grande o solo é susceptivel de cultura, havendo na primeira uma fonte de agua potavel. A barrilha *(Salsolea soda)*, planta interessante da beira-mar, contendo muita soda, a urzéla e varias outras plantas ali se encontram. Tanto a sua fauna, como a sua flora, foram estudadas e encontram-se descriptas no folheto intitulado *As Selvagens*, publicado em 1906 pelo snr. Sarmento.

O proprietario dos terrenos d'estas ilhas explora, nos mezes de agosto e setembro, a caça dos coelhos, cuja carne se salga e coloca em barricas, e as péles secam-se e enfardam-se para exportação. É isto feito sob a acção fiscal das auctoridades do Funchal, que recebem do proprietario as respectivas contribuições desde longa data.

Não pode pois restar duvida de que este pequeno archipelago é pertença de Portugal e assim tem sempre sido considerado pelos geografos nacionaes e estrangeiros. Para o

Ria d'Aveiro — Calmaria

Cliché de d. Maria da Conceição de Lemos Magalhães

confirmar examinaremos o que consta de varias obras sobre geografia politica.

Diogo Gomes de Cintra, na sua obra: *De Insulis Primo Inventis in Oceano Ocidentis,* dá uma desenvolvida noticia demonstrativa da descoberta e posse portuguesa das ilhas Selvagens, e menciona que ali faziamos a apanha da urzéla, para negocio de tinturaria.

João da Nobrega Soares, na sua *Chorografia da Madeira,* demarca o archipelago das Selvagens como comprehendido na Madeira, com o que não concordamos, visto que o reputamos distincto, embora sob a jurisdição do districto do Funchal.

Gaspar Fructuoso, no livro II, *Saudades da Terra,* em que se ocupa unicamente do archipelago da Madeira, trata no capitulo II e ultimo das Desertas e Selvagens.

Mr. d'Avesac, como Gaspar Fructuoso, na parte I da sua obra *Iles de l'Afrique,* que intitula *Archipel de Madère,* consagra um paragrafo especial ás Selvagens que, d'este modo, considera politicamente incluidas na Madeira.

E. Réclus, no volume XII *Africa Ocidental,* da sua obra monumental *Nouvelle Geographie Universelle,* a paginas 80, considera o grupo das Selvagens uma dependencia da Madeira, e já para ali pedia um farol em 1887.

Vivien de Saint Martin, outra auctoridade em assuntos geograficos, no tomo V, pagi-

nas 541, coluna 2.ª do *Nouveau Dictionnaire de Geographie Universelle*, diz que as Selvagens são uma dependencia da ilha da Madeira.

Travassos Valdez, no volume 1, paginas 1 e 64 da sua obra *Africa Ocidental*, refere que as Selvagens, onde passou em 1862, são dependentes da Madeira e pertencem ao morgado João Teixeira Cabral de Noronha. Acrescentaremos nós que esta propriedade passou para a posse do snr. Luiz da Rocha Machado em 1904.

Casado Geraldes, escrevendo o seu *Tratado Complementar de Cosmografia e Geografia*, no principio do seculo XIX, trata cumulativamente das ilhas do Bugio, Desertas e Selvagens, reputando-as por isso pertencentes á Madeira.

O *Diccionario de Geografia Universal*, obra a tantos respeitos notavel, publicada sob a direcção de Tito de Carvalho, com a colaboração de varios homens de sciencia e geografos, dá as Selvagens como fazendo parte do archipelago da Madeira, considerando-as portanto no dominio portuguez. Faz uma resumida descrição das ilhas e acrescenta como observação: «A Hespanha tem por vezes apresentado pretensões á posse d'estas ilhas.»

Nós, porém, não conhecemos em que se baseiam essas pretensões, se é que elas alguma vez se manifestaram.

A *Encyclopedia Britanica,* no artigo Madeira, paginas 418, volume xxx (suplemento), diz que as Selvagens são subordinadas ao districto do Funchal, e, em concordancia, no volume dos mapas geograficos, carta n.º 64, *Mapa d'Africa,* dá-as como pertença da Madeira.

Tambem o *Stielers Hand Atlas,* carta 69, edição de 1907, as indica como portuguezas. Assim o faz egualmente o *Atlas de Geographie Moderne,* de F. Schrader, na carta n.º 48.

Egual opinião tem o *The Times Atlas* e a *Special Karte von Afrika.* O primeiro publicado, em 1897, pelo grande jornal londrino, carta n.º 107-108 e a segunda pelo instituto de Justus Pertes, 3.ª edição.

O *Dicionario Pratico Ilustrado* e o excelente tratado de geografia, do eminente geografo britanico e nosso amigo Dr. Hugh R. Mill, denominado *The International Geography,* a paginas 384, edição de 1899, sustentam o mesmo principio.

Outros autores ainda poderiamos citar em corroboração do que já fica dito; mas a instalação do farol, já estudado, que a nossa administração ali vae fazer, na primeira oportunidade, em cumprimento de um dever humanitario, será a prova final da nossa afirmação de soberania.

ERNESTO DE VASCONCELLOS

CANTICO DE PAN

Bemdito seja o que semeia
Na terra o grão fecundador,
Vem a seara, vem a paveia,
Bemdito seja o lavrador!

Horas felizes, horas sagradas,
As do trabalho da rude mão!
É d'essas frontes aljofaradas
Que cáe a linfa que rega o chão.

A terra é mãe. Ao seu abrigo
A vida surge a pulular,
Pois desde a hulha até ao trigo
A terra dá sem descansar.

No rude flanco da montanha,
No seio até do mar profundo,
A vida brota em cada entranha
Como do ventre mais fecundo.

Da leiva escura que s'espalha
A vida nasce e nasce o amor...
Bemdito seja o que trabalha!
Bemdito seja o lavrador!

Anda na faina quasi de rastros,
A fronte ao vento, os braços nus,
Mas sóbe, sóbe, até aos astros
E d'elle nasce a vida a flux!

Vianna do Castello.

Silva Campos

A LINGUA PORTUGUEZA

Quando nada já me prendesse á Patria, ainda a ella me prenderia a lingua, que reputo das mais bellas e expressivas, embora hyperbolica e diffusa. Porém, disciplinada por mão simultaneamente doce e firme, a lingua portugueza é um admiravel signo do pensamento e tem, sobre outras, nas horas decisivas, um fremito passional que arrebata. Desfeiteada por uma geração iconoclasta, não seria de extranhar que lhe perdessemos aquelle antigo amôr, sem o qual os Academicos, os sabios, os cenaculos, a tradição, e até o paiz não teriam razão de existir. Porém, seja Deus louvado! ainda ha quem a escrêva e quem a leia, pondo na leitura e na escripta o melhor da sua attenção e da sua alma. E então se reconhece que a nossa lingua tem a dureza do granito, a flexibilidade do aço, a fluidez da agua, a transparencia do crystal e a doçura do mel. Sem a pieguice da italiana, a cujos registos

medio e grave falta virilidade, a lingua portugueza traduz admiravelmente os mais delicados cambiantes do sentimento; mas quem n'ella quizer imprecar, rugir, fulminar ou deslumbrar, terá apenas o embaraço da escolha entre vocabulos e expressões, figuras e tropos, idiotismos e proloquios. Se a historia patria foi, até Alcacer-Quibir, uma opera, no successo, no scenario, na indumentaria, nos personagens, a lingua patria é bem o seu instrumental, desde o quartetto de corda até ás palhetas e aos metaes. Faz-se d'ella o que se quer, porque a sua plasticidade é infinita. Tem côr, tem som, tem luz e, quando é preciso, uma grandeza de Santo Imperio ou Grande Seculo.

Lisboa, 13 de março de 1917.

CUNHA E COSTA

DESENGANO

Eu conservava na minh'alma a fé
Mais viva e pura de um afecto brando,
Nascido em nós... sem que se saiba quando!...
Tornado amor... sem se saber porquê!

E essa afeição, tal como eu a senti,
Teve o poder de dar-me até a crença
De ver no mundo uma verdade imensa,
Porque o olhei, sempre através de ti!

Porem mentiu-me o teu olhar profundo!
O teu amor soube arrancar-me a fé!
E... faz-me pena, muita pena, crê...
Ter de te ver hoje através do mundo!

Por isso eu choro! é que a minh'alma vê
Que tudo é falso! até um afecto brando,
Nascido em nós .. sem que se saiba quando...
Tornado amor... sem se saber porquê!...

MARIA CANDIDA PARREIRA

Antes me estoirem os olhos do que me sequem as lagrimas.

Guerra Junqueiro

MEU AMOR!...

I

.....

Três da tarde... Ninguem, no parque antigo
onde vim *fazer horas,* a sonhar
que tu tambem vieste, e estás comigo
á sombra dêste olmeiro secular...

Que encantado silencio, amor!... Bemdigo
o ensejo que me dá de te evocar...
Andam dum Fauno em torno ao vulto amigo
borboletas beijando-se no ar...

Desde que vi surgir na noite escura
que era antes de te amar meu sentimento
esse condão que o mundo transfigura,

percebi, no meu proprio encantamento,
que tu davas sentido á formosura...
—E nunca mais tive outro pensamento!...

1915
(Inédito)

Branca de Gonta Colaço

INDICE

Indice da parte litteraria

Prefacio ..... RICARDO JORGE

Pag.

A. D'AZEVEDO CASTELLO BRANCO 31
ADRIANO MORGADO CAMÊLO 325
AFFONSO DE DORNELLAS 171
AFFONSO LOPES VIEIRA 9
AGOSTINHO DE CAMPOS 223
ALBERTO MARQUES PEREIRA 217
ALBERTO MONSARAZ (CONDE DE MONSARAZ) 21
ALBERTO PIMENTEL 207
ALFREDO DA CUNHA 53
ALFREDO PASSANHA 69
ALFREDO PIMENTA 13
ALFREDO PINTO (SACAVEM) 33
ALVARO DE CASTELÕES 115
ALVARO DE PAIVA 5
ANA DE CASTRO OSORIO 121
ANTONIO CANDIDO 209
ANTONIO CORRÊA D'OLIVEIRA 77
ANTONIO DA PENHA E COSTA 229
ANTONIO SARDINHA 65
AUGUSTO GIL 181
AUGUSTO DE LACERDA 155
AUGUSTO DE SANTA-RITA 305
AYRES DE ORNELLAS 29
AYRES DE SÁ 261
BENTO CARQUEJA 7

Pag.
Bernardo de Passos 175
Branca de Gonta Colaço 347
Caïel 327
Candido de Figueiredo 285
Candido Guerreiro 25
Carneiro de Moura 189
Cesar de Frias 197
Christovam Ayres 245
Conde de Sabugosa 35
Cruz Magalhães 257
Cruz Moreira (Caracoles) 319
Cunha e Costa 341
Domitilla de Carvalho 93
E. Severim de Azevedo (Crispim) 157
Eduardo Garrido 141
Eduardo Schwalbach Lucci 23
Ernesto de Vasconcellos 331
Eugenio de Castro 303
F. Gomes Teixeira 241
F. de Macedo Lopes 99
F. Rangel de Lima 37
Fernandes Costa (General) 105
Francisco de Queiroz 135
Francisco dos Santos-Viegas 187
Garcia Pulido 81
Gomes de Brito 275
Guerra Junqueiro 345
Henrique Lopes de Mendonça 129
Hippolyto Raposo 151
Hygino Mendonça 61
J. A. Moreira d'Almeida 313
J. C. Rodrigues da Costa 219
J. Leite de Vasconcellos 255
J. de Oliveira Simões 163
Jaime de Magalhães Lima 11
João do Amaral 273
João Costa 117
João de Deus Ramos 251
João da Rocha 119
João Saraiva 299
Joaquim Leitão 287
José Antonio de Freitas 79
José Caldas 101
José Coelho da Cunha 227
José Victorino Ribeiro 15

Pag.

Julio Brandão 289
Julio de Castilho 41
Julio Dantas 103
Lourenço Cayolla 265
Luciano Pereira da Silva 165
Luís de Almeida Braga 237
Luiz de Magalhães 49
Luthgarda de Caires 277
Manoel d'Arriaga 97
Maria Amalia Vaz de Carvalho 301
Maria Candida Parreira 343
Maria de Carvalho 317
Maria José de Azeredo Teixeira de Aguilar 203
Maria Magdalena de Martel Patricio 1
Maria O'Neil 263
Mario Beirão 221
Martinho da Fonseca 247
Mayer Garção 183
Mécia Mousinho de Albuquerque 55
Pinto de Carvalho (Tinop) 67
Ruben de Lara 179
Santos Farinha 137
Silva Campos 339
Sousa Costa 85
Teixeira de Paschoaes 149
Teixeira de Queiroz 63
Vicente Almeida d'Eça 145
Vicente Arnoso 127
Virginia de Castro e Almeida 291
Visconde de Villa-Moura 279
Xavier de Magalhães (Gamalhães) 315

Nota

Por lapso não sahiu impresso na pag. 31 o seguinte:

Inédito, offerecido por seu irmão Ex.mo Sr. José d'Azevedo Castello Branco.

Indice das illustrações

Pag.

Affonso de Dornellas ..... 84, 156 e 272
Alfredo Guedes 206
Carlos Reis 40
Emilia Santos Braga 60
Felix da Costa 136
Helena Gameiro 48
J. V. Salgado 312
João Vaz 240
Jorge Colaço 10
José Albino Armando 182
José Campas 128
José Malhôa 104
Luiz Costa — *Folha d'Album* — Capricho 32
Luiz de Freitas Branco — Peça para piano 326
Maria Alexandrina Ferreira Chaves ..... 120 e 144
Maria da Conceição de Lemos Magalhães 344
Roque Gameiro 304
Teixeira Lopes 24
Visconde de Moraes Sarmento 222
Visconde de Sacavem (José) 284

91-B4119

Acabou de imprimir-se
aos 30 dias do mez de Agosto de 1917
na typographia
dos Caminhos de Ferro do Estado
Rua de São Mamede, 63
em Lisboa

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00018 8538